IBGE - FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA

DPE - DIRETORIA DE PESQUISAS

PESQUISAS ESPECIAIS DO
DEPARTAMENTO DE AGROPECUARIA

OFFICE OF THE PARTY OF THE PART

- METODOLOGIAS E RESULTADOS -

NUMERO 13

FEVEREIRO DE 1989

PARTHOD IN BOLDING

N.º do cop. . c. . if Dala: _l/s_ _o _ c. _ d.

PRESIDENTE

Charles Curt Mueller

DIRETOR GERAL

David Wu Tai

DIRETOR DE PESQUISAS

Lenildo Fernandes Silva

CHEFE DO DEPARTAMENTO DE AGROPECUÁRIA - DEAGRO
Elvio Valente

CHEFE DA DIVISÃO DE PLANEJAMENTO - DIPLA/DEAGRO

Jairo Augusto Silva

CHEFE DA DIVISÃO DE PESQUISAS - DIPES/DEAGRO

Terezinha Iza Cezar





PESQUISAS ESPECIAIS DO DEPARTAMENTO DE AGROPECUÁRIA

CONDAINS & ABEL-2000, Vol. 1, w. 51 was - 100g

THE STORES OF THE PROPERTY OF STREET STORES OF STREET

. O SIGILS IN CARCONACCES SULFICENCES + UNION PROPERTY OF THE

ANALES TO A PROPERTY OF THE PR

: anthoughter M. OASEGURIS ANAS ROTHER

- METODOLOGIA E RESULTADOS -

A CONTINUES OF CONTACT BE LEGISLES, AND BASE LAST BE EASTED FOR

Para maiores informações contactar o DEAGRO

Rua Visconde de Niterói, 1246 - Bloco B, 9º andar

Mangueira - Rio de Janeiro - CEP: 20 941

Fones: 284 8131, 248 4706, 228 3393, 284 3322 r: 388 e 281

Telex: 2131018

TEXTOS PARA DISCUSSÃO já publicados :

- PESQUISAS CONTÍNUAS DA INDÚSTRIA, vol. I, n. 1, jan. 1988
- PESQUISAS AGROPECUÁRIAS CONTÍNUAS : METODOLOGIA, vol. 1, n. 2, 1988
- UMA FILOSOFIA DE TRABALHO : AS EXPERIÊNCIAS COM O SNIPC E COM O SINAPÍ, vol. I, n. 3, mar. 1988
- O SIGILO DAS INFORMAÇÕES ESTATÍSTICAS : IDÉIAS PARA REFLEXÃO, vol. I, n. 4, abr. 1988
- PROJEÇÕES DA POPULAÇÃO RESIDENTE E DO NÚMERO DE DOMICÍLIOS PARTICULARES

 OCUPADOS: 1985-2020, vol. I, n. 5, mai. 1988
- CLASSIFICAÇÃO DE ATIVIDADES E PRODUTOS, MATÉRIAS-PRIMAS E SERVIÇOS
 INDUSTRIAIS : INDÚSTRIA EXTRATIVA MINERAL E DE TRANSFORMAÇÃO, vol. I, n.
 6, ago. 1988
- A MORTALIDADE INFANTIL NO BRASIL NOS ANOS 80, vol. I, n. 7, set. 1988
- ENSAIO SOBRE O PRODUTO REAL DA AGROPECUÁRIA, vol. I, n. 9, set. 1988
- PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DAS PESQUISAS ECONÔMICAS, SOCIAIS E DEMOGRÁFICAS, vol. I, Número Especial, out. 1988
- NOVO SISTEMA DE CONTAS NACIONAIS, ANO BASE 1980 RESULTADOS PROVISÓRIOS, vol. I, n. 10, dez. 1988
- PESQUISA DE ORÇAMENTOS FAMILIARES METODOLOGIA PARA OBTENÇÃO DAS INFORMAÇÕES DE CAMPO, n. 11, jan. 1989
- DE CAMPONESA A BOIA-FRIA : TRANSFORMAÇÕES DO TRABALHO FEMININO, n. 12, fev. 1989

Para informações e consulta dirigir-se à : .

BIBLIOTECA DA DPE

Rua Visconde de Niterói, 1.246 Bolco B, sala 506, Mangueira
Telefone: (021) 284 33 22 ramal: 303

APRESENTAÇÃO

O DEAGRO - Departamento de Agropecuaria do IBGE, a par das pesquisas contínuas que realiza sistemáticamente, e cujos procedimentos metodológicos foram objeto do Texto para Discussão nº 2: Pesquisas Agropecuarias Contínuas - Metodologia, tem efetuado outros levantamentos, com os mais variados propósitos, objetivando a melhoria das estatísticas agropecuarias.

Este Texto para Discussão nº 13 reune as metodologias, bem como os resultados dessas pesquisas especiais do DEAGRO, complementando, portanto, as informações já divulgadas no documento anterior.

Constam deste volume textos sobre os se guintes inquéritos: Pesquisa Especial de Soja, Pesquisa Anual de Couros, Pesquisa de Custos e Margens de Comercialização, Pesquisa de Pimenta do Reino/Pará, Sistema de Previsão de Safras Agrícolas e Perfil dos Usuários de Estatísticas Agropecuárias.

A divulgação destes documentos, reunidos neste volume, objetiva, não só tornar público de uma maneira mais efetiva estes trabalhos mas, também, submetê-los à crítica e julgamento, visando seu futuro aperfeiçoamento.

EQUIPE

· Participaram na elaboração deste trabalho, os seguintes técnicos:

- BRUNO MARCUS RANGEL PESSANHA Pesquisa Especial de Soja e Pesquisa Anual de Couro;
- CARLOS ALBERTO LAURIA Sistema de Previsão de Safras Agrícolas e Pesquisa de Pimenta do Reino;
- ELVIO VALENTE Organização e revisão geral do documento; Pes quisa Especial de Soja, Pesquisa de Pimenta do Reino e revisão da tradução da Metodologia da FAO e do Relatório Final da Pes quisa de Custos e Margens de Comercialização;
- FIDELIS MARTELETO Perfil dos Usuários das Estatísticas Agropecuárias; Tradução e revisão do Relatório Final da Pesquisa de Custos e Margens de Comercialização;
- JAIRO AUGUSTO SILVA Pesquisa de Custos e Margens de Comercia lização;
- JOSE ANTONIO DA SILVA NETTO Perfil dos Usuários das Estatís ticas Agropecuárias;
- LAYRA QUEIROZ ASLANIAN Tradução da Metodologia da FAO (Pes quisa de Custos e Margens de Comercialização);
- LENILDO FERNANDES SILVA Pesquisa Especial de Soja;
- MIRANE MARTINS CARRILHO Sistema de Previsão de Safras Agricolas;
- NEIDE ALVES CAMPOS Sistema de Previsão de Safras Agricolas;

- ROBERTO AUGUSTO SOARES PEREIRA DUARTE Pesquisa Especial de Soja;
- ROSANGELA CORREA DE ALMEIDA Tradução do Relatório Final da Pesquisa de Custos e Margens de Comercialização;
- ROSENARY VALLEJO DE AZEVEDO Sistema de Previsão de Safras Agrícolas;

Participaram ainda, indiretamente, todas as pessoas envolvidas com as pesquisas mencionadas, bem como RITA SOARES GALVÃO e MARIA ALICE FONSECA DE CARVALHO, nos trabalhos de datilografia.

SUMÁRIO

I -	Pesquisa Especial de Soja	6
	1 - A Safra 1985/86	6
	2 - A Safra 1986/87	8
	3 - Alguns Aspectos da Indústria da Soja	10
	4 - Disponibilidade das Informações	11
101	5 - Anexo: Formulário	14
II -	Pesquisa Anual de Couro	15
	1 - Antecedentes	15
	2 - Aspectos da Pesquisa - Objetivos, Unidade de	
71	Investigação, Periodicidade, Âmbito de Investiga	•
	ção e Variáveis Investigadas	17
	3 - Disponibilidade das Informações	19
	4 - Anexo: Formulário	22
2		
III -	Pesquisa de Pimenta do Reino - Estado do Pará - 1982	#
	e 1989	23
	1 - Características Principais da Pesquisa de 1982	23
	1.2 - Metodologia	24
	2 - Características Principais da Pesquisa de 1988	25
	2.1 - Metodologia	26
	2.2 - Coleta dos Dados	27
	2.3 - Instrumentos de Coleta	27
27	2.4 - Disponibilidade das Informações	. 28
	2.5 - Anexo: Formulário	37
IV -	Perfil dos Usuários das Estatísticas Agropecuárias	39
	1 - Introdução	39
	2 - Os Usuários das Estatísticas de Previsão de Safras	39
	3 - Os Usuários que Recorrem aos Serviços do IBGE	44
	4 - Considerações Finais	50

-	resquisa de custos e Margens de comercialização na Agri-	
	cultura	51
	1 - Resumo da Metodologia e dos Resultados	51
	2 - Metodologia Sugerida pela FAO	61
	3 - Relatório Final	.75
	3.1 - Arroz	81
	3.2 - Milho	88
	3.3 - Soja	92
	3.4 - Carne de frango	98
	3.5 - Cana-de-açúcar	101
	3.6 - Café	106
	3.7 - Cacau	110
	3.8 - Leite	114
	3.9 - Trigo	117
	4 - Anexo: Formulário	120
	- Der gemeintetende dem Enformeções Consequenções	
-	Sistema de Previsão de Safras Agricolas - Análise das	
	Estimativas: Paraná - Santa Catarina e Distrito Federal	150
	1 - Introdução	150
	2 - Paraná	152
	3 - Santa Catarina	155
	4 - Distrito Federal	156
	5 - Conclusão	159
	6 - Anexo: Formulário	196
	一 一	cultura 1 - Resumo da Metodologia e dos Resultados 2 - Metodologia Sugerida pela FAO 3 - Relatório Final 3.1 - Arroz 3.2 - Milho 3.3 - Soja 3.4 - Carne de frango 3.5 - Cana-de-açúcar 3.6 - Café 3.7 - Cacau 3.8 - Leite 3.9 - Trigo 4 - Anexo: Formulário - Sistema de Previsão de Safras Agrícolas - Análise das Estimativas: Paraná - Santa Catarina e Distrito Federal 1 - Introdução 2 - Paraná 3 - Santa Catarina 4 - Distrito Federal 5 - Conclusão

the control of the co

PESQUISA ESPECIAL DE SOJA (1)

O IBGE divulga, mensalmente, as estimativas de safra para cerca de 35 produtos agrícolas, que integram o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola - LSPA, dentre eles a soja. Trata-se de um levantamento de caráter subjetivo, cujos resultados podem conflitar, eventualmente, com aqueles divulgados por fontes não oficiais e obtidos por metodologias distintas. Neste sentido, a discrepância entre os resultados deve ser vista como natural, decorrente das diferenças de procedimentos na obtenção dos dados. O importante é que os resultados não difiram significativamente, isto é, se mantenham dentro de limites aceitáveis, do ponto de vista estatístico.

1. A SAFRA 1985/86

Um exemplo de divergência entre informações ocorreu quando da divulgação da estimativa final para a safra de soja 1985/86, correspondente ao ano comercial 1986/87. Os dados de produção obtidos pela Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (ABIOVE), que ao longo do tempo praticamente coincidiram com aqueles levantados pelo IBGE (Tabela 1), apresentaram uma variação para maior de 900 000 toneladas, em relação ao dado do IBGE (13,3 milhões de t). Na mesma ocasião, a Companhia de Financiamento da Produção - CFP divulgou estimativas da ordem de 13,1 milhões de toneladas.

Em consequência do ocorrido e tendo em vista o cará ter oficial de suas informações, o IBGE decidiu realizar uma pesqui sa especial junto às indústrias de esmagamento da leguminosa, para ava liar se suas estimativas se mantinham dentro de margens de erro con sideradas aceitáveis. A pesquisa foi realizada no período de 1 a 27 de março de 1987, tendo-se levantado também informações em instituições que tratam do comércio exterior do complexo soja e dos esto

⁽¹⁾ Publicado na revista Indicadores IBGE vol. 7 nº 6 junho de 1988.

ques e reservas de sementes para plantio, além de dados sobre perdas relativas às safras.

A identificação das indústrias para constituição do cadastro da pesquisa, foi feita com base em informações do Censo Industrial, em listagem fornecida pela ABIOVE, e complementadas pela rede de coleta do IBGE. O levantamento na indústria, referente à matéria-prima da safra 1985/86 processada, correspondeu ao ano comercial de 1986/87, no que diz respeiro às operações comerciais e industriais.

TABELA 1

BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA DE SOJA EM GRÃO, SEGUNDO A ABIOVE E PRODUÇÃO DE SOJA, SEGUNDO IBGE (LSPA), SAFRA 1981/82 A 1984/85

Brasil - 1.000 t

DISCRIMINAÇÃO	SAFRA 1986/87	SAFRA 1984/85	SAFRA 1983/84	SAFRA 1982/83	SAFRA 1981/82
meno consequent communication	a Lucia	sevile sta	ABIOVE	edici	- 4
Estoque inicial	822	279	204	550	438
Produção	14 245	18 296	15 126	14 590	12 890
Importação	339	378	146	51	1 250
Sementes e perdas	1 065	1 250	1 100	1 000	800
Exportação	1 200	3 456	1 580	1 115	500
Esmagamento	12 332	13 774	12 517	12 872	12 728
Estoque Final	809	473	279	204	. 550
	soulte)		IBGE		
Produção	13 300	18 276	15 540	14 582	12 836

FONTES - Associação Brasileira de Óleos Vegetais; IBGE/Diretoria de Pesquisas/Departamento de Agropecuária (Levantamento Sistemático da Produção Agrícola).

O questionário (ver anexo) aplicado de modo exaustivo nas indústrias, abrangeu as seguintes variáveis: capacidade total instalada de armazenamento e esmagamento de grãos; sistema de extração do óleo; estoque inicial e final; quantidade adquirida mês a mês, segundo a procedência; quantidade de soja esmagada e produtos finais.

Os resultados da pesquisa (Tabela 2) apontaram para uma produção de 14 044 mil toneladas, ou seja, 1,4% inferior à estimativa da ABIOVE e 5,3% superior à obtida pelo LSPA. A estimativa da produção foi obtida somando-se à quantidade esmagada, as importações, as perdas e sementes e o estoque final, tendo-se deduzido as importações e o estoque inicial.

TABELA 2

BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA DE SOJA EM GRÃO (SAFRA AGRÍCOLA

1985/86 - ANO COMERCIAL 1986/87)

Brasil - 1 000 t

ABIOVE	PESQUISA ESPECIAL IBGE
(+)12 332	(+)12 151
(-)822	(-)893
(+)1 200	(+)1 200
(-)339	(-)339
(+)1 065	(+)1 065
(+)809	(+)860
(=)14 245	(=)14 044
	(+)12 332 (-)822 (+)1 200 (-)339 (+)1 065 (+)809

⁽¹⁾ Estoque global (em poder do governo, setor processador, coopera tivas/produtores e comerciantes).

2. A SAFRA 1986/87

Tendo em vista a importâcia desta pesquisa, o IBGE resolveu repetí-la, visando o contínuo aperfeiçoamento das

estatísticas agrícolas. Desta forma, no período de 1 a 21 de março de 1988, a pesquisa foi realizada para o ano comercial 1987/88, corres pondente à safra agrícola 1986/87, mantidos os seus objetivos e ca racterísticas. O resultado concernente à produção, apresentado na Tabela 3, evidenciou uma diferença para menos de 5,4% em relação ao da ABIOVE e 3,6% em relação ao LSPA/IBGE (16 979 mil t). Comparativa mente à previsão da CFP (17 072 mil t), o resultado da pesquisa ficou 4,2% abaixo.

De acordo com os dados das Pesquisas já realizadas, constatou-se que as estimativas da safra de soja do LSPA têm-se situado nu ma margem de variação de cerca de ± 5% em relação aos dados da indús tria de esmagamento. Esses resultados são plenamente aceitáveis do ponto de vista estatístico, considerando-se o caráter subjetivo das estimativas do LSPA. É necessário, também, levar-se em consideração que esses resultados estão restritos a apenas dois anos, de forma que, certamente, aperfeiçoamentos ocorrerão na medida em que se repita a pesquisa.

TABELA 3

BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA DE SOJA EM GRÃO (SAFRA AGRÍCOLA
1986/87 - ANO COMERCIAL 1987/88)

Brasil

200(+) 2 250(-)	ABIOVE	PESQUISA ESPECIAL (IBGE)
DISCRIMINAÇÃO .	1.	.000 t
Esmagamento	(1)(+)13 90	00 (+)12 979
Estoque inicial (2)	(-)80	THE PERSON NAMED IN COLUMN 2 I
Exportação	(+)3 00	00 (+)3 000
Importação	(-)44	(-)441
Sementes e outros	(+)1 25	0 (+)1 227
Estoque final (2)	(1)(+)40	0 (+)458
Produção	(1)(=)17 30	00 (=)16 363

⁽¹⁾ Dados preliminares sujeitos a correções. (2) Estoque global (em poder do governo, setor processador, cooperativas/produtores e comerciantes).

A divulgação de dois resultados distintos para a sa fra de soja, ainda assim é feita pelo IBGE, muito embora esteja cien te de que um único dado seria mais adequado aos interesses dos usuários. Reitera-se no entanto, que pesquisas com métodos distintos resultam, com frequência, em resultados diferentes.

Nesse sentido, parece desaconcelhável, em vista da ex periência ainda reduzida com a Pesquisa Especial, que se proceda a substituição dos dados na série temporal da produção de soja do LSPA.

De todo modo, é possível que no futuro, na medida em que se avance no aperfeiçoamento dos inquéritos referentes às safras agrícolas (subjetivos, indiretos, diretos, etc.), ainda se obtenham resultados distintos, mas com diferenciais sempre menores. Para is so o IBGE vem investindo em várias frentes, notadamente no método de previsão de safras por amostragem de área, com apoio das técnicas de sensoriamento remoto.

3. ALGUNS ASPECTOS DA INDÚSTRIA DA SOJA

O parque industrial de esmagamento de soja está praticamente concentrado nas Regiões Sul e Sudeste. Em 1987, a Região Sul detinha 60 unidades processadoras em atividade com capacidade no minal instalada de 55 170 t/dia. Na Região Sudeste, funcionavam 28 indústrias com capacidade total de esmagamento de 16 455 t/dia. Em conjunto, essas duas regiões representavam 91,97% da capacidade instalada no País. A Região Centro-Oeste, que vem registrando nos últimos anos forte expansão da lavoura da leguminosa, dispunha em funcionamento de 8 unidades com a capacidade total de esmagar 5 100 to neladas de grãos por dia. Embora a pesquisa se refira apenas a dois anos recentes, pôde-se observar incremento de 15,9% na capacidade no minal instalada das unidades em atividade na região (Tabela 4).

Coerentemente com a importância do papel que representa na produção e na industrialização do grão, a Região Sul processou 9,4 milhões de toneladas, correspondendo a 72,4% do total esmagado no País no ano comercial 1987/88 (fevereiro a janeiro). Esta cifra representou incremento de 13,6% em relação ao período anterior. A Região Sudeste esmagou 2,65 milhões de toneladas, representando 20,4%

do total processado em 1987/88. Em relação ao período anterior, es te desempenho acusou declínio de 18,1%. A Região Centro-Oeste, em bora ainda pouco expressiva na idustrialização da soja, esmagou 0,86 milhão de tonelada em 1987/88, superando em 48,8% o desempenho do ano comercial anterior (Tabela 6).

De acordo com os dados da Tabela 7, nota-se um forte deslocamento dos grãos de soja produzidos no País. Esse fenômeno é mais evidente na Região Sul que adquiriu 20,6% do produto fora de suas fronteiras no ano comercial de 1986/87. Neste período, a Região Centro-Oeste, com o total de 1,49 milhão de toneladas, constituiu-se no principal fornecedor das indústrias sulinas. As 242,6 mil toneladas compradas no exterior representaram 2,71% do total adquirido pela Região Sul, sendo que os Estados Unidos foi o seu principal fornecedor (199 mil t).

O Sudeste foi também grande comprador da produção da Região Centro-Oeste, que representou 41,6% do total adquirido no ano comercial 1986/87. As indústrias da Região Sudeste, concentradas em sua quase totalidade em São Paulo, são as mais dependentes do produto externo, já que dentro de suas fronteiras foram adquiridas apenas 1,97 milhão de toneladas, ou seja, 55,8% do total de grãos de soja.

O movimento de compras no ano comercial 1987/88 mostrou acentuamento da dependência das indústrias das Regiões Sudeste e Sul do produto originário do Centro-Oeste (Tabela 7).

4. DISPONIBILIDADE DAS INFORMAÇÕES

As informações sobre as pesquisas já realizadas (1985/86 e 1986/87) estão disponíveis no Departamento de Agropecuária do IBGE. Os dados referentes à pesquisa relativa à Safra 87/88 estarão disponíveis em junho de 1989.

ar a mirenio restruo autarenso ab eroditara, e

obolyma de dessia na la 21-th Sperry Lai is

TABELA 4

NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS, CAPACIDADE DE PROCESSAMENTO E PARTICIPAÇÃO RELATIVA DA CAPACIDADE, SEGUNDO AS GRANDES REGIÕES - 1986/87

Brasil

100	NAME OF	NÚMER	O DE EST	ABELECIM	ENTOS		PROCESSAMENTO	CAPACID		
GRANDES REGIÕES	Em'ati	vidadę	. Parali	sados	Exti	ntos		ELECIMENTOS DE (t/dia)	PROCESS (%	
ntnoent.	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987
TOTAL	101	101	19	13	12	6	79 137	77 965	100,00	100,00
Nordeste	4	5	1	-	-	-	760	1 240	1,00	1,60
Sudeste	30	28	4	5	6	1	16 786	16 455	21,20	21,10
Sul	60	60	12	7	6	5	57 191	55 170	72,20	70,80
Centro-Ceste	7	8	2	1		-	4 400	5 100	5,60	6,50

TABELA 5

PROCESSAMENTO, SEGUNDO AS GRANDES REGIÕES - 1986/87 Brasil

No. of Contract of		CLAS	SES DE	CAPAC	IDADE	DE PRO	CESSAM	ENTO (t/dia)		TO	TAL DE ES	STABELECIME	NTOS
GRANDES REGIÕES	Até	199	200 -	499	500	- 999	1000 -	1999	2000	mais	Nún	ero	(9	3)
with efforts to be	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987
TOTAL	23	20	23	25	22	23	26	26	7	7	101	101	100,00	100,00
Nordeste	2	2	2	2	_	1	-	20	40	-	4	5	3,96	4,95
Sudeste	11	11	7	5	5	5	7	7	-	-	30	28	29,70	27,72
Sul	10	7	12	16	14	13	17	17	7	7	60	60	59,41	59,41
Centro-Oeste	-	-	2	2	3	4	2	2		2	7-	8	6,93	7,92

TABELA 6

BALANÇO DOS ESTOQUES DE SOJA EM GRÃO NOS ESTABELECIMENTOS PROCESSADORES, SEGUNDO AS GRANDES REGIÕES

GRANDES REGIÕES	INICIAL	ADQUIRIDO PROCESSADO				VENDIDO, TRANSFERIDO E PERDAS		L
			QUANTIDAD	E (t)				
		Ano com	ercial 1986/87	17M110				,
TOTAL	544 674	13 218 72	7 12 15	503	1 151	758	461	14
ordeste	1 182	84 46	5 6!	5 836	15	243	4	56
udeste	101 714	3 526 20	3 3 23	3 210	307	231	87	47
ul	386 962	8 945 48	8 27	3 841	784	322	274	28
entro-Jeste	54 816	662 57	57	7 616	44	962	94	81
PERSONAL PROPERTY AND ADMINISTRATION OF THE PERSON OF THE								
Tr. 02	19,300	Ano come	ercial 1987/88					
TOTAL	461 140	14 073 510	5 12 97	9 057	1 387	865	167	73
rdeste	4 568	79 22	5 6	7 762	15	843		18
ideste	87 476	2 890 341	3 2 64	7 737	312	144	17	94
11	274 280	10 203 92	9 40	4 057	941	384	132	76
entro-Jeste	94.816	900 01	7 85	9 501	118	494	16	83

QUANTIDADE DE SOJA EM GRÃO INGRESSADA NOS ESTABELECIMENTOS
PROCESSADORES, SEGUNDO A ORGEM DA MATÉRIA-PRIMA
BPAS11

ORIGEM DA MATÉRIA-PRIMA	LOCALIZAÇÃO	DOS ESTABELECI	MENTOS (t)		RES DE	SOJA EM GRĀ	0		
ORIGEN DA MATERIA-PRIMA	Nordeste	Sudest	e	Sul		Centro-0	este	To	TAL
ent more to be a fig.		Ano	comerci	al 1986/87					
TOTAL	84 465	3 526	203	8 945	481	662	578	13 2	18 727
NACIONAL	84 465	3 526	203	8 702	853	660	722	12 9	74 243
Nordeste	77 226	20	475		-		*	V	97 701
Sudeste	139	1 967	527	108	616	4	655	2 0	80 937
Sul	_	71	985	7 106	151		-	7 1	78 136
Centro-Jeste	7 100	1 466	216	1 488	086	656	067	3 6	17 469
ESTRANGEIRA			-	242	628	1	856	2	44 484
Bolívia			-	2	763	1	856		4 619
Paraguai			-	40	843		-		40 843
EUA	-			199	022			1	99 022
	Park to the			-1 1007/00	•				
THE LOUIS THE CONT.	***************************************			al 1987/88			222	1.55	
TOTAL	79 225	2 890		10 203		900			73 516
KACICNAL	79 225	2 890	348	9 791	058	891	848	13 6	52 479
Norte			-	3	038		-		3.038
Nordeste	74 796	4	895	6	349	1	425		87 465
Sudeste	T (0.50)	1 526	932	104	386	42	619	. 16	73 937
Sul		6	839	7 518	456		852	7 5	26 147
Centro-Jeste	4 429	1 351	682	2 158	829	846	952	4 3	61 892
STRANGE1RA			_	412	868	1 1/1	169	4	21 037
Bolívia	177 100			412			169		8 169
	T Service To		100		-		109		THE STREET
Paraguai			110		004		-		2-004
EUA	-		-	410	864		-	4	10 864

TABELA 8

QUANTIDADE DE SOJA EM GRÃO PROCESSADA, DEFARELO E ÓLEO BRUTO OBTIDOS,
RENDIMENTOS INDUSTRIAIS (R.I.), SEGUNDO AS GRANDES REGIÕES

Brasil

	QUANTIDADE	FAREL	0	ÓLEO BI	RUTO
GRANDES REGIÕES	DE SOJA PROCESSADA (t)	Quantidade (t)	R.I. (%)	Quantidade (t)	R.I. (%)
\$81. to 165 mg	275 488 4	Ano comercial	1986/87		
TOTAL	12 150 503	9 503 048	78,21	2 263 556	18,63
Nordeste	65 836	52 204	79,29	12 228	18,57
Sudeste	3 233 210	2 524 686	78,09	606 054	18,74
Sul	8 273 841	6 474 047	78,25	1 534 803	18,55
Centro-Jeste	577 616	452 111	-78,27	110 471	19,13
	LEST WHE WE	Ano comercial	1987/88		
TOTAL	12 979 057	10 117 972	77,96	2 417 120	18,62
Nordeste	67 762	52 940	78,13	12 612	18,61
Sudeste	2 647 737	2 094 588	79,11	486 011	18,36
Sul	9, 404 057	7 323 950	77,88	1 755 250	18,66
Centro-Deste	859 501	. 646 494	75,22	163 247	18,99

PESC	WISA DA	PRO	DUÇÃO DE	SOJA (EM	GRÃO)/INC	ÚSTRIA	F	1988 ANO-B	ASE		00		CAI	RIMBO	
			odução de formação)	soja en i	grāo utiliz	ada pela			EFERÈNC	IA					
	BLOC	0 1				1DE	NTIFICA	ção do	ESTABELE	CIMENTO)	10	0.1	lan .	
01	NOME	;										10	li me		F estern
02	ENDER	EÇΟ	(RUA, NÚM	ERO, BAIR	RO OU LOC	ALIDADE)				-		120	ZMI VS		
03	UF:			04 1	MUNICÍPIO	MITTER IN	GENARA.		121	E48. 10				1,867	93
05	CEP:			06	CAIXA POST	TAL:		JOSEPH .	07	TELEF	FONE:				
	BLOC	0 2			DADOS	ESTRUTU	RAIS E	OPERACIO	DHAIS DO	ESTABE	LECIMEN	то			
08 F	ARMATE	HARF			TAL IN	7		09 01	515	STEMA DI	EEXTRA	ÀO DO Ó	DLEO	02	CONTROLE
_	ARMAZE	Section 1		01		CONNUS	t		01 SOLVE	-continue	0				-
DI	PROCES	NO COLOR	NTO	02		t	dia		04 MISTO 08 MECÂN 16 OUTRO	100	INUO .			. L	1]:
	1011	ML.							The second distriction of the second distric		(especi				
01	ESTOQ	UE IN	icial (E		.88):	Contract of the Contract of th		ENERGY):		• [2
11	Γī				ESTOQ	UE DE S	OJA (EM	GRÃO)	REALIZAD	O POR E	STE EST	ABELECI	MERTO	_	
2	PO			XCIA DE	DADE DE OUTROS OUSTRIAI	ESTABEL	ECTHENT	OS DA E	MPRESA.	T A UO	ITULO DE	PRESTA		ÇÃO. SERVIÇOS	
0000	DÊNC1A	c <u>ó</u> DI							ADE (EN		Section 1				
ROCE	DENLIA	60	FEV/ 88	MAR / 88	ABR/88	MA1/88	JUN/88	JUL / 88	AG0/88	SET/88	001/88	NOV/88	DE Z/88	JAN/89	TOTAL
+	_														
2					-									w	
3															
-							-		-	-	-				Annual Company of the
1								26.27.12	1.						
3								36,7712							
3 4 5 5 7 7								76 / P		100 BH				Шун	

PERÍODO		ESSAMENTO DI		(EM GRÃO) NO JAN/89)		13 P	VENDAS OU TRANSFERÊNCIA: FLO ESTABELECIMENTO NO PERÍODO DE REF			
	SCRIMINAÇÃ		52	QUANTIDADE TOTAL (t)			DESTINO	C0 C0	QUANTIDADE DE SOJA (EM GRÃO (t)	
MATÉRIA- PRIMA		EM GRÃO)	01		0	01	Partie Personne	60		
		RTA	02			02				
PRODUTOS-	FAF	RELO	03	armin		03	nd of any current			
FINAIS OBTIDOS	â ro	BRUTO	04			04				
COTTOCS	ŌLEO -	REFINADO	05			05				
	80	RRA	06			06				
c	ONTROLE		99			99	TOTAL			
14 01		PERDAS DE	SOJA	(EM GRÃO) NAS	ATIV	DAD	ES DE ARMAZENAHENTO E DE HOYIN	ENTAÇÃO DOS	ESTOQUES	
ndicar a qu ovimentação	uantidade o dos esto	total de so ques, durant	ja lem te o p	grão), computada eríodo de referênc	no es	tabe	lecimento como perdas decorrentes do	armazenamento	o e da t	F
BLOCO 3					0	BSER	RYAÇÕES		-53/21411	
		-		THE REAL PROPERTY.	12					
										_
			(1)		-					
A Company										
			-	William !					•	
				APPROPRIES						_
				partial de la companya de la company	1265		I I was		vetere's	
				ANTONIA						
				Marine San Trans	20 20 20 21					
				MATERIAL STATES						
			11111	MATERIAL SERVICES						
			A SAY	ANTONIA	(12 fp (12 fp (12 fp (12 fp (12 fp) (12 fp) (1					
		1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1		MATERIAL PARAMETERS	Rin Val Rai					
		100	10 24 P	1 10 10 1 10 1 10 1 10 1 10 1 10 1 10	78 78 78 78 78 78 78 78 78 78 78 78 78 7					
		100 mm			AST DESCRIPTION OF THE PERSON					
		100,000	1000 1000 1000 1000 1000 1000 1000 100	AND THE RESERVE OF THE PERSON NAMED IN COLUMN TO SERVE OF						
				MATERIAL PROPERTY AND AND ADDRESS OF MATERIAL PROPERTY ADDRESS OF MATERIAL PROPERTY AND ADDRESS OF MATERIAL PROPERTY AND ADDRESS OF MATERIAL PROPERTY AND ADDRESS OF MATERIAL PROPERTY ADDRESS OF MATERIAL PROPERTY AND ADDRESS OF MATERIAL PROPERTY AND ADDRESS OF MATERIAL PROPERTY ADDRESS OF MATERI	A COLUMN TO THE					
				MATERIAL STATES	April					
			Lines July Janes	MATERIAL SEA	*11 P					
				AND THE STATE OF T	*41					
				AND THE STATE OF T	12 13 13 13 13 13 13 13					
				AND THE STATE OF T	12 12 12 12 12 12 12 12					
				MATERIAL SALES	12 h					
					12 h					
.0co 4					AUI	ENT	ICAÇÃO			
LOCO 4		NOVAE EM L	ETRA	DE IMPRENSA DO INF		T	ICAÇÃO DATA DA COLETA NOME EM LETRA DE	IMPRENSA DO A	AGENTE DE COLETA	

1. ANTECEDENTES

As controvérsias sobre as estatísticas relativas ao efetivo de bovinos e ao número de animais abatidos são antigas no País. Datam da época em que eram da responsabilidade do Ministério da Agricultura. Com a transferência dos encargos da apuração estatística para o IBGE, a pesquisa mensal de abate de animais, implementada a partir de 1975, não conseguiu pôr fim às dúvidas suscitadas, já que desde então vem alargando o diferencial entre a taxa de crescimento dos animais abatidos e a do total de bovinos levantados pelos Censos Agropecuários de 1980 e 1985.

Há trabalhos que analisam a questão e procuram evidenciar a inconsistência das estatísticas da pecuária, sobretudo no que concerne à taxa de abate ou desfrute. Em 1986, Corrêa menciona que de 1940 a 1980 o efetivo do rebanho bovino aumentou 243% com incremento de 3,1% ao ano, enquanto os abates aumentaram apenas 129%, com 2,1% de incremento anual. Com base nesses dados, a relação de abates, que no período 1940/60 superava os 13%, cai para 12% em 1970 e para menos de 9% em 1980. Essa queda (aparente) é ratificada pela média dos abates do triênio 1984/86 (9,98 milhões de cabeças), correspondentes a apenas 7,8% do efetivo registrado no Censo Agropecuário de 1985 (ver tabela e gráfico).

No período 1940/85, a produção de carne (peso das carcaças), no entanto, registrou um crescimento de 176%, superior à evolução do número de animais abatidos, refletindo o aumento verificado no peso médio das carcaças.

Para muitos especialistas do setor, desde 1970 tem ha vido melhoria na tecnologia criatória tanto no que concerne à genética, alimentação e sanidade como ao manejo de rebanho, fato que não é

⁽¹⁾ Publicado na revista Indicadores IBGE, vol. nº 8 agosto/1988:

⁽²⁾ Corrêa, A.S. - Pecuária de Corte - Problemas e Perspectivas de Desenvolvimento - EMBRAPA - CNPGC - Campo Grande (MS) 1986.

evidenciado nos dados estatísticos, a não ser aquele relativo ao pe so médio das carcaças. Mas todo aperfeiçoamento do sistema criató rio se expressa de modo generalizado nos índices zootécnicos: idade de abate, idade do primeiro parto, intervalo interpartos, taxas de natalidade e de mortalidade. Nesse sentido, a relação abate / efeti vo de bovinos, estuário comum de todas as melhorias zootécnicas rebanho de corte, deveria ser crescente, isto é, o contrário do reve lado pelas estatísticas da atividade, mormente se for considerado que, na década de 70, a especialização da pecuária foi preponderadamente direcionada para o rebanho de corte em detrimento do rebanho leitei ro ou misto. De fato, o Censo Agropecuário de 1980 revela que o re banho misto (corte e leite) reduziu-se em 25,9%, caindo de 9 milhões de cabeças (1970) para 6,7 milhões (1980). Identicamente, o reba nho leiteiro declinou 5,6% no período, decrescendo de 25,2 decabeças para 23,8 milhões. O rebanho de corte cresceu 100,7% sal tando de 43,5 milhões de cabeças para 87,3 milhões na década da, refletindo o menor controle de mercado de carne bovina (compara tivamente ao do leite) e o maior volume de investimentos alocados na especialidade.

A perda do dinamismo no desenvolvimento da bovinocul tura brasileira na presente década é destacada por vários autores. Mueller², em 1987, com base nos dados dos censos agropecuários, con cluiu que "o rebanho bovino brasileiro ... apresentou um crescimento menor no período 1980/85. Se entre 1970, 1975 e 1980 a expansão do efetivo de bovinos se fez às taxas de 29,4% e 16,17%, respectivamen te, entre 1980 e 1985 alcançou apenas 8,1%". Muito embora ainda não se disponha dos dados de especialização do rebanho, levantados pelo Censo de 1985, acredita-se que o processo de aperfeiçoamento zootéc nico do rebanho tenha prosseguido e até mesmo intensificado na pre sente década, para compensar o menor ritmo de crescimento do rebanho.

Isto porque a especialização, conjugada com a melhoria dos índices zootécnicos, que já é evidente na pecuária do Brasil central, terá por certo que resultar no aumento do número real dos animais abatidos em relação ao efetivo total de rebanho. Conclusão i

² Mueller, C.C. Censos Agropecuários - ensaio especial da revista Agroanalysis, vol. 11, número 6, junho de 1987, da Fundação Getúlio Vargas - Rio de Janeiro.

dêntica foi obtida por Silva³, em 1986, ao estimar um abate 28% a 33% maior do que os abates totais (do setor industrial), segundo o IBGE, no quinquênio 1974/79. Por extensão, a taxa de desfrute (relação entre o número de animais abatidos e o estoque total do rebanho) teria superado em 4 a 6 pontos percentuais os dados oficiais.

Por outro lado, sabe-se que as causas dessa defasagem estatística são de natureza diversa, variando desde a deficiência me cadastro, base da pesquisa até a sonegação de informação, passando pelo abate clandestino. Observa-se que a clandestinidade do comércio de carne bovina aumenta na proporção em que cresce a incidência dos impostos, com destaque para o ICM. Na presente década, quando a alíquota do ICM sobre o abate de bovinos, nas Regiões Sul e Sudeste, saltou de 4,85%, em 1980, para 17%, em 1984, tornou-se notória a intensificação dos abates clandestinos, vez que, segundo as autorida des fazendárias estaduais, não houve aumento da arrecadação proporcional ao crescimento da alíquota. Ao contrário, nos Estados de São Paulo e Mato Grosso do Sul constatou-se um decréscimo no recolhimento do ICM, no período de 1980/84*.

Do exposto, fica evidente a necessidade de se implementar pesquisa piloto na área industrial, de modo a examinar os da dos obtidos na Pesquisa Mensal de Abate de Bovinos. Como pratica mente todo couro de bovino abatido (mesmo aquele do abate clandesti no), devido ao seu valor elevado, é encaminhado às indústrias de cur timento, concluiu-se que esse ramo industrial poderá constituir-se em fonte importante de informações para o teste que se pretende rea lizar.

2. ASPECTOS DA PESQUISA

. Objetivos

1 - A Pesquisa Anual de Couro tem por objetivo apurar, anualmente, o número de couros curtidos no país, visando proporcionar elementos para o me lhor conhecimento do setor pecuário, para fins de planejamento na esfe ra privada ou pública.

³Silva, J.A. Modelo para a Estimação do Rebanho Bovino por sexo e Grupos Etários - Desenvolvimento e Aplicações - Revista Brasileira de Estatísticas - Rio de Janeiro, 47(88): 571-606, out/dez. 1986.

^{*}AGROANALYSIS, vol. 10, nº 6, junho de 1986, Fundação Getúlio Vargas Rio de Janeiro.

. UNIDADE DE INVESTIGAÇÃO

A unidade de investigação é o estabelecimento, industrial ou não, que efetiva o curtimento de couros bovinos, caso em que informará também sobre as outras espécies curtidas. Os estabe lecimentos que curtem somente outras espécies de couros e peles e que apenas efetuam a salga de couros - salgadores - não são objeto da pesquisa.

. PERIODICIDADE

A pesquisa levantará informações anuais para os anos de 1986, 1987 e 1988.

. ÂMBITO DE INVESTIGAÇÃO

Serão investigados todos os estabelecimentos indus triais ou não, que efetuam o curtimento de couros bovinos. Os esta belecimentos foram identificados a partir do cadastro do Censo Indus trial de 1985, complementado por informações obtidas junto à rede de coleta do IBGE.

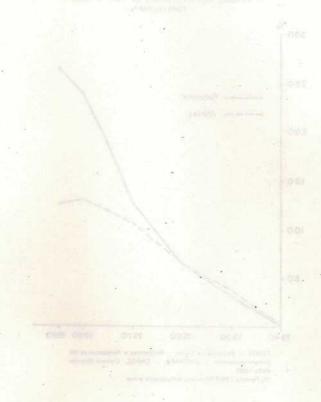
. VARIÁVEIS INVESTIGADAS

- Procedência da matéria-prima (couro cru inteiro de bovino):
 - . nacional de matadouro frigorífico; de matadouro municipal; de intermediário (salgadores); outras
 - . importada
- Número de couros inteiros curtidos:
 - . bovinos ao cromo; ao tanino vegetal; a outros métodods.
 - . caprinos; ovinos; outros.
- Etapa do processamento: wet-blue; semi-acabado; acabado.
- Destino da produção:
 - . wet-blue para processamento em estabelecimento da própria em presa; para outras empresas nacionais; para exportação.
 - produto semi-acabado para processamento em estabelecimento da própria empresa; para outras empresas nacionais; para exportação.

. produto acabado - para processamento em estabelecimento da propria empresa; para outras empresas nacionais; para exportação.

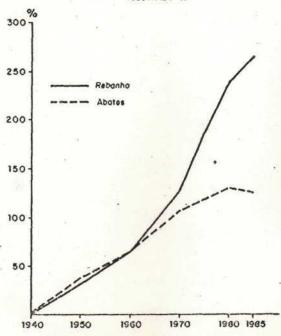
3 - DISPONIBILIDADE DAS INFORMAÇÕES

As informações desta pesquisa estarão disponíveis no DEAGRO ao final do ano de 1989.



produto acatado e pera encuenta en capacida en estabelecimiente de producto de la contrata de contrata

EVOLUÇÃO DO EFETIVO E DO ABATE DE BOVINOS — CENSOS AGROPECUARIOS DE 1940 A 1980 E 1985 (1) (EM %).



FONTE — Pecuána de Corte — Problemas e Perspectivas de Desenvolvimento — EMBRAPA — CNPGC, Campo Grande (MS) 1986.

11) Período 1980/85 acrescentado pelo autor.

BRASIL - EVOLUÇÃO DO EFETIVO DE BOVINOS, ABATE E PESO DAS CARCAÇAS - 1940/85

ANOS	recenseados (1	Abate (1)	Relação	Carcaças peso total (1 000 t)	Carcaças peso médio (kg)	Variação (%)				
		(1 000 cabeças)	abate/ efetivo (%)			Período	Rebanho	Abate	Carcaças Peso Total	
1940	34 392	4 542	13,2	759	167	1940/50	30	35	39	
1950	44 600	6 147	13,8	1 053	171	1950/60	. 26	20	26	
1960	56 041	7 377	13,2	1 326	180	1960/70	40	. 28	39	
1970	78 562	9 441	12,0	1 837	195	1970/80	50	. 10	20	
1980	118 086	10 396	8,8	2 200	212	1940/80	243	. 129	190	
1985 (2)	127 644	9 978	7.,8	2 092	210	1940/85	271	120	176	

FONTE - Pecuária de Corte - Problemas e Perspectivas de Desenvolvimento - EMBRAPA - CNPGC - Campo Grande (MS) 1986.

⁽¹⁾ Médias dos triênios 1939/41, 1949/51, 1949/61, 1959/71, 1979/81 e 1984/86. (2) Ano de 1985 acrescentado pelo autor.

A STATE OF THE STA	1 1	OWOIDA ANU	AL DE COU	(0
IDENTIFICAÇÃO DO ESTABE	LECIME	NTO	O1 IDENTIFICAÇĂ	O DO QUESTIONARIO
Empresa Unidad	e Local	Estab. DV	OIL REFEREN	CIA
		FICAÇÃO	02 Sit. Cadastral	03 Pasta 04 Questionārie
	111-1	/		
[02] (preencha somente o	DADO quando h	S CADASTRAIS DO ESTABELECIMEN DUVER alteração cadastral ou no ca FIRMA OU RAZÃO SOCIAL	TO so de novos Informantes)	
2 2		NOME DO ESTABELECIMENTO		
		ENDEREÇO		
71PO DE LOGRADOURO (rua, av., etc.) 04		NOME DO LOGRADOURO		O5 NOHERO
X6 COMPLEMENTO (andar, sala, grupo, subreloja, etc.))	07	BAIRRO	08 CEP
SIGLA DA UF MUNICTPIO		DIS	TRITO	PARA USO DO ÓRGÃO CENTRAL O9 UF/HUNICTPIO/DV
O DATA DE INÍCIO DE FUNCIONAMENTO		ATIVIDADE		11 CODIGO DA ATIVIDADE
19				L
COURO CRO INTE	IRO D	BOVINO - PROCEDÊNCIA D		The state of the s
and the second s		1000	DADE (unidade)	
ORIGEM (BOVINO) NACIONAL (total)	01	03 1986	04 1987	05 1988
de matadouro frigorífico de matadouro municipal	02			~
de intermediarios (salgadores)	04			2 1 7 7 7 7
outras	05			
IMPORTADA	06			
TOTAL (somar dados de 01 a 06)	99			
МО	MERO D	E COUROS INTEIROS CURTIC	ons .	
		QUANTIE	DADE (unidade) :	
ESPECIFICAÇÃO .		1986	07 1987	08 1988
	01			
BOVINO (total)	02			
ao cromo ao tanino vegetal	03			
ao cromo ao tanino vegetal a outros métodos	03			= = = = = = = = = = = = = = = = = = = =
ao cromo ao tanino vegetal à outros métodos CAPRINO	04			
ao cromo ao tanino vegetal à outros métodos CAPRINO OVINO	04 05 06			
ao cromo ao tanino vegetal a outros metodos CAPRINO OVINO OUTROS (especificar)	04			
ao cromo ao tanino vegetal à outros métodos CAPRINO OVINO	04 05 06			
ao cromo ao tanino vegetal a outros métodos CAPRINO OVINO OUTROS (especificar) TOTAL (somar dados de 01 a 07)	04 05 06 07 99	MENTO DE COURO BOVINO É I	EFETUADO ATÉ: '	
ao cromo ao tanino vegetal a outros métodos CAPRINO OVINO OUTROS (especificar) TOTAL (somar dados de 01 a 07)	04 05 06 07 99			pabado
ao cromo ao tanino vegetal a outros métodos CAPRINO OVINO OUTROS (especificar) TOTAL (somar dados de 01 a 07) O PRO 01 - Wet-blue	04 05 06 07 99 CESSAN			abado
ao cromo ao tanino vegetal a outros métodos CAPRINO OVINO OUTROS (especificar) TOTAL (somar dados de 01 a 07) O PRO 01 - Wet-blue	04 05 06 07 99 CESSAN	- Semi-acabado	03 - A	cabado DUTO ACABADO
ao cromo ao tanino vegetal à outros métodos CAPRINO OVINO OUTROS (especificar) TOTAL (somar dados de 01 a 07) 0 PRO 01 - Vet-blue D WET-BLUE (%) Para processamento em estabele	04 05 06 07 99 CESSAI 02 ESTIN	Semi-acabado D DA PRODUÇÃO EM 1988 PRODUTO SEMI-ACABADO ra processamento em esta	03 - Ac (%) PROI	DUTO ACABADO
ao cromo ao tanino vegetal à outros métodos CAPRINO OVINO OUTROS (especificar) TOTAL (somar dados de 01 a 07) O PRO DI - Wet-blue D WET-BLUE (%) Para processamento em estabele O cimento da propria empresa	04 05 06 07 99 CESSAN 02 ESTIN	Semi-acabado DA PRODUÇÃO EM 1988 PRODUTO SEMI-ACABADO ra processamento em esta mento da propria empresa	(%) PROI	DUTO ACABADO processamento em estabele co da própria empresa
ao cromo ao tanino vegetal à outros métodos CAPRINO OVINO OUTROS (especificar) TOTAL (somar dados de 01 a 07) O PRO 01 - Wet-blue D WET-BLUE (%) Para processamento em estabele — 0 cimento da propria empresa Para outras empresas nacionais — 0	04 05 06 07 99 CESSAN 02 ESTIN	Semi-acabado D DA PRODUÇÃO EM 1988 PRODUTO SEMI-ACABADO ra processamento em esta	(%) PROI	DUTO ACABADO processamento em estabele co da própria empresa putras empresas nacionais.

1 - 08.1ET1VO

A Pesquisa Anual de Couro tem por objetivo apurar, anualmente, o número de couros curtidos no país visando proporcionar o conhecimento desse setor para fins de nianejamento na esfera privada ou pública.

2- UNIDADE DE INVESTIGAÇÃO

A unidade de investigação é o estabelecimento, industrial ou não, que efetua o curtimento de couros boyinos, caso em que informará também sobre as outras espécies curtidas. Os estabelecimentos que curtem somente ou tras espécies de couros e peles e que apenas efetuam a salga de couros - Salgadores não são objeto da pesqui

3- SIGILO DAS INFORMAÇÕES

Os dados obtidos tem caráter confidencial não sendo, de forma alguma, utilizados para fins de fisco, visando somente a quantificação dos dados sobre o curtimento de couros.

4- PREENCHIMENTO DO QUESTIONÁRIO

- 4.1- Identificação do Estabelecimento e do Questionário Esses campos não deverão ser preenchidos, São para uso do ôrgão central.
- 4.2- Dados Cadastrais do Estabelecimento Neste capítulo deverá ser informado o nome da firma ou razão social, nome do estabelecimento (fantasia) e o endereço completo. Os códigos do município e da atividade serão colocados pelo órgão central.
- 4.3- Couro Crú Inteiro de Bovino Procedência da Matéria-Prima
 Considerando que o principal objetivo da pesquisa é conhecer a quantidade de couros bovinos, processados pelos curtumes ou empresas curtidoras, neste capítulo, deverão ser informadas somente as quantidades do couro crú de bovino, expressas em couros Inteiros, que deram entrada nos anos de 1926, 1987 e 1988, de acordo com a procedência: de matadouros-frigoríficos, de matadouros municipais, de salgadores e de ou tras procedências.
- 4.4- Número de Couros Inteiros Curtidos
 Neste capítulo deverá ser informado o número de couros curtidos, no estabelecimento, nos anos de 1986,
 1987 e 1988, expressos em couros inteiros, ainda que sendo matéria prima de terceiros prestação de
 serviço. Devem ser informadas separadamente, as quantidades de couros de bovinos, caprinos e ovinos.
 Capo o informante trabalhe com outras espécies de animals, deverá também informar a quantidade no espaço
 destinado a "outras", especificando-as no verso do questionário.
 As informações relativas a couros bovinos deverão ser discriminadas segundo a forma de curtimento: ao
 cromo, ao tanino vegetal ou outro método, quando for o caso.
- 4.5- O Processamento
 Deverá ser informado, neste capítulo, até que estágio o curtimento do couro de bovino é efetuado pelo esta
 belecimento: Wet-blue, produto semi-acabado e produto acabado.

4.6- Destino da Produção

Deverá ser indicado, neste capítulo, o destino dos couros de bovinos curtidos pelo estabelecimento, caracterizando a proporção (%) de cada estágio: Wet-blue, produto semi-acabado e produto acabado.

4.7- Observações

Registre, neste capítulo, quaisquer observações <mark>que julgar necess</mark>árias, além de: esnecificações e <u>justi</u> ficativas de variações nas quantidades informadas de um ano para outro.

4.8- Autenticação

Registre as datas de recebimento e de devolução do questionário, bem como o nome e a condição do responsável pelo preenchimento junto ao estabelecimento, o qual deverá também apor a sua assinatura no cam po proprio.

32.		OBSERVAÇÕES		

	•			
	***************************************	***************************************		
			······································	

[13]	AUTENTICAÇÃO	[34]	CARIMBO DO CGC	
	Date da coleta	·/···· //198		
Nome de informante		and a suppose	cust all and district	
A sinatura de informante		toping all the	and at any street of the	and a second
200	*	TOT NONERG OG C		

PESQUISA DE PIMENTA-DO-REINO - ESTADO DO PARÁ - 1982 E 1988

A fim de atender a uma solicitação do órgão regional do Ministério da Agricultura, no Estado do Pará, bem como a uma recomenda ção expressa da CEPAGRO, o IBGE realizou, através do DEAGRO, em fins de 1982, uma pesquisa sobre a pimenta-do-reino. Em 1988, em função da im portância que esse produto continua tendo para a economia do Estado, de cidiu-se pela repetição da referida pesquisa.

1 - CARACTERÍSTICAS PRINCIPAIS DA PESQUISA DE 1982

- Objetivo

Esta pesquisa teve como objetivo principal, o levantamento de informações estatísticas no Estado do Pará, sobre:

- . Produção obtida da pimenta-do-reino em 1982;
- . Área da pimenta-do-reino colhida em 1982;
- . Número de pés colhidos em 1982;
- . Número total de pés plantados, bem como a distribuição deste pés segundo a idade: menores de 2 anos, de 2 anos a menos de 6 anos e de 6 anos e mais;
- . Número de pés erradicados em 1982;
- . Número de estabelecimentos agropecuários que cultivam pimentado-reino.

- Data de referência dos dados

Os dados levantados tiveram, como período de referência, o ano civil de 1982 e, como data de referência, o dia 1º de outubro de 1982. Assim sendo, as perguntas sobre área colhida, produção obtida, número de pés colhidos, número de pés plantados e número de pés erradicados, referem-se ao ano civil de 1982. As indagações sobre efetivo das plantações possuem como referencial o dia 1º de outubro de 1982, enquanto que o questionamento relativo ao espaçamento mais utilizado no plantio não se prende a nenhuma data, constituindo-se numa prática adotada habitualmente pelo pipericultor.

- Forma de Levantamento

O levantamento dos dados foi realizado mediante a aplica ção de um questionário específico em cada estabelecimento agropecuário selecionado a partir do Censo Agropecuário de 1980.

- Base Cadastral e Cartográfica

Como base cadastral desta pesquisa, foram utilizadas as folhas de coleta do Censo Agropecuário de 1980, com informações básicas dos estabelecimentos agropecuários, a nível de se tor censitário, relacionados por subsetores (nome das localidades existentes nos setores que apresentaram estabelecimentos agropecuários no Censo Agropecuário de 1980).

1.2 - METODOLOGIA

O método de amostragem empregado para seleção da amostra foi o da amostragem aleatória simples, complementada por uma relação de 400 estabelecimentos agropecuários especiais excluídos previamente da população amostrada. Destaque-se que os estabelecimentos especiais correspondiam, segundo o cadastro utilizado, a aproximadamente 34% da produção paraense da pimenta-do-reino. A seleção da amostra foi realizada com base no cadastro de estabelecimentos produtores da pimenta-do-reino, segundo o Censo Agropecuário de 1980. O tamanho da amostra foi de 336 estabelecimentos que agregados aos 400 estabelecimentos especiais totalizou 726 estabelecimentos a serem visitados para coleta dos dados necessários à consecução dos objetivos da pesquisa. Foram calculados, para todas as variáveis investigadas, os coeficientes de variação das estimativas, afim de que o usuário pudesse ter uma idéia da magnitude dos erros de amostragem. Des ta forma, $\hat{X} = \hat{X}_A + X_E$

$$\hat{X}_{A} = \underbrace{N}_{n} \underbrace{\Sigma}_{\Sigma} \qquad x_{i}$$

$$s^2 = \frac{1}{n-1} \quad \stackrel{n}{\underset{i}{\sum}} \quad (X_1 - \overline{X})^2$$

$$V(\hat{X}) = N^2 \cdot \frac{s^2}{n} \cdot \frac{1}{\hat{X}}$$

 \hat{X} - total estimado

 $\hat{X}_{_{A}}$ - total estimado com as unidades da amostra

 \mathbf{X}_{E} - total da variável, nos estabelecimentos especiais

N - número total de unidades na população

S² - variância da variável

V (X) - variância relativa do estimador X

2 - CATACTERÍSTICAS PRINCIPAIS DA PESQUISA DE 1988

- Objetivo

Esta pesquisa tem como objetivo principal o levantamento de informações estatísticas no Estado do Pará, sobre:

- . Produção obtida da pimenta-do-reino em 1988;
- . Área da pimenta-do-reino colhida em 1988;
- . Número de pés colhidos em 1988;
- . Número total de pés plantados, bem como a distribuição des tes pés segundo a idade: menores de 2 anos, de 2 anos a me nos de 6 anos e mais;
- . Número de pés erradicados em 1988;
- . Número de estabelecimentos agropecuários que cultivam pimenta-do-reino.

- Data de Referência dos Dados

Os dados a serem levantados terão como período de referência o ano civil de 1988 e como data de referência o dia 31 de dezembro de 1988. Assim sendo, as perguntas sobre a área de colheita, quantidade colhida, número de pés colhidos, número de pés plantados e número de pés erradicados, referem-se ao ano civil de 1988. As indagações sobre o efetivo das plantações possuem como referencial o dia 31 de dezembro de 1988, enquanto que o questionamento relativo ao espaçamento mais utilizado no plantio não se prende a nenhuma data, constituindose numa prática adotada habitualmente pelo pipericultor.

- Forma de Levantamento

O levantamento dos dados será realizado mediante a aplicação de um questionário específico em cada estabelecimento agro pecuário selecionado, com base no Censo AGropecuário de 1985.

- Base Cadastral e Cartográfica

Como base cadastral desta pesquisa, foram utilizadas as Folhas de Coleta do Censo Agropecuário de 1985, que contém informações básicas dos estabelecimentos agropecuários, a nível de setor censitário, relacionados por subsetores (nome das localidades existentes nos setores que apresentaram estabelecimentos agropecuários no Censo Agropecuário de 1985.

2.1 - METODOLOGIA

O desenho de amostra empregado foi o de uma amostra alea tória estratificada, usando como variável de estratificação o número total de pés de pimenta-do-reino existente em 31/12/1985, segundo da dos preliminares do Censo Agropecuário de 1985.

De um total de 12 776 estabelecimentos informantes, disponíveis pela produção de 29 144 toneladas, foram excluídos 9 estabe lecimentos que tinham mais de 100 000 pés de pimenta-do-reino, que se rão investigados com certeza e foram denominados "estabelecimento es peciais".

O restante da população foi amostrada, e e o tamanho da amostra foi determinado, considerando as principais variáveis a serem estimadas: área colhida, produção e número de pés colhidos, de modo que os coeficientes de variação fossem da ordem de 5%.

O tamanho da amostra foi de 533 estabelecimentos, que foram alocados em cada estrato, através de uma "alocação ótima", e selecionados aleatoriamente, com base no cadastro de produtores de pimenta-do-reino, do Censo Agropecuário de 1985.

Deste modo, 542 estabelecimentos serão visitados para a coleta de dados necessários a consecução dos objetivos da pesquisa.

2.2 - COLETA DOS DADOS

A coleta de dados será realizada pelos entrevistadores a nível de setor censitário, identificando os estabelecimentos agropecuários em cada setor, e preenchendo os instrumentos de coleta mediante entrevista direta com o produtor ou o seu proposto.

Os subsetores agropecuários correspondem as localidades existentes na área do setor censitário onde foram registrados estabelecimentos agropecuários por ocasião do Censo Agropecuário de 1985. Cada subsetor, portanto, apresenta uma área menor ou no máximo, igual a do setor, devendo ser entendido como uma localidade da zona rural ou urbana que possui denominação própria conhecida pelos moradores da região.

2.3 - INSTRUMENTOS DE COLETA

Os instrumentos de coleta destinam-se ao REGISTRO e CON-TROLE dos dados coletados.

- Relação dos Instrumentos de Coleta a serem utilizados nesta Pesquisa
 - . Caderneta do Entrevistador

Documento que apresenta o mapa e a descrição dos limites do setor censitário a ser trabalhado pelo Entrevistador.

. Relação dos Estabelecimentos da Amostra

Instrumento contendo a relação dos estabelecimentos agropecuários que deverão ser visitados pelos entrevistadores. Esta relação apresenta-se complementada por outras informações necessárias a identificação dos estabelecimentos agropecuários no campo.

Em cada estabelecimento constante da relação será aplicado um questionário.

. Folha de Registro das Informações

Formulário destinado ao registro das informações a serem obtidas nos estabelecimentos agropecuários selecionados.

- Manual de Instrução

Documento contendo as instruções relativas aos conceitos e critérios necessários ao correto preenchimento dos instrumentos de coleta. O manual apresenta, em anexo, uma relação de nomes, códigos e equivalência em metros quadrados das principais unidades de su perfície utilizadas no Brasil.

- Folha de Coleta do Censo Agropecuário de 1985

Formulários contendo o cadastro de estabelecimen tos por setor censitário, e o registro das principais informações obtidas no Censo Agropecuário de 1985.

O uso da cópia da Folha de Coleta do Censo Agro pecuário de 1985, proporcionará ao Entrevistador o conhecimento de "TODOS" os produtores existentes na sua área de trabalho, facilitando a localização dos estabelecimentos agropecuários selecionados para esta pequisa e integrantes da relação de Estabelecimentos da Amostra.

2.4 - DISPONIBILIDADE DAS INFORMAÇÕES

As informações estarão disponíveis no DEAGRO ao final do ano de 1989.

PESQUISA DE PIMENTA-DO-REINO DE 1982

PARÁ

RENDIMENTO MÉDIO E NÚMERO DE PÉS POR HECTARE, SEGUNDO OS GRUPOS DE ÁREA TOTAL E GRUPOS DE ÁREA DE COLHEITA

GRUPOS DE ÁREA TOTAL (ha)	112	43 .8	MÉDIA DE DÉC/La					
GRUPOS DE ÂREA DE COLHEITA (ha)	Hectare		are Po		MED.	─ MÉDIA DE PÉS/ha		
ENTLOR DE L'ABEN DE COURTOTAIS	2 30			1,51	38	1	523	•
GRUPOS DE ÁREA TOTAL					9.0			
Menos de 10	2 16	3		1,26		1	718	
10 a menos de 100	2 34			1,52			540	
100 a menos de 1 000	2 25			1,53			468	
1 000 a menos de 10 000	2 81 2 00			1,76			597 500	ľ
GRUPOS DE ÁREA DE COLHEITA	-100				100			
Menos de 1	1 96	1		1,10	YHEY	1	778	
1 a menos de 2	2 07	9		1,22		. 1	705	
2 a menos de 5	2 09	5		1,37			531	
5 a menos de 10	2 49		7 L L	1,65			510	
10 e mais	2 45	3		1,76		1	417	

PERQUISA DE PIMENTA-DO-REINO DE 1982

PARÁ

PERCENTUAL DO NÚMERO DE INFORMANTES, QUANTIDADE, ÁREA E PÉS QUE PRODUZIRAM

SEGUNDO OS GRUPOS DE ÁREA TOTAL E GRUPOS DE ÁREA DE COLHEITA

GRUPOS DE ÁREA TOTAL (ha)	**************************************								
GRUPOS DE ÁREA DE COLHEITA (ha)	Informantes		Quantidade (kg)	il sv Hla	Área (ha)		Pés que produzira		
TOTALS	100		100	· · · · · · · · · · · · · · · · · · ·	100		100		
RUPOS DE ÁREA TOTAL	3			1 30	18	+ 500	*		
Menos de 10	14,7		5,6		6,0	4 293	6,7		
10 a menos de 100	69,5		53,4		52,6		53,2		
100 a menos de 1 000			38,9		39,8		38,4		
1 000 a menos de 10 000	0,2		0,0	47	1,6		1,7		
10 000 e mais	0,0		0,0		0,0		0,0		
RUPOS DE ÁREA DE COLHEITA			a a	I,At *					
Menos de 1	50,6		7,7		9,0		10,5		
1 a menos de 2	23,5		11,3		12,5	200	14,0		
2 a menos de 5	15,2		17,3		19,0		19,1		
5 a menos de 10	6,1		18,1	185	0,2		16,5		
10 e mais	4,6		45,7		42,8	2 2	39,9		

REMOTHERED MEDIO C'HUMENO DE PEZ POR RECTARE, SECUNOS DE GRUEGA DE AREA PULA

PARÁ

MÉDIA POR INFORMANTES DA QUANTIDADE, ÁREA DE COLHEITA E PÉS QUE PRODUZIRAM, SEGUNDO OS GRUPOS DE ÁREA TOTAL E GRUPOS DE ÁREA DE COLHEITA

GRUPOS DE ÁREA TOTAL (ha)		MÉDIA POR INFOR	MANTE		
GRUPOS DE ÁREA DE COLHEITA (ha)	Quantidade (kg)	Área (ha)			s que luziram
100 P Bullot ga 1000 1200 1200 1200 1200 1200 1200 120	5 272	2,3	15 000 08 34: 5 1/6	3	488
GRUPOS DE ÁREA TOTAL			it.		* -
Menos de 10	2 011 4 052 13 224	0,9 1,7	31 45	2	594 667 626
1 000 a menos de 10 000	55 471 20 000	5,9 19,7 10,0		31	472 000
GRUPOS DE ÁREA DE COLHEITA	- 00444 - Pade				Agend Separate
Menos de 1	800 2 536	0,4		. 2	724 078
2 a menos de 5	6 064	2,9			384 469
10 e mais	52 065	M. OE DIMERIT-UP- 21,2		30	077

31 .

PARÁ

1. ESTIMATIVA DO NÚMERO DE INFORMANTES E DA COLHEITA DE PIMENTA-DO-REINO, NO ANO DE 1982, SEGUNDO OS GRUPOS DE ÁREA TOTAL E GRUPOS DE ÁREA DE COLHEITA

GRUPOS DE ÁREA TOTAL (ha)		410	COLHEITA N	O ANO DE 1982	
GRUPOS DE ÁREA DE COLHEITA (ha)	INFORMANTES	Quantidade (t)	Área (ha)	Pés que produziram	Rendimento Médio Obtido (kg/pé)
TOTALS	9 019	47 549	20 662	31 459 489	1,511
RUPOS DE ÁREA TOTAL					
Menos de 10	1 330	2 675	1 234	2 119 504	1,262
10 a menos de 100	6 271	25 410	10 860	16 721 810	1,519
100 a menos de 1 000	1 399	18 500	8 222	12 068 155	1,532
1 000 a menos de 10 000	17	943	335	535 020	1,762
10 000 e mais	1	20	10	15 000	1,333
RUPOS DE ÁREA DE COLHEITA					
Menos de 1	4 563	3 650	1 858	3 304 356	1,104
1 a menos de 2	2 115	5 363	2 579	4 395 983	1,220
2 a menos de 5	1 373	8 236	3 930	6 018 592	1,368
5 a menos de 10	549	8 587	3 442	5 198 441	1,651
10 e mais	417	21 711	8 851	12 542 117	1,731

32

PARÁ

2. ESTIMATIVA DO EFETIVO DAS PLANTAÇÕES EM 01.10.1982 E DO NÚMERO DE PÉS ERRADICADOS NO ANO DE 1982,

DE PIMENTA-DO-REINO, SEGUNDO OS GRUPOS DE ÁREA TOTAL E GRUPOS DE ÁREA DE COLHEITA.

A month of A continued		13.02	EFETIVO DA	S PLANTAÇÕES EM	01.10.1982		ATOM
GRUPOS DE ÁREA TOTAL (ha) E GRUPOS DE ÁREA DE COLHEITA (ha)	INFORMANTES	3 00 0 2 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1	Pés N	lovos	Pés em Idade	e Produtiva	PÉS ERRADICADOS NO ANO
to a meens de 100 consesso. Edg scanonis de 1 600 coses. Edgina alenas de 10 000 co.		Total	Menores de 2 anos	Plantados em 1982	De 2 a menos de 6 anos	De 6 anos e mais	DE 1982
TOTAIS	9 019	32 670 293	1 624 641	957 497	25 567 628	5 478 024	5 537 734
RUPOS DE ÁREA TOTAL							
Menos de 10	1 330	2 131 093	50 221	858	1 801 866	279 006	106 88
10 a menos de 100	6 271	17 640 438	1 061 632	570 614	13 645 615	2 933 191	3 349 30
100 a menos de 1 000	1 399	12 311 361	474 788	363 025	9 614 947	2 221 626	2 004 74
1 000 a menos de 10 000	17	572 400	. 38 000	23 000	496 200	38 200	76 30
10 000 e mais	. 1	15 000		-	9 000	6 000	50
RUPOS DE ÁREA DE COLHEITA				0.67.81	61.3 %a Wifa BE		
Menos de 1	4 563	3 777 293	472 806	321 572	2 942 172	362 316	1 260 53
1 a menos de 2	2 115	4 923 416	462 204	386 487	3 851 475	609 737	751 86
2 a menos de 5	1 373	6 111 218	64 386	64 386	5 211 076	835 756	1 183 93
5 a menos de 10	549	5 624 477	491 965	137 772	4 353 950	778 563	569 10
10 e mais	417	12 233 889	133 280	47 280	9 208 956	2 891 653	1 772 30

3. COEFICIENTE DE VARIAÇÃO DA ESTIMATIVA DO NÚMERO DE INFORMANTES E DA COLHEITA DE PIMENTA-DO-REINO, NO ANO DE 1982, SEGUNDO OS GRUPOS DE ÁREA TOTAL E GRUPOS DE ÁREA DE COLHEITA

GRUPOS DE ÁREA TOTAL (ha)	Liter Later	COLHE	ITA NO ANO DE 19	82 .
GRUPOS DE ÁREA DE COLHEITA (ha)	INFORMANTES	Quantidade (t)	ÁREA (ha)	Pés que produziram
TOTAIS	4,06	12,97	10,67	11,03
GRUPOS DE ÁREA TOTAL		765 465 355 455	STORY ESTA	
Menos de 10	17,08	28,36	28,10	28,31
10 a menos de 100	6,05 16,00	12,40 29,47	9,72 24,47	9,94 26,18
1 000 a menos de 10 000	Total			
GRUPOS DE ÁREA DE COLHEITA				
Menos de 1	7,90	13,08	10,44	10,95
1 a menos de 2	13,07	15,67	13,40	14,03
2 a menos de 5	16,54	19,05	17,10	17,04
5 a menos de 10	25,50	30,26	25,10	25,67
10 e mais	22,83	25,63	22,87	25,46

34

PESQUISA DE PIMENTA-DO-REINO DE 1982 PARÁ

4. COEFICIENTE DE VARIAÇÃO DA ESTIMATIVA DO EFETIVO DAS PLANTAÇÕES EM 01.10.1982 E DO NÚMERO DE PÉS ERRADICADOS
NO ANO DE 1982, DE PIMENTA-DO-REINO, SEGUNDO OS GRUPOS DE ÁREA TOTAL E GRUPOS DE ÁREA DE COLHEITA

111111111111111111111111111111111111111	18 2 1 4 3 . E	17 41 50	EFETIVO DAS	PLANTAÇÕES E	M 01.10.1982		PÉS
GRUPOS DE ÁREA TOTAL (ha)	INFORMANTES		Pés r	novos	Pés em idade	e produtiva	ERRADICADOS NO ANO
GRUPOS DE ÁREA DE COLHEITA (ha)	2 1 2 1	Total	Menores de 2 anos	Plantados em 1982	De 2 a menos de 6 anos	De 6 anos, e mais	DE 1982
TOTALS	4,06	10,62	27,84	29,51	11,76	20,17	12,64
GRUPOS DE ÁREA TOTAL					3 3 3 3 5 5		
Menos de 10	17,08	28,39	82,93	100,00	30,20	44,91	34,17
10 a menos de 100	6,05	10,21	39,73	42,51	11,53	17,84	12,30
100 a menos de 1 000	16,00	25,.17	35,25	41,06	27,52	44,06	29,16
1 000 a menos de 10 000		-					
10 000 e mais	144135	11 2 2 2 7 1	五五五 五五五五	10111	3 3 5 5 5 5	8.8	-
GRUPOS DE ÁREA DE COLHEITA			3.844.68.8				
Menos de 1	7,90	12,39	43,73	60,80	11,49	38,30	19,46
1 a menos de 2	13,07	14,42	37,52	40,47	14,35	29,84	28,14
2 a menos de 5	16,54	17,12	74,44	74,44	18,30	31,32	23,17
5 a menos de 10	25,50	26,36	74,46	93,46	28,70	57,50	34,04
10 e mais	22,83	25,45			29,14	33,44	31,44

PESQUISA DE PIMENTA-DO-REINO - PARÁ - 1982 CONFRONTO DAS INFORMAÇÕES (CENSO-80/PESQUISA-82)

MUNICIPIO	Pesquisa 551 41 26 5 1 10 9 1 19 37 12, 35 6 1 11 44	21 292 727 1 991 700 1 036 240 5 320 1 700 28 900 26 000 444 300 285 939 80 000 514 780 711 870 578 300 1 167 658 372 114	Pesquisa 12 997 995 552 100 448 000 13 445 2 000 37 965 2 500 415 335 193 530 43 500 459 550 933 420 566 000 955 130	Censo 8 609,42 523,70 482,50 8,50	348,50 222,44 4,83 1,24 9,94	Conso 10 313 091 793 440 517 900 8 600 1 000 17 000 13 000 197 750 198 630 35 000 266 198 469 270	Pesquisa 7 543 546 477 350 323 400 7 405 2 000 19 360 3 000 227 550 141 410 28 800 290 800	1dade Pr Censo 10 114 118 793 440 528 000 8 600 1 300 26 000 13 000 192 750 156 530 35 000 267 608	Pesquisa	2 054 189 143 700 121 160 3 500 3 440 16 250 12 700	Pesquisi
TOTAL 726 Abactetuba	551 41 26 5 1 6 1 10 9 1 19 37 12, 35 6 1	21 292 727 1 991 700 1 036 240 5 320 1 700 28 900 26 000 444 300 285 939 80 000 514 780 711 870 578 300 1 167 658 372 114	12 997 935 552 100 448 000 13 445 2 000 37 965 2 500 415 335 193 530 43 500 459 550 933 420 566 000 955 130 28 320	8 607,42 523,70 432,50 8,50 0,60 34,00 140,30 179,30 46,00 194,00 370,20 295,80	5 540,35 348,50 222,44 4,83 1,24 9,94 1,87 151,95 141,47 18,00 180,56 275,41	10 313 091 793 440 517 900 8 600 1 000 17 000 13 000 197 750 198 630 35 000 266 198	7 548 546 477 350 323 400 7 405 2 000 19 360 3 000 227 550 141 410 28 800 290 800	10 114 118 793 440 528 000 8 600 1 300 26 000 13 000 192 750 156 530 35 000	7 369 209 442 350 323 400 10 000 2 000 19 360 3 000 227 550 141 410	2 054 189 143 700 121 160 3 500 - 3 440 - 16 250 12 700	190 450 23 600 23 800 850
Abactetuba	41 26 5 1 8 1 10 9 1 19 37 12, 35 6 1	1 991 700 1 036 240 5 320 1 700 28 900 26 000 444 300 285 939 80 000 514 780 711 870 578 300 1 167 658 372 114	552 100 448 000 13 445 2 000 37 965 2 500 415 335 193 530 43 500 459 550 933 420 566 000 955 130 28 320	523,70 482,50 8,50 0,60 34,00 18,00 179,30 46,00 194,00 370,20 295,80	348,50 222,44 4,83 1,24 9,94 1,87 151,95 141,47 18,00 180,56 275,41	793 440 517 900 8 600 1 000 17 000 13 000 197 750 198 630 35 000 266 198	477 350 323 400 7 405 2 000 19 360 3 000 227 550 141 410 28 800 290 800	793 '440 528 000 8 600 1 300 26 000 13 000 192 750 156 530 35 000	442 350 323 400 10 000 2 000 19 360 3 000 227 550 141 410	143 700 121 160 3 500 3 440 16 250 12 700	23 600 23 800 850
Acara 53 Altamira 7 Augusto Correa 1 Baião 7 Benevides 1 Bonito 12 Brangança 11 Breves 2 Bujaru 22 Cametă 45 Capanema 12 Capitão Poço 40 Castanhal 11 Conceição do Araguaia 1 Curuçã 712 Igarape-Açu 62 Igarape-Miri 6 Inhangapi 6 Irituia 13 Maracanã 22 Marapanim 2 Mora Timboteua 34 Öbidos 1 Ociras do Para 2 Qurem 21 Paragominas 4 Peixe-Boi 6 Prainha 14	26 5 1 6 1 10 9 1 19 37 12, 35 6 1	1 036 240 5 320 1 700 28 900 26 000 444 300 285 989 80 000 514 780 711 870 578 300 1 167 658 372 114	448 000 13 445 2 000 37 965 2 500 415 335 193 530 43 500 459 550 933 420 566 000 955 130 28 320	432,50 8,50 0,60 34,00 18,00 140,30 179,30 46,00 194,00 370,20 295,80	222,44 4,83 1,24 9,94 1,87 151,95 141,47 18,00 180,56 275,41	517 900 8 600 1 000 17 000 13 000 197 750 198 630 35 000 266 198	323 400 7 405 2 000 19 360 3 000 227 550 141 410 28 800 290 800	8 600 1 300 26 000 13 000 13 000 192 750 156 530 35 000	. 323 400 10 000 2 000 19 360 3 000 227 550 141 410	121 160 3 500 - 3 440 - 16 250 12 700	23 800 850
Altamira 7 Augusto Correa 1 8aião 7 8enevides 1 8onito 12 8rangança 11 8reves 2 8ujaru 22 Cametã 45 Capanema 12 Capitão Poço 40 Castanhal 11 Conceição do Araguaia 1 Curuçã 12 Igarape-Açu 62 Igarape-Açu 65 Inhangapl 6 Irituia 13 Maracanã 22 Marapanim 2 Mora Iimboteua 34 Öbidos 1 Oeiras do Parã 2 Ourem 2 Ourem 2 Ourem 2 Ourem 2 Ourem 2 Ourem 3 Ourem 3 Ourem 3 Ourem 3 Ourem 4 Ourem 3 Ourem 3 Ourem 3 Ourem 4 Ourem 3 Ourem 3 Ourem 4 Ourem 3 Ourem 3 Ourem 4 Ourem 4 Ourem 4 Ourem 4 Ourem 5 Ourem 6 Ourem 7 Ourem	5 1 6 1 10 9 1 19 37 12, 35 6 1	5 320 1 700 28 900 26 000 444 300 285 939 80 000 514 780 711 870 578 300 1 167 658 372 114	13 445 2 000 37 965 2 500 415 335 193 530 43 500 459 550 933 420 566 000 955 130 28 320	8,50 0,60 34,00 18,00 140,30 179,30 46,00 194,00 370,20 295,80	4,83 1,24 9,94 1,87 151,95 141,47 18,00 180,56 275,41	8 600 1 000 17 000 13 000 197 750 198 630 35 000 266 198	7 405 2 000 19 360 3 000 227 550 141 410 28 800 290 800	8 600 1 300 26 000 13 000 192 750 156 530 35 000	10 000 2 000 19 360 3 000 227 550 141 410	3 440 - 16 250 12,700	850
Altamira 7 Augusto Correa 1 8aião 7 8enevides 1 8onito 12 8rangança 11 8reves 2 8ujaru 22 Cametã 45 Capanema 12 Capitão Poço 40 Castanhal 11 Conceição do Araguaia 1 Curuçã 12 Igarape-Açu 62 Igarape-Açu 65 Inhangapl 6 Irituia 13 Maracanã 22 Marapanim 2 Mora Iimboteua 34 Öbidos 1 Oeiras do Parã 2 Ourem 2 Ourem 2 Ourem 2 Ourem 2 Ourem 2 Ourem 3 Ourem 3 Ourem 3 Ourem 3 Ourem 4 Ourem 3 Ourem 3 Ourem 3 Ourem 4 Ourem 3 Ourem 3 Ourem 4 Ourem 3 Ourem 3 Ourem 4 Ourem 4 Ourem 4 Ourem 4 Ourem 5 Ourem 6 Ourem 7 Ourem	1 10 9 1 19 37 12, 35 6 1	1 700 28 900 26 000 444 300 285 939 80 000 514 780 711 870 578 300 1 167 658 372 114	2 000 37 965 2 500 415 335 193 530 43 500 459 550 933 420 566 000 955 130 28 320	0,60 34,00 18,00 140,30 179,30 46,00 194,00 370,20 295,80	1,24 9,94 1,87 151,95 141,47 18,00 180,56 275,41	1 000 17 000 13 000 197 750 198 630 35 000 266 198	2 000 19 360 3 000 227-550 141 410 28 800 290 800	1 300 26 000 13 000 192 750 156 530 35 000	2 000 19 360 3 000 227 550 141 410	3 440 16 250 12,700	
Baiao 7 Benevides 1 Bonito 12 Brangança 11 Breves 2 Bujaru 22 Cameta 45 Capanema 12 Capitao Poço 40 Castanhal 11 Conceição do Araguaia 1 I Guruça 12 Igarape-Açu 62 Igarape-Hiri 6 Inhangapl 6 Irituia 13 Maracanã 22 Marapanim 2 Mocajuba 30 Moju 42 Nova Timboteua 34 Óbidos 1 Ourem 2 Ourem 21 Paragominas 4 Peixe-Boi 6 Prainha 14	\$ 1 10 9 1 19 37 12, 35 6 1 11 44	28 900 26 000 444 300 285 939 80 000 514 780 711 870 578 300 1 167 658 372 114	37 965 2 500 415 335 193 530 43 500 459 550 933 420 566 000 955 130 28 320	34,00 18,00 140,30 179,30 46,00 194,00 370,20 295,80	9,94 1,87 151,95 141,47 18,00 180,56 275,41	17 000 13 000 197 750 198 630 35 000 266 198	19 360 · 3 000 227 -550 141 410 28 800 290 800	26 000 13 000 192 750 156 530 35 000	19 360 3 000 227 550 141 410	3 440 16 250 12,700	
Benevides 1 Bonito 12 Brangança 11 Breves 2 Bujaru 22 Cameta 45 Capanema 12 Capitao Poço 40 Castanhal 11 Conceição do Araguaia 1 Curuça 12 Igarape-Açu 62 Igarape-Hiri 6 Inhangapl 6 Irituia 13 Maracanã 22 Marapaním 2 Mocajuba 30 Moju 42 Nova Timboteua 34 Óbidos 1 Qures 2 Qures 21 Paragominas 4 Peixe-Boi 6 Prainha 14	1 10 9 1 19 37 12, 35 6 1	26 000 444 300 285 939 80 000 514 780 711 870 578 300 1 167 658 372 114	2 500 415 335 193 530 43 500 459 550 933 420 566 000 955 130	18,00 140,30 179,30 46,00 194,00 370,20 295,80	1,87 151,95 141,47 18,00 180,56 275,41	13 000 197 750 198 630 35 000 265 198	· 3 000 227-550 141 410 28 800 290 800	13 000 192 750 156 530 35 000	3 000 227 550 141 410	16 250 12,700	380
Bonito 12 Brangança 11 Breves 2 Bujaru 22 Cametă 45 Capanema 12 Capităo Poço 40 Castanhal 11 Conceição do Araguaia 1 Curuçã 712 Igarape-Açu 62 Igarape-Hiri 6 Inhangapl 6 Irituia 13 Maracanã 22 Marapanim 2 Mocajuba 30 Moju 42 Nova Timboteua 34 Óbidos 1 Ourem 2 Ourem 2 Paragominas 4 Peixe-Boi 6 Prainha 14	10 9 1 19 37 12, 35 6 1	444 300 285 989 80 000 514 780 711 870 578 300 1 167 658 372 114	415 335 193 530 43 500 459 550 933 420 566 000 955 130	140,30 179,30 46,00 194,00 370,20 295,80	151,95 141,47 18,00 180,56 275,41	197 750 198 630 35 000 265 198	227 - 550 141 410 28 800 290 800	192 750 156 530 35 000	227 550 141 410	16 250 12,700	-
Bonito 12 Brangança 11 Breves 2 Bujaru 22 Cametă 45 Capanema 12 Capităo Poço 40 Castanhal 11 Conceição do Araguaia 1 Curuça 212 Igarape-Açu 62 Igarape-Miri 6 Inhangapi 6 Irituia 13 Maracanã 22 Marapanim 2 Mocajuba 30 Moju 42 Nova Timboteua 34 Óbidos 1 Ourem 2 Ourem 2 Paragominas 4 Peixe-Boi 6 Prainha 14	9 1 19 37 12, 35 6 1 11	285 939 80 000 514 780 711 870 578 300 1 167 658 372 114	193 530 43 500 459 550 933 420 566 000 955 130 28 320	179,30 46,00 194,00 370,20 295,80	141,47 18,00 180,56 275,41	198 630 35 000 266 198	141 410 28 800 290 800	156 530 35 000	141 410	12,700	
Brangança 11 Breves 2 Bujaru 22 Cametă 45 Capanema 12 Capităo Poço 40 Castanhal 11 Conceição do Araguaia 1 Curuçã 412 Igarape-Açu 62 Igarape-Miri 6 Inhangapl 6 Irituia 13 Maracanã 22 Marapaním 2 Mocajuba 30 Moju 42 Nova Timboteua 34 Óbidos 1 Qurea 2 Qurea 2 Paragominas 4 Peixe-Boi 6 Prainha 14	1 19 37 12, 35 6 1 11	80 000 . 514 780 711 870 578 300 1 167 658 372 114	43 500 459 550 933 420 566 000 955 130 28 320	46,00 194,00 370,20 295,80	18,00 180,56 275,41	35 000 266 198	28 800 290 800	35 000		DOTTON CO.	
Bujaru 22 Cametă 45 Capanema 12 Capităo Poço 40 Castanhal 11 Conceição do Araguaia 1 Curuçã 712 Igarape-Açu 62 Igarape-Miri 6 Inhangapi 6 Irituia 13 Maracanã 22 Marapanim 2 Kocajuba 30 Moju 42 Nova Timboteua 34 Óbidos 1 Qurem 21 Paragominas 4 Pcixe-Boi 6 Prainha 14	19 37 12, 35 6 1 11	, 514 780 711 870 578 300 1 167 658 372 114	459 550 933 420 566 000 955 130 28 320	194,00 370,20 295,80	180,56 275,41	265 198	290 800		28 800	11 000	
Cameta	37 12, 35 6 1 11 44	711 870 578 300 1 167 658 372 114	933 420 566 000 955 130 28 320	370,20 295,80	275,41			267 608			
Capanema 12 Capitao Poço 40 Castanhal 11 Conceição do Araguaia 1 Curuçã ri2 Igarape-Açu 62 Igarape-Hiri 6 Inhangapl 6 Irituia 13 Maracanã 22 Marapanim 2 Kocajuba 30 Moju 42 Nova Timboteua 34 Óbidos 1 Qures 21 Paragominas 4 Pcixe-Boi 6 Prainha 14	12, 35 6 1 11 44	578 300 1 167 658 372 114 519 900	566 000 955 130 28 320	295,80		469 270			290 800	75 232	
Capanema 12 Capitão Poço 40 Castanhal 11 Conceição do Araguaia 1 Curuçã ri2 Igarape-Açu 62 Igarape-Miri 6 Inhangapl 6 Irituia 13 Maracanã 22 Marapanim 2 Kocajuba 30 Moju 42 Mova Timboteua 34 Óbidos 1 Ociras do Parã 2 Qures 21 Paragominas 4 Pcixe-80i 6 Prainha 14	35 6 1 11 44	1 167 658 372 114 519 900	955 130 28 320		252,58		463 723	496 120	463 473	30 700	12 250
Castanhal 11 Conceição do Araguaia. 1 Curuçã 12 Igarape-Açu 62 Igarape-Açu 65 Inhangapl 6 Irituia 13 Maracana 22 Marapanim 2 Mocajuba 30 Moju 42 Mova l'imboteua 34 Öbidos 1 Oeiras do Para 2 Curem 21 Paragominas 4 Peixe-Boi 6 Prainha 14	6 1 11 44	372 114 519 900	28 320	433,20		283 000	268 200	247 000	260 700*	37 000	3 000
Castanhal 11 Conceição do Araguaia. 1 Curuçã 12 Igarape-Açu 62 Igarape-Açu 65 Inhangapl 6 Irituia 13 Maracana 22 Marapanim 2 Mocajuba 30 Moju 42 Mova l'imboteua 34 Öbidos 1 Oeiras do Para 2 Curem 21 Paragominas 4 Peixe-Boi 6 Prainha 14	1 11 44	519 900			345,57	597 040	554 350	599 040	550 200	198 200	7 700
Concetção do Araguata. 1 Curuçã	11 44	519 900	1 500	162,90	7,98	170 590	19 100	130 250	19 300	58 140	11
Curuçă F12 Igarapê-Açu 62 Igarapê-Hiri 6 Inhangapi 6 Irituia 13 Maracană 22 Marapanim 2 Mocajuba 30 Moju 42 Nova Timboteua 34 Öbidos 1 Oeiras do Pară 2 Qurem 21 Paragominas 4 Pcixe-Boi 6 Prainha 14	11 44			0	1,30		1 300	/-	1 300	4 250	
Igarape-Açu 62 Igarape-Miri 6 Inhangapi 6 Irituia 13 Maracanā 22 Marapanim 2 Mocajuba 30 Moju 42 Nova Timboteua 34 Öbidos 1 Oeiras do Para 2 Ourem 21 Paragominas 4 Pcixe-Boi 6 Prainha 14	44		338 770	301,30	87,16	308 200	118 720	331 200	117 100	9 000	500
Igarape-Miri 6 Inhangapi 6 Irituia 13 Maracana 22 Marapanim 2 Kocajuba 30 Moju 42 Nova Timboteua 34 Öbidos 1 Ociras do Para 2 Oureis 21 Paragominas 4 Pcixe-Boi 6 Prainha 14		2 041. 551	645 150	901,70	502,56	972 920	490 600	959 620	349 950	90 500.	
Inhangapi	. 6	25 200	20 160	6,30	5,74	10 070	11 200	10 970	11 200	420	
Irituia	. 6	166 365	34 682	60,20	19,38	65 500	40 323	65 500	40 323	1 000	
Maracanā 22 Marapanim 2 Mocajuba 30 Moju 42 Nova Timboteua 34 Öbidos 1 Oeiras do Parā 2 Ourem 21 Paragominas 4 Pcixe-Boi 6 Prainha 14	12	310 140	247 065	131,70	132,49	181 860	213 140	181 760	240 640	60 310	
Marapanim 2 Kocajuba 30 Moju 42 Nova Timboteua 34 Öbidos 1 Oeiras do Pará 2 Ourém 21 Paragominas 4 Pcixe-Boi 6 Prainha 14	20	1 652 596	715 100	776,10	373,58	559 708	419 000	614 805	411 636	92 630	6 500
Kocajuba 30 Moju 42 Nova Timboteua 34 Öbidos 1 Oeiras do Pará 2 Ourém 21 Paragominas 4 Pcixe-Boi 6 Prainha 14	1	245	25	0,80	0,01	430	30	730	30	400	
Moju 42 Nova Timboteua 34 Öbidos 1 Oeiras do Pará 2 Oureis 21 Paragominas 4 Pcixe-Boi 6 Prainha 14	29	805 358	1 110 110	315,60	262,23	419 510	452 108	391 510	452 108	114 485	18 950
Nova Timboteua	40	1 934 500	964 100	467,50	446,50	768 100	563 600	786 800	598 100	76 600	19 330
Öbidos 1 Oeiras do Parã 2 Ourêm 21 Paragominas 4 Pcixe-Boi 6 Prainha 14	15	1 273 760	370 920	607.00	186,56	676 670	196 150	673 270	181 400	105 400	3 600
Octros do Para 2 Ourés 21 Paragominas 4 Pcixe-80i 6 Prainha 14		. 273 700	370 720	007,00	100,50	979 979	130 130		101 400	500	3 000
Oures 21 Paragoninas 4 Pcixe-Boi 6 Prainha 14	2	500	2 000	1,00	1,25	1 200	. 2 000	2 000	2 000		1 300
Paragoninas 4 Peixe-Boi 6 Prainha 14	13	521 540	464 870	176,30	159,93	247 470	268 080	247 280	268 080	61 600	2 320
Prainha' 14	4	250 000	196 000	85,90	55,31	131 000	88 500	71 000	88 500	7 500	€ 360
Prainha' 14	5	67 080	7 330	18,60		THE REAL PROPERTY.		25 400	7 300	12 200	
	7	43 787			13,18	22 400	7 300			. 54 200	
Li imakei a	4		27 293	32,50	11,33	29 320	16 673	35 300	18 725		4 000
Santa Isabel do Para 1	. 1	160 000	123 000	54,10	76,93	68 742	83 000	69 742	83 000	31 000	
STOCKE TO STOCKE STOCKE STOCKE	10	210 2/4	. 100 200	or or		137 374			43 444	120	
Santa Maria do Para 14	10	219 715	106 390	95,92	26.39	135 750	83 200	135 650	83 200	34 250	
Santarom	15	342 905	814 210	190,50	344,28	234 650	357 500	279 830	339 600	159 650	11 700
Santarem Novo 8	8	486 000	725 000	307.80	277.00	300 000	358 000	306 000	. 378 000	124 000	37,000
Santo Antonio do Taua 1		50, 000	20 200	24,20		20 000				3	100
São Cactano de Odivelas. 12	5	271 830	28 780	89,40	18,26	138 700	18 742	140 120	18 742	9 170	***
São Domingos do Capina 17	12 .		840 000	276.60	292,37	367 450	138 432	365 150	433 432	107 882	20 000
São Francisco do Para 8	5	430 000	81 000	118,90	25,05	227 500	56 500	95 500	56 500	24 000	
São Higwel do Guana 13	1000	394 000	1 78 100	128,10	23,45	141 750	45 600	141 250	45 600	1 700	
Γοπο-Λςυ 80	10	1 306 439	403 900	533,80	229.73		360 950	670 743	353 950	158 850	13 000
Vigia 4	10 51	33 020	1 740	18,30	0.91	14 400	1 450	18 300	1 450	500	

DIRETORIA DE	DE PESTUI	PESSUISAS	CONDICKO DO PRODUFOR (CODISOS DA COLUNA 7)) I REGISTRE NA COLUNA 9			L NUMERO DO
SEST MENTA DE ELACID DE	DEPARTAMENTO DE AGROPECUARIA SESUNDA PESOUISA PIMENTA DE REINO NO PARA - 19 RELACID DOS ESTABELECIMENTOS	- 1983	1- PROPRIETARIO 2-ARRENDATARIO 3-PARCEIRO 4-OCUPANTE 5-OUTRA CONDICTO	1 - STABELECIMENTO SEM PIMENTA DO REINO EM 1988 13 - STABELECIMENTO INATIVO EM 1988 5 - STABELECIMENTO NAO ENCONTRADO	1988	MUNICIPIO	NJMERG DA
001000	NUMERO DO CUESTIO-	tu	STASELECIMENTO	PRODUTOR	NUMERO SUB- I	C031G0 A3EA EM EM C031G0 EM EM EM EM EM EM EM E	A C00150
ectals.	-		9	4	SETUR CA 201	P4000104 (HA	9
		NOW DE		E E E			
		ENDER BOOS					
		NOW D.					
				1	-		-
		ENDER ECO:		eNDEREÇD:			
		: EWGN		NDME:			
		I E NO ER ECO:		ENDERECT:	-		
				: EWCN			<u> </u>
		F ND PR EQ O:		ENDERF CO:			
		1		NOME:			
		TENDER ECO:		ENDEREÇO:			
		1		NOME:			 -
		ENDERECO:		ENDEREÇO:			
				NOME:			
		BNDER 30 Ot		ENDFREÇO:			
		1		NOME:			
		ENDER BODS		ENDEREÇO:			
		INDME		NOME:			
		B ND PRECO:		ENDEREGO:			<u>-</u>
		1		NOME:			 -
		ENDER ECO:		ENDERECO:			
		1	N	NOME			
					1		

HE THE ASSESSMENT OF ANNOUNCE TO CONSTRUCT CONTINUES CONTINUES OF THE CONTINUES OF T 1335 IATENÇAD: CONSIDERE COMO PE UMA DU MAIS MUDAS 1 I NUMERC DE DIRETURIA DE PESQUI SAS 1 1ESTACAS) PLANTADAS NUMA MESMA COVA EI SETOR DEPARTAMENTO DE AGRUPECIARIA EM TORNU DE UM MESMO SUPORTE (TUTOR) 1 SEGUNDA PE SQUISA I PERIODO DE COLETAI I NUMERO DA PINENTA CU REINU NU PAFA - 1988 1 PAGINA I INICIO ITERMINO I FOLHA DE REGISTATO DAS INFORMAÇÕES | NOME DO ENTREVISTADOR | / /88 | / /88 | . MUNICIPIO PIMENTA-CO-REINO JINID A)E 1 NUMERO | DE SUPERFICIE | PRODUCAG NO AND DE 1988 | EFETIVE DA PLANTACZO AREA I EM 30-11-1988 I TOTAL 1-1 PES 1 ES- 1 | . | UNIDADE | MENGRES | | | | ERRA- | PA- | CV 00 1 NI ESTA- 1 | A MENOS | ANDS | DCS | MEN-1 ICIA EM M2 130/11/38 COLHEITA COLHIDOS COLHIDAL NOME LLENCIA | TOTAL | COS EM | ANOS | MAIS | 1988 | 11MXM) 1 (EM KG)1 | 1988 | 7 011 C31 9 071 10 0 111 121 5 7 3 151 161 1 171 991TOTALI

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - INGE

PERFIL DOS USUÁRIOS DAS ESTATÍSTICAS AGROPECUÁRIAS

1. INTRODUÇÃO

Esta é uma tentativa de reunir alguns traços do perfil do usuário de estatísticas agropecuárias. Para isto, passa-se em revista, em primeiro lugar, a pesquisa feita em 1986, no IBGE, com o objetivo de traçar o perfil do usuário de estatísticas de previsão de safras. Analisam-se, a seguir, alguns arquivos, também do IBGE, procurando descobrir quem, dentre os que utilizaram os vários serviços prestados pela instituição, veio, nos últimos anos, à busca de estatísticas relacionadas com a agropecuária. Por fim, propõese uma qualificação mais aprofundada do usuário e, em geral, da de manda de estatísticas agropecuárias, como base indispensável para or ganizar um Sistema de Informações Agropecuárias.

2. OS USUÁRIOS DAS ESTATÍSTICAS DE PREVISÃO DE SAFRAS

O que segue baseia-se em pesquisa realizada em 1986, com o objetivo de conhecer traços do perfil dos usuários de estatís ticas agrícolas, especificamente as relacionadas com o acompanhamen to e previsão de safras.

A pesquisa limitou-se a perguntar a opinião dos usuá rios sobre as fontes e a qualidade das informações utilizadas. À rede de coleta do IBGE foi entregue a tarefa de localizar os informantes e obter o preenchimento do questionário. Não houve, portanto, o cuidado prévio de garantir representatividade para todas as categorias de usuários. Com estas limitações presentes, relatam-se a seguir alguns resultados.

Ao todo foram obtidas 722 respostas, originárias de todas as Unidades Federativas. Como se deduz da Tabela 1, cada usu ário, independentemente de sua natureza jurídica, recorreu, em média, a cerca de três fontes diferentes para se informar sobre previsão de safras.

TABELA 1. FONTES CONSULTADAS SOBRE PREVISÃO E ACOMPANHAMENTO DE SA FRAS, PELAS VÁRIAS CATEGORIAS DE USUÁRIOS, 1986.

gin et. Pasiskinis v	o Italian	FON	TES CONS	ULTADAS	
NATUREZA JURÍDICA DOS USUÁRIOS	TOTAL DE USUÁRIOS	Total de fontes assinaladas	Fontes oficiais (IBGE CFP)	Public. esp. imprensa	Outras
Órgãos Oficiais	337	943 (100%)	469 (50%)	323 (34%)	151 (16%)
Empresas Privadas	204	633 (100%)	244 (39%)	290 (46%)	99 (15%)
Outros	181	496 (100%)	174 (35%)	227 (46%)	95 (19%)
TOTAL	722	2 072 (100%)	887 (43%)	840 (41%)	345 (16%)

FONTE: IBGE/DEAGRO (Banco de Dados e Disseminação).

Há, contudo, diferenças entre os usuários públicos e os do setor privado quanto aos tipos de fontes consultadas. Os usuários de órgãos oficiais guardam preferência pela fonte oficial e, só secundariamente, utilizam as publicações especializadas e os órgãos da grande impresa. O oposto ocorre com os usuários do setor privado que recorrem, de preferência, às publicações especializadas e à imprensa diária. Isto sugere, uma pergunta: estarão os órgãos oficiais autoconsumindo suas informações, no pressuposto de que são de melhor qualidade, e descurando sua difusão e disseminação para o resto da sociedade?

Quando perguntados sobre a qualidade das informa ções (*), os usuários do setor público manifestam-se mais satisfeitos com as estatísticas (73% deles qualificaram-nas como boas) do que os do setor privado, conforme aparece na Tabela 2. Quase um terço, apenas, de todos os usuários avaliou, em 1986, as estatísticas como ruins.

TABELA 2. SITUAÇÃO JURÍDICA DOS USUÁRIOS E AVALIAÇÃO DA QUALIDADE DAS ESTATÍSTICAS SOBRE PREVISÃO DE SAFRAS, 1986.

USUÁRIOS	TOTAL	QUALIDADE DAS I	ESTATÍSITCAS
USUARIUS	TOTAL	Boas	Más
Órgãos Oficiais	100%	73%	27%
Empresas Privadas	100%	64%	36%
Outros	100%	68%	32%

FONTE: IBGE/DEAGRO (Banco de Dados e Disseminação).

O grau de importância que as estatísticas têm para o desempenho das suas atividades estaria associado com a avaliação que o usuário fez das mesmas ? Quanto maior a importância para o usuário tanto mais severo seria ele no seu julgamento ? As Tabelas 3 e 4 fornecem elementos para responder a estas perguntas. Os usuários de entidades privadas (Tabela 3) que buscam nas estatísticas ajuda fundamental para suas atividades, são mais severos no julgamento pois, 35% deles avaliaram as estatísticas como más. Apenas 29% en tre os que não as têm como fundamentais fizeram a mesma avaliação. O oposto ocorre com os usuários do setor público (Tabela 4).

^(*) A pesquisa não procura qualificar a resposta do informante, indagando por que ele considerava a estatística de boa ou má qualidade.

TABELA 3. IMPORTÂNCIA DA ESTATÍSTICA DE PREVISÃO DE SAFRAS PARA O USUÁRIO DO SETOR PRIVADO, E AVALIAÇÃO DE QUALIDADE, 1986.

QUALIDADE DA ESTATÍSTICA -		DA ESTATÍSTICA) USUÁRIO
QUALIDADE DA ESTATISTICA	Fundamental	Não-Fundamental
Воа	65%	71%
Má	35%	29%

FONTE: IBGE/DEAGRO (Banco de Dados e Disseminação).

TABELA 4. IMPORTÂNCIA DA ESTATÍSTICA DE PREVISÃO DE SAFRAS PARA O USUÁRIO DO SETOR PÚBLICO, E AVALIAÇÃO DE SUA QUALIDADE, 1986.

QUALIDADE DA ESTATÍSTICA		DA ESTATÍSTICA USUÁRIO
QUALIDADE DA ESTATISTICA	Fundamental	Não-Fundamental
Boa	75%	70%
Má	25%	30%

FONTE: IBGE/DEAGRO (Banco de Dados e Disseminação).

O usuário público e o do setor privado se diferenciam, também, na ligação entre o tipo de atividade predominante que exercem e a avaliação que fazem das estatísticas. Os usuários do setor privado que atuam na agropecuária mostram-se mais descontentes do que os que exercem outras atividades (ver Tabela 5). Entre os usuários públicos a diferença entre os dois grupos de atividades é quase nula. (Tabela 6).

TABELA 5. ATIVIDADE PREDOMINANTE DOS USUÁRIOS DO SETOR PRIVADO E AVA LIAÇÃO DAS ESTATÍSTICAS DE PREVISÃO DE SAFRAS, 1986.

AVALIAÇÃO DA ESTATÍSTICA	ATIVIDADE PRE	EDOMINANTE
AVALIAÇÃO DA ESTATISTICA	Agropecuária	Outra
Page and the page and the second second second	60%	65%
Boa		

FONTE: IBGE/DEAGRO (Banco de Dados e Disseminação).

TABELA 6. ATIVIDADE PREDOMINANTE DOS USUÁRIOS DO SETOR PÚBLICO E AVA LIAÇÃO DAS ESTATÍSTICAS DE PREVISÃO DE SAFRAS, 1986.

	ATIVIDADE PREDOMINANTE					
gropecuária	Outra	ria i				
74%	75%					
26%	25%					
	7/1 // // // // // // // // // // // // /	74% 75%				

FONTE: IBGE/DEAGRO (Banco de Dados e Disseminação).

Em suma, os usuários de alguma forma ligados ao se tor público, além de recorrerem mais a fontes públicas, mostram-se mais satisfeitos com as estatísticas de acompanhamento e previsão de safras, se comparados com os usuários do setor privado. Isto vale independentemente da atividade exercida e do grau de importância que as estatísticas têm para o seu trabalho. Provavelmente este padrão está ligado ao interesse diferente que uns e outros têm no uso que fazem das estatísticas. Os do setor público têm interesses mais ad ministrativos, menos prementes; os do setor privado, por seu turno, têm interesses mais imediatos na condução dos negócios. São deta lhes e qualificações que, sem dúvida, merecem ser aprofundados mediante uma pesquisa planejada que abranja todas as categorias de usuá rios, por um lado, e, por outro, abranja não só as estimativas conjunturais mas também as estruturais; relativas a todo o setor agrícola

e à agroindústria.

3. OS USUÁRIOS QUE RECORREM AOS SERVIÇOS DO IBGE

As consultas ao Banco de Dados do IBGE podem ser feitas, ou mediante pedidos de tabulações especiais, ou entran do diretamente, via telex, no Sistema de Dados Regionais Agregados (SIDRA). A seguir apresentam-se os resultados de uma primeira incursão nestes arquivos.

3.1 - Pedidos de Tabulações Especiais

Os dados disponíveis atualmente não permitem inferências mais profundas sobre os usuários deste serviço. As Tabelas 7 e 8 restringem-se, pois, à classificação dos usuários como vinculados ao setor público e ao setor privado. Os usuários do setor público foram responsáveis por 64% das solicitações no quadriênio 1985-88 as quais, em sua maioria, centraram-se nas estatísticas da produção agrícola e pecuária municipais e nos dados quinquenais do Censo Agropecuário (ver Tabela 7).

Constatou-se, também, que os usuários, em geral, so licitam as séries históricas, daí a importância de sua pronta dispo nibilidade (ver Tabela 8). Muito embora as estatísticas conjuntu rais, com periodicidade diária, semanal ou mensal, sejam as mais pro curadas por serem imprescindíveis para a tomada de decisões mais ime diatas, não devem ser descuradas aquelas relativas às séries históricas. Estas fornecem a base necessária para projeção a médio e lon go prazo. Chama-se a atenção aqui, mais uma vez, para a necessida de de aprofundar o conhecimento das diferenças existentes entre os usuários.

3.2 - Pesquisa Especial junto aos Usuários do SIDRA, via Telex

Para finalizar esta seção mostram-se, a seguir, al guns resultados da pesquisa feita em maio de 1988 junto aos usuários do Sistema de Informações Regionais Agregadas (SIDRA), via telex.

TABELA 7. PEDIDOS DE TABULAÇÕES ESPECIAIS*, NO QUADRIÊNIO 1985/88, POR PESQUISA AGROPECUÁRIA E POR CATEGORIA DE USUÁRIO.

y trouble for rotation bould amount	TOTAL DE							
CATEGORIA DE USUÁRIO	SOLICITAÇÕES (%)	PAM	PPM	ARMA	SILV	PEV	CENSOS (%)	
ENTIDADES PÚBLICAS	70	21	11	2	3	8	.25	
(Governo, Autarquias, Fundações)	(64)	(58)					(69)	
EMPRESAS PRIVADAS	39	15	10		545	3	11	
	(36)	(42)			8		(31)	
Explain School for manner best-based over the			7-	7	3.4.1		H	
TOTAL	1Q9 (109)	36 (100)	21	2	3	11	36 (100)	

FONTE: CDDI/GEDIS/DEAGRO (Banco de Dados e Disseminação).

* Incluídos somente os pedidos que puderam ser identificados.

** PAM = Produção Agricola Municipal.

PPM = Produção da Pecuária Municipal

ARMA = Armazenagem a Seco e a Frio

SILV.=Silvicultura

PEV = Produção Extrativa Vegetal.

TABELA 8. NÚMERO DE VEZES, NO QUADRIÊNIO 1985/88, EM QUE OS PEDIDOS DE TABULAÇÕES ESPECIAIS⁽¹⁾ ABRANGERAM O ANO NA SÉRIE HISTÓRICA, E TOTAL DE SOLICITAÇÕES DE CADA PESQUISA.

PESQUISA	ALVO							TOTAL D SOLICIT							
Lower Control Control Control Control Control	1970/75	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	Total	ÇÕES (2
Produção Agrícola Municipal		6	6	6	15	13	15	20	21	7				109	36
Produção då Pecuária Municipal		5	5	5	9	7	10	9	9	3				62	21
Produção Extrativa Vegetal							2	5	5	3				15	11
Sil <mark>vicu</mark> ltura								2	1	2				5	3
Armazenagem a Seco e a Frio						2								2	2
Censo Agropecuário	9				32					1				41	36
And the second s			VO		-										

FONTE: CDDI/GEDIS/DEAGRO (Banco de Dados e Disseminação).

NOTAS: 1) O acesso aos dados do IBGE também pode ser direto via Telex/On line. Estas solicitações não são consideradas aqui.

2) A mesma solicitação pode abranger vários anos. Por exemplo, a PAM, solicitada 36 vezes no período, abrangeu, em média, cerca de 3 anos, em cada solicitação.

TABELA 9 - USUÁRIOS DO SIDRA-TELEX POR TIPO DE DADO CONSULTADO SEGUNDO NATUREZA JURÍDICA DO USUÁRIO, 1987

EMIT		RESPO	OSTAS	711-976	• • • • • • • • • • • • • • • • • • • •	1				
N					Agropect	iário		Lagrida		
IN	0/	N	%	Tot	tal	Armazenagem	Total		Armazenagem em meio	Sem Informação
	%	N	70:	N	%	em meio magnético	N	%	magnético	
					7	Harry and the				
16	2,5	8	4,0	4	4,9	3	4	5,4	1	. 0
30	4,8	8	4,0	4	4,9	. 0	2	2,7	1	2
77	12,2	31	14,7	16	19,5	8	11	14,9	4	4
152	24,0	65	30,8	27	32,9	13	19	25,6	7	19
321	50,9	86	40,8	26	31,7	11	33	44,6	4	27
29	4,6	11	5,2	5	6,1	1	3	4,0	1	3
5	0,8	1	0,5	0	0	. 0	1	1,4	1 .	. 0
1	0,2	0	0	. 0	0	0	1	1,4	0	0
631	100	211	100	82	100	36	74	100	19	55
100	7	_				43,9%	100	ling.	25,6%	MATERIAL PROPERTY.
		100		38,8%			35,1%		nete shipete	26,1%
	30 77 152 321 29 5	30 4,8 77 12,2 152 24,0 321 50,9 29 4,6 5 0,8 1 0,2	30 4,8 8 77 12,2 31 152 24,0 65 321 50,9 86 29 4,6 11 5 0,8 1 1 0,2 0 631 100 211	16 2,5 8 4,0 30 4,8 8 4,0 77 12,2 31 14,7 152 24,0 65 30,8 321 50,9 86 40,8 29 4,6 11 5,2 5 0,8 1 0,5 1 0,2 0 0 631 100 211 100	16 2,5 8 4,0 4 30 4,8 8 4,0 4 77 12,2 31 14,7 16 152 24,0 65 30,8 27 321 50,9 86 40,8 26 29 4,6 11 5,2 5 5 0,8 1 0,5 0 1 0,2 0 0 0 631 100 211 100 82 - - - - 100	16 2,5 8 4,0 4 4,9 30 4,8 8 4,0 4 4,9 77 12,2 31 14,7 16 19,5 152 24,0 65 30,8 27 32,9 321 50,9 86 40,8 26 31,7 29 4,6 11 5,2 5 6,1 5 0,8 1 0,5 0 0 1 0,2 0 0 0 0 631 100 211 100 82 100 - - - - - 100 -	16 2,5 8 4,0 4 4,9 3 30 4,8 8 4,0 4 4,9 0 77 12,2 31 14,7 16 19,5 8 152 24,0 65 30,8 27 32,9 13 321 50,9 86 40,8 26 31,7 11 29 4,6 11 5,2 5 6,1 1 5 0,8 1 0,5 0 0 0 1 0,2 0 0 0 0 0 631 100 211 100 82 100 36 - - - - - 43,9%	16 2,5 8 4,0 4 4,9 3 4 30 4,8 8 4,0 4 4,9 0 2 77 12,2 31 14,7 16 19,5 8 11 152 24,0 65 30,8 27 32,9 13 19 321 50,9 86 40,8 26 31,7 11 33 29 4,6 11 5,2 5 6,1 1 3 5 0,8 1 0,5 0 0 0 1 1 0,2 0 0 0 0 0 1 631 100 211 100 82 100 36 74 - - - - - 100 - 43,9% 100	16 2,5 8 4,0 4 4,9 3 4 5,4 30 4,8 8 4,0 4 4,9 0 2 2,7 77 12,2 31 14,7 16 19,5 8 11 14,9 152 24,0 65 30,8 27 32,9 13 19 25,6 321 50,9 86 40,8 26 31,7 11 33 44,6 29 4,6 11 5,2 5 6,1 1 3 4,0 5 0,8 1 0,5 0 0 0 1 1,4 1 0,2 0 0 0 0 0 1 1,4 631 100 211 100 82 100 36 74 100 - - - - - - 43,9% 100 -	16 2,5 8 4,0 4 4,9 3 4 5,4 1 30 4,8 8 4,0 4 4,9 0 2 2,7 1 77 12,2 31 14,7 16 19,5 8 11 14,9 4 152 24,0 65 30,8 27 32,9 13 19 25,6 7 321 50,9 86 40,8 26 31,7 11 33 44,6 4 29 4,6 11 5,2 5 6,1 1 3 4,0 1 5 0,8 1 0,5 0 0 0 1 1,4 1 . 1 0,2 0 0 0 0 1 1,4 0 631 100 211 100 82 100 36 74 100 19 - - - - - - 43,9% 100 - 25,6%

TABELA 10 - FREQUÊNCIA DAS CONSULTAS AO IBGE, NO ANO DE 1987, SEGUNDO A NATUREZA JURÍDICA DO USUÁRIO

	NATUREZA JURÍDICA		T	ODOS QUE RES	PODERAM .		U	SUÁRIO DE	DADO AGROPEC	UÁRIO
	DO USUÁRIO	Total	Uma consulta	Duas consultas	Mais de duas consultas	Sem informação	Total	Uma consulta	Duas consultas	Mais de duas consultas
19-5	1000		To Emplo				78		20	
	Instituições de Ens. Sup. e		0		921	4	4	1	0	3
	Técnico	8	378	0.6	0 4		3.5	1 4	0	
	Público Municipal	8	1	1	2	4	4	1	1	2
	Público Estadual	31	2	1	18	10	16	1	0	15
0	Público Federal	65	6	5	17	37	27	6	5	16
	Empresas Privadas	86 .	9	3	22	52	26	6	2	18
	Entidades Associativas	11	0	1	4	6	5	0	1	4
	Produtores Rurais e Autônomos	1	0	0	0	.∵ 1	0	0	0	0
	Área de Documentação/Biblio-									
	teca	1 .	0	0	0	1	0	0	0	0
					- 11.18					
	TOTAL	211	18	11	67	115	82	15	9	58
	a little and the second	(100)	(8,5)	(5,2)	(31,8)	(54,5)	(100)	(18,3)	(11,0)	(70,7)

Uma relação de 631 nomes e endereços dos usuários do SIDRA, nos últimos cinco anos, fornecida pela Gerência de Sistemas de Disseminação de Informações - GEDIS/CDDI, do IBGE, serviu de universo para a pesquisa. A todos esses usuários enviou-se um telex circular perguntando:

- se a instituição ou órgão produz ou coleta informações sobre o se tor agropecuário ou agroindustrial;
- se, em 1987, consultou os bancos do IBGE;
- se arquiva dados em meios magnéticos;
- se é possível o acesso aos dados porventura arquivados.

Faz-se aqui um breve confronto entre os 211 usuários que responderam ao telex e o universo de usuários do sistema SUDRA, via telex.

Como mostra a Tabela 9, entre os usuários do SIDRA predominam os do setor privado (50,9%), seguidos pelos do setor público federal (24,0%) e do estadual (12,2%). Este perfil pouco se altera no conjunto dos que responderam à pesquisa. Ressalte-se, por outro lado, a quase completa ausência das instituições de ensino, do setor público municipal, dos produtores rurais e autônomos, das áreas de do cumentação e das entidades associativas setores que, somados, representam apenas 12,9% no conjunto dos usuários do sistema, e 15,9% entre os que responderam ao telex.

Entre os interessados em agropecuária, que são a maio ria dentre os que responderam (38,8%), há predominância dos setores públicos (57,3%) ficando o setor privado com 31,7% e os restantes com 11%. Apurou-se também, que 43,9% dos que são usuários de dados agropecuários dispõem de meios magnéticos de armazenamento e que apenas 25,6% dos demais usuários utilizam tais meios.

A Tabela 10 registra a frequência de entrada no sistema, no ano de 1987. No conjunto dos que responderam, note-se que mais da metade destes não respondeu a pergunta sobre a frequência das consultas feitas, apenas 31,8% fizeram mais de duas consultas aos bancos de dados do IBGE. Esta porcentagem chega a 70,7% entre os que consultaram dados agropecuários. Entre estes últimos, quase todos os usuários públicos estaduais fizeram mais de duas consultas.

Em geral, no conjunto dos usuários do SIDRA-TELEX o se tor público e o privado encontram-se quase igualmente representados; segmentos importantes, porém, estão praticamente ausentes, tais como: as instituições de ensino e pesquisa, os produtores rurais, o setor público municipal e as bibliotecas. Estas distorções, constatadas também entre os usuários de estatísticas agropecuárias, devem ser corrigidas para levar o sistema a sua plena eficácia. Isto supõe ampliar o conhecimento do sistema por parte dos usuários.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta incursão no universo dos usuários de estatísticas agropecuárias, embora preliminar e sumária, foi suficiente para revelar o quanto se tem que avançar no conhecimento das diferenças existentes entre eles. Estas diferenças tendem a se acentuar à medida que se difunde o uso do computador e dos meios magnéticos de armazenagem de informações. Estas máquinas têm que ser alimentadas com dados cada vez mais recentes e atualizados, e, também, cada vez mais próximos dos interesses dos que as utilizam. O descontentamento revelado nas pesquisas, certamente, está ligado ao surgimento dessas novas condições, aliadas às transformações da própria economia.

Um sistema de informações agrícolas é mais eficiente e eficaz, tanto ao lado da produção como da difusão e da disseminação, se partir da base de um conhecimento da demanda de estatísticas e de suas mudanças no tempo. Para isso, torna-se necessária a qualificação mais aprofundada dos seus diferentes tipos de usuários. Sugere-se, portanto, como primeiro passo para a implantação de um sistema de informações agropecuárias, uma pesquisa ampla e objetiva que abranja to das as categorias de usuários - os funcionários de órgãos do governo central e local, os produtores, as empresas privadas, os pesquisadores acadêmicos, os dirigentes de entidades associativas e o público em ge ral - e que inclua questões relativas à intensidade e qualidade do conhecimento e uso dos levantamentos e pesquisas existentes.

1 - RESUMO DA METODOLOGIA E DOS RESULTADOS

Em julho de 1986, o IBGE firmou convênio com a FAO (Food and Agricultural Organization), órgão das Nações Unidas, no sentido de desenvolver, no Brasil, uma pesquisa piloto sobre custos de comercialização e margens, para alguns produtos de origem agropecuária. Os objetivos foram:

- i) rever o sistema de coleta de preços, análise e disseminação, com o objetivo de avaliar as possibilidades existentes e traçar pla nos para a melhoria das informações referentes a custos de comer cialização e margens.
- ii) testar a possibilidade de se calcular os vários custos de comercialização e margens entre:
- a) produtor e consumidor
- b) importador e consumidor
- c) produtor e exportador

Os resultados desta pesquisa, ** juntamente com os de outras duas que seriam realizadas nas Repúblicas de Gana e Coréia, deverão ser utilizados pela FAO, na elaboração de um manual de instrução para a coleta e estimativa de custo e margens de intermediação em outros países.

Nove produtos foram sugeridos como objeto da pesquisa no Brasil: arroz, cacau, café, cana-de-açúcar, carne de frango, lei te, milho, soja e trigo. Destes nove produtos, quatro possuem um acompanhamento institucional em suas diversas etapas de comercializa ção: cacau (CEPLAC), café (IBC), cana-de-açúcar (IAA) e o trigo (CTRIN). Para os demais produtos - à exceção do leite que foi estudado recentemente, pelo BNDES, na região produtora de Juiz de Fora,

⁽¹⁾ Publicado na revista Indicadores IBGE vol. 6 nº 12 dezembro/1987.

^(**) Realizada com a seguinte equipe: Charles C. Mueller (IBGE) Coondenador; Jairo Augusto Silva (IBGE) Subcoordenador; Rosângela Carnevale (IBGE); Kátia de Fátima Dias (IBGE); Fidelis Marteleto (IBGE); Sonia Rocha (IBGE); Maria Beatriz de Albuquerque David (IPEA/INPES); Marcus Vinicius de Almeida Martins (IPEA/INPES).

Minas Gerais -, foi elaborada uma metodologia de levantamento e aná lise de dados, senão inédita, bastante incomum em relação aos proce dimentos usualmente adotados no IBGE, tendo sido observadas as características abaixo descritas:

- 1 realização, para os produtos considerados, de uma pesquisa de campo, com visitas às principais indústrias e intermediários, nas principais zonas produtoras;
- 2 as empresas foram selecionadas segundo a sua importância em ter mos de valor da produção gerado, de acordo com as informações cen sitárias mais atualizadas (1980);
- 3 utilizou-se a Rede de Coleta do IBGE com objetivo de atualização do cadastro das empresas, em virtude dos dados censitários se reportarem a 1980;
- 4 na pesquisa de campo, foi aplicado um questionário para os produtos agrícolas e outro para a produção de carne de frango;
- 5 para os produtos agrícolas, as compras, as vendas e o beneficia mento, foram considerados isoladamente, nos meses de concentração dos mesmos;
- 6 no que respeita à produção de carne de frango, foram considera das, isoladamente, as granjas (produção de aves vivas) e os aba tedouros;
- 7 os valores monetários levantados em diferentes meses do ano foram corrigidos para um único mês;
- 8 os produtos que possuem um acompanhamento institucional em suas diversas etapas de produção, comercialização e consumo, não for ram incluídos na pesquisa de campo, optando-se pela utilização dos dados fornecidos pelas instituições respectivamente responsá veis;
- 9 as principais zonas produtoras foram selecionadas segundo a produção apresentada nos últimos anos, tanto em termos de matérias-primas, quanto de produtos delas derivados;
- 10- a pesquisa de campo foi realizada por técnicos da equipe responsável pelo projeto, uma vez que o prazo estipulado para a conclu

são do convênio (6 meses) seria insuficiente para a preparação e ficiente da Rede de Coleta do IBGE; e

11- foram levantadas informações para os produtos objeto do estudo nos Estados a seguir listados: Rio Grande do Sul (arroz e soja), Paraná (milho e soja), Santa Catarina (carne de frango), São Paulo (milho e soja) e Goiás (arroz). Tal levantamento, envolveu cerca de trinta grandes empresas que detêm expressiva participação no mercado.

A seguir, são apresentados alguns resultados, para os seguintes produtos: soja (São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul); carne de frango (Santa Catarina); rações (São Paulo); e arroz beneficiado (Rio Grande do Sul). São apresentadas planilhas de custos e tabelas de coeficientes técnicos de transformação do produto agríco la em seus derivados, com dados médios agregados de vários estabele cimentos. Todas as planilhas referem-se a informações de estabele mentos de grande porte, em que se teve o cuidado de coletar dados de vidamente documentados, em alguns casos até de diferentes departamen tos dentro do mesmo estabelecimento, o que, de certa forma, deve ga rantir a qualidade dos dados informados.

Um outro aspecto a ser mencionado é que o tratamento dispensado aos dados na fase de sistematização, eliminou a possibilidade de identificação das empresas informantes, garantindo o sigilo quanto às informações individualizadas e consideradas estratégicas pelos informantes.

Na análise das planilhas, há algumas particularidades que devem ser consideradas:

- 1 para a soja e o arroz, os dados partem de 1 kg de matéria-prima para as frações de derivados obtidos, acompanhando todo o proces so de entrada da matéria-prima no estabelecimento industrial até a sua colocação no mercado interno, quer seja para a distribuição final, para a intermediária ou para a exportação;
- 2 para carne de frango, partiu-se do custo do frango vivo nas granjas integradas à indústria, acompanhando-se o processo de produção do frango abatido refrigerado, com miúdos, até a sua colocação no mercado de São Paulo, capital. Apenas para esse produto

- é que não foi considerado o preço de venda realmente efetivado, dada a situação conturbada do mercado na época da pesquisa, com congelamento de preços determinando uma significativa margem de prejuízo na atividade. O preço final considerado é então, o preço de custo segundo os dados levantados;
- 3 no caso das rações, que seriam os principais produtos derivados do milho, o esquema de sistematização e análises dos dados até então empregado para os demais produtos, teve que ser modificado. A início, considerada a alta participação, em volume, do milho utilizado na produção das rações, esperavase uma alta participação desse insumo, também no valor final do produto. Os dados coletados, como mostra a tabela de coeficientes técnicos para a produção de ração, evidenciam que, em termos de valor, o milho participa com cerca de 40% do custo da produção. Diante disto, o critério de análise dos dados foi invertido e o estudo que se pretendia fazer de uma unidade básica de matéria-prima utilizada (1 kg de milho em grão) passou a tomar como unidade básica de referência o produto industrializado (1 kg de ração);
- 4 em algumas empresas pesquisadas, foi possível chegar-se aos pre ços recebidos pelo produtor rural por sua matéria-prima através da dedução, nos preços pagos pela empresa, do frete e do FUNRURAL pagos pelo produtor;
- 5 os efeitos da carga tributária sobre a lucratividade de algumas empresas são bastante significativos em algumas das Unidades da Federação e para alguns dos produtos considerados. Tomando-se a relação entre a carga tributária paga e o lucro obtido nas indús trias de óleo de soja, por exemplo, ele passa de 1,58 em São Paulo, para 1,73 no Rio Grande do Sul e 8,26 no Paraná. A mes ma relação para as indústrias de rações em São Paulo é de 0,04 e, para a indústria de beneficiamento de arroz no Rio Grande do Sul, é de 3,16; e
- 6 a análise dos dados obtidos nas cooperativas deve ser diferencia da da realizada para as demais empresas, uma vez que as coopera tivas normalmente trabalham com uma taxa de lucratividade pré-fixada.

Os diversos aspectos apontados numa primeira análise das planilhas permitem antever o imenso valor, em termos de melhor entendimento de uma importante parcela da agroindústria nacional, das pesquisas que privilegiam aspectos ligados aos custos de comercialização e margens, que se constituem em valiosos subsídios para a elaboração de políticas de incentivo e controle da atividade.

As entrevistas e os dados levantados levam a algumas evidências e conclusões fortemente favoráveis à implantação de uma pesquisa sistemática de margens de intermediação.

A primeira delas é a obviedade da importância para o governo, do conhecimento e dimensionamento das margens incidentes no processo de produção - comercialização - beneficiamento e consumo de produtos de origem agropecuária, particularmente quanto a carga tributária, custo do transporte e margem de remuneração do capital investido, setorial e regionalmente.

A segunda, até certo ponto inesperada, foi a boa re ceptividade de grande número de empresas ao tipo de pesquisa desen volvido. Tudo indica que a razão para o interesse dos empresários se prende à inexistência de parâmetros ou indicadores industriais e comerciais que lhes permitam avaliar a própria eficiência confronta da com a de seus concorrentes.

A terceira conclusão favorável à pesquisa de margens de intermediação é que, na maioria das empresas, os dados solicita dos existem e podem ser fornecidos com relativa facilidade desde que se crie uma demanda pelos mesmos.

Como restrições ou dificuldades encontradas na pesquisa, tal como desenvolvida, podemos arrolar o curtíssimo prazo para a elaboração da metodologia, bem como para a organização e desenvolvimento dos trabalhos, tanto de campo quanto de análise dos dados. Estas restrições, entretanto, não foram tão importantes, quanto à apresentada pela inexistência de um índice de preços para os produtos agropecuários, que além de consistente, contemplasse a sazonalidade característica da atividade considerada tanto individualmente, quanto relacionada a outras atividades afins.

No cômputo geral, a pesquisa de margens de intermedia ção para alguns produtos de origem agropecuária se mostrou viável e de alto retorno em termos de qualidade e utilidade dos dados obtidos. Desta forma, o Departamento de Agropecuária (DEAGRO) do IBGE incluiu-a no seu programa de trabalho para 1988, quando novamente os dados foram levantados (7 a 11 de novembro), estando em fase de tabulação e análise.

a chef sincimiant at manufact a series expensively

produces on produces - constraint and language terminal enterior of constraints o

olycidemini an present the entitlement of the located

butaria, ouste do transporte o margas da rosum sução na supliar in

A segunda in the special distribution at a local and a local at a segundary of the country of th

substitute and a second of the state of the second second

compensate que lhas reinitas avaluar o propria elicitarela confronca

stigram on astupance (surprised president mileotet A

sup fight sustained and telephone on relative such telephone and telephone and telephone

pompin point in the second point of the second seco

a must exercise the method of the party of t

sente des trabalisme, tendes de compo queme de sentine des latar. Est

senseda pola recessibilitate do un lading de pregos pasa, que predutos

and statistical and assessment of the contract of the contract

1 - MAPGENS DE MERCADO TRANSFORMAÇÃO DA SOJA EM ÓLEO E FARELO LOCALIZAÇÃO DAS PLANTAS INDUSTRIAIS - SÃO PAULO (capital)

CUSTOS	VALOR	PARTICIPAÇÃO NO PREÇO FINAL (%)	LUCRO	PARTICIPAÇÃO NO PREÇO FINAL (%)
1. Preço de compra	10,2846	66,04	5=	-
2. Custo de descarga	0,0300	0,19	35 W	
3. Custo de secagem	0,0150	0,10	79	1 m 14
4. Custo da matéria-prima (1+2+3)	10,3296	66,33		
5. Custo de beneficiamento	1,0500	6,74	Grand - Coro	Toronto II STATE
6. Custo total da produção (4+5)	11,3796	73,07	1,5694	10,08
VENDAS	FARELO	ÓLEO	FARELO E ÓLEO	PARTICIPAÇÃO NO PREÇO FINAL (%)
1. Preço no estabelecimento	9,0636	3,8854	12,9490	83,14
2. ICM	1,4545	. 0,8296	2,2841	14,67
3. FINSOCIAL	0,0802	0,0366	0,1168	0,75
4. PIS	0,0535	0,0244	0,0779	0,50
5. Comissão	0,0428	0,0195	0,0623	0,40
5. Frete	-	0,0843	0,0843	0,54
7. Preço efetivo de venda (1+2+3+4+5+6)	10,6946	4,8798	15,5744	100,00

2 - MARGENS DE MERCADO TRANSFORMAÇÃO DO MILHO E DO FARELO DE SOJA EM RAÇÃO LOCALIZAÇÃO - CAMPINAS, SÃO PAULO

		P	eriodo de referênci	ia: outubro de 19
CUSTOS	VALOR	PARTICIPAÇÃO NO PREÇO FINAL (%)	LUCRO ·	PARTICIPAÇÃO NO PREÇO FINAL (%)
Preço de compra - milho	2,4619	28,30	00-150-00-150-00-0	50 LO 10 10 10 10 10 10 10 10 10 10 10 10 10
Preço de compra - farelo de soja	2,6308	30,24		-
Custo da matéria-prima (1+2)	5,0927	58,54	minus I organiza	-
Custo de beneficiamento, inclusive matéria-prima	0,9150	10,52		and the Design
Custo da produção (3+4)	6,0076	69,06	2,5831	29,69
VENDAS	F	RAÇÃO	PARTIC N	0
			PREÇO (%	
Preço no estabelecimento		8,5907	98	,75
FINSOCIAL	27 8	0,0652	C	,75
PIS		0,0435	C	,50
Preço de venda na fábrica (1+2+3)		8.6994	100	0,00

3 - MARGENS DE MERCADO TRANSFORMAÇÃO DA SOJA EM ÓLEO E FARELO LOCALIZAÇÃO DAS PLANTAS INDUSTRIAIS - CASCAVEL, PARANÁ

			Período de referê	nera. Junio de 1
CUSTOS	VALOR	PARTICIPAÇÃO NO PREÇO FINAL (%)	LUCRO	PARTICIPAÇÃO NO PREÇO FINAL (%)
	110 7 7	- 10 to 1	Clarent of the M	Company of Charles
. Preço de compra	5,9770	71,23	Minist winds	Color of color
. Custo de classificação e descarga	0,1690	2,01	and the second	SCHOOL -B OFFICE
. Custo de secagem	0,1769	. 2,11		-
. Custo de expurgo	. 0,0161	0,19		
. Custo de armazenagem	0,0562	0,67	PAGE 1	Y
. Custo da matéria-prima (1+2+3+4+5)	6,3952	76,21	-	-
Contract to be a contract to	0,5203	6,20		70.0
. Custo de beneficiamento				18:
	6,9155	82,41	0,0876	1,04
Custo de beneficiamento	. 6,9155		O,0876 FARELO E ÓLEO	PARTICIPAÇÃO NO PREÇO FINAL
. Custo total da produção (6+7)	\$7.00 ₄ 0	SELO, O WAR	FARELO E	PARTICIPAÇÃO NO
. Custo total da produção (6+7)	FARELO	SELO, O WAR	FARELO E	PARTICIPAÇÃO NO PREÇO FINAL
VENDAS Preço no estabelecimento	FARELO	ÓLEO 2,9972	FARELO E ÓLEO	PARTICIPAÇÃO NO PREÇO FINAL (%)
VENDAS Preço no estabelecimento	FARELO 4,0059 0,6184	- ÓLEO	FARELO E ÓLEO 7,0031	PARTICIPAÇÃO NO PREÇO FINAL (%)
VENDAS Preço no estabelecimento ICM FINSOCIAL	FARELO 4,0059 0,6184 0,0386	ÓLEO 2,9972 0,0243 0,0162	FARELO E ÓLEO 7,0031 0,6184	PARTICIPAÇÃO NO PREÇO FINAL (%) 83,46
VENDAS Preço no estabelecimento ICM FINSOCIAL PIS	FARELO 4,0059 0,6184 0,0386	ÓLEO 2,9972	7,0031 0,6184 0,0629	PARTICIPAÇÃO NO PREÇO FINAL (%) 83,46 7,37 0,75
. Custo total da produção (6+7) VENDAS	FARELO 4,0059 0,6184 0,0386	0,0243 0,0162	7,0031 0,6184 0,0629	PARTICIPAÇÃO NO PREÇO FINAL (%) 83,46 7,37 0,75

5 - MARGENS DE MERCADO TRANSFORMAÇÃO DA SOJA EM ÓLEO É FARELO LOCALIZAÇÃO DAS PLANTAS INDUSTRIAIS - CANOAS, RIO GRANDE DO SUL

Período de referência: maio de 1987 PARTICIPAÇÃO PARTICIPAÇÃO LUCRO VALOR CUSTOS PREÇO FINAL PREÇO FINAL (%) (%) 1. Preço de compra 6,5830 73,37 0,1907 2,13 2. Custo de descarga e armazenagem 3. Custo da matéria-prima (1+2) 6,7737 75,50 5,01 4. Custo de beneficiamento 0,4499 5. Custo da produção (3+4) 80,51 0,5618 6,26 7,2236 PARTICIPAÇÃO FARELO E NO VENDAS FARELO ÓLEO PREÇO FINAL ÓLEO (%) 7,7854 Preço no estabelecimento 5,6004 2.1851 86,76 2. ICM 0,7104 0,1976 0,9080 10,12 0,0479 0,0184 0,0663 0,75 4. Frete 0,0570 2,37 0,1557 0,2127 5. Preço efetivo de venda (1+2+3+4) ... 6,5144 2,4581 8,9725 100,00

6 - MARGENS DE MERCADO TRANSFORMAÇÃO DO ARROZ EM CASCA EM ARROZ BENEFICIADO, FARELO E QUIRERA LOCALIZAÇÃO DAS PLANTAS INDUSTRIAIS - PELOTAS, RIO GRANDE DO SUL

Período de referência: maio de 1987 PARTICIPAÇÃO PARTICIPAÇÃO · NO NO CUSTOS VALOR LUCRO PREÇO FINAL PREÇO FINAL (%) (%) 1. Preço de compra 3,4291 56,14 2. Custo de classificação 0,0023 0,04 3. Custo de armazenagem 0,7000 11,46 4. Custo da matéria-prima (1+2+3) 4,1314 67,64 5. Custo de beneficiamento 10,92 0,6667 6. Custo de produção (4+5) 4,7981 78,56 7. Custo de embalagem 0,4189 6,86 8. Custo total da produção (6+7) 5,2170 85,42 0.2142 3,56

VENDAS	ARROZ BENEFICIADO	FARELO	QUIREŖA	ARROZ BENEFICIADO, FARELO E QUIRERA	PARTICIPAÇÃO NO PREÇO FINAL (%)
1. Preço no estabelecimento	5,2474	0,1568	0,0270	5,4312	88,93
2. ICM	0,5310	0,0159	0,0028	0,5497	9,00
B. FINSOCIAL	0,0443	0,0013	0,0002	0,0458	0,75
1. PIS	0,0679	0,0020	0,0004	0,0703	1,15
5. CDO	0,0097	0,0004	0,0005	0,0106	0,17
Preço efetivo de venda (1+2+3+4+5)	5,9003	0,1764	0,0309	6,1076	100,00

4 - MARGENS DE MERCADO TRANSFORMAÇÃO DE PINTOS DE UM DIA EM FRANGOS DE ABATE LOCALIZAÇÃO - CHAPECÓ, CONCÓRDIA - SANTA CATARINA

			Período de referênc	ia: outubro de 1987
CUSTOS	VALOR	PARTICIPAÇÃO NO PREÇO FINAL (%)	LUCRO DO PRODUTO RURAL	PARTICIPAÇÃO NO PREÇO FINAL (%)
PRODUÇÃO DE FRANGO				phones on education
1. Pintos de um dia	6,2755	9,95	_	Tallet an inches
2. Ração inicial	7.1578	11,35	-	
3. Ração de crescimento	13,2479	21,00		- I TO SERVICE AND ADDRESS OF THE PARTY OF T
4. Ração final	5,3177	8,43		_
5. Medicamentos	0,1476	0,23	2 =	-
5. Cama	0,2369	0,38		N 5-35
7. Aquecimento	0,0961	0,15		-
B. Energia	0,0378	0,06	-	-
). Seguros	0,0378	0,06	(laconomic min)	make in spart of
). Cortinas	0,0481	0,08	The state of the s	The District of the Land
. Manutenção	0,0687	0,11	The second second	Anna Lances of the Sal
P. Perdas	0,0858	0,14	1,5346	2,43
. Preço em nível de produtor (1+2+3+4+5+				
6+7+8+9+10+11+12)	34,2922	54,35	-	-
. FUNRURAL	0,0378	0,06	-	-
. Preço posto no abatedouro (13+14)	34,3300	54,41	-	
PRODUÇÃO INDUSTRIAL	The second second			180
. Quebra	5,2240	8,28	-	÷ .
. Valor da matéria-prima (15+16)	39,5540	62,69		
. Despesas de beneficiamento	2,9970	4,75	-	- 2
. Embalagem	1,1250	1,78	-	-
. Propaganda	0,6950	1,10		-
. Outros	10,8830	17,25	The state of the s	eracion so collect a
. Preço da fábrica (17+18+19+20+21)	55,2540	87,58	-	Court of State of
	Block)		Description of the State	Discours of Conf.
	10,50	1. 1817	The Republication	Triange of the first
	SE, OC.		PARTIC	
VENDAS	FRANGO) ABATIDO	PREÇO (9	FINAL
. Preço no estabelecimento	5	5,2540	87	7,58
. Frete		1,9650		3,11
. PIS		0,5210		,83
FINSOCIAL		0,3480		,55
. ICM		5,0040		7,93
. Preço posto em São Paulo (1+2+3+4+5)		3,0920		0,00
The proof of the same same same same same same same sam		-1	100	

2 - METODOLOGIA SUGERIDA PELA FAO

2.1 - Objetivos

Os objetivos dos estudos são:

- 1. Rever o sistema de coleta de preços, análise e dissemina ção com vistas a avaliar as potencialidades e os planos de aperfeiçoa mento existentes relacionados com custos e margens de comercialização.
- 2. Testar a viabilidade de calcular os vários custos e mar gens de comercialização entre:
- a) produtor e consumidor;
- b) importador e consumidor;
- c) produtor e exportador.

Como os resultados dos estudos pilotos serão utilizados pela FAO na confecção de um anual sobre coleta e estimação de custos e margens de comercialização, solicita-se aos países que façam comentários detalhados e descrições das metodologias adotadas, dos problemas encontrados e de outras experiências que serão uma das bases para o manual planejado.

2.2 - Escolha dos Países e dos Produtos

Os estudos serão feitos em três países, a saber: Brasil, República da Coréia e Gana. A escolha dos países foi feita com base na disponibilidade ou não de estatísticas sobre preços de produtos agrícolas. Os estudos cobrirão os produtos agrícolas mais importantes limitando-se à produção comercializada.

A lista de produtos feita pela FAO, com os produtos em ordem de importância (utilizando o critério dos valores de produção ou de mercado), encontra-se anexa. Os países podem acrescentar produtos que sejam de seu especial interesse, sendo que a lista da FAO deve ser mantida, na medida do possível.

2.3 - Conceitos

Especificação da Variedade e da Qualidade do Produto - Um produto poderá ter diversas variedades e cada variedade diversas qualidades

(graus). Sugere-se, então, considerar apenas a variedade mais comumente produzida ou comercializada, ou seja, mais populares.

Origem do Produto - A origem do produto selecionado deve ser aárea ou a região conhecida como sua maior produtora. Caso exista mais de uma importante região produtora todas deveriam ser cobertas pelos estudos. Sugere-se seguir o produto desde sua saída do produtor rural até sua chegada ao "consumidor", procurando identificar todos os custos e margens que surjam no processo de sua comercialização. A origem de referência para os produtos importados deve ser o porto ou fronteira que canaliza a maior parte do produto. O produto deve acompanhado até alcançar o "consumidor".

Destino Final do Produto - Deve referir-se ao centro onde a maior parte do produto é comercializada. O mesmo se aplica aos estágios in termediários de comercialização. No caso dos produtos exportados o ponto final é o porto ou a fronteira pelo qual sai a maior parte do produto.

Canais de Comercialização - Pode ser que haja mais de um canal de comercialização para o mesmo produto. Os canais podem ser instituições públicas ou privadas, associações de comércio, cooperativas, etc. Se quantidades consideráveis do produto fluem através de todos ou de alguns des tes canais, estudos separados de custos e margens devem ser feitos para cada um deles. Uma média poderada, se possível, deve ser calculada para o país. No caso de vendedores privados, sugere-se seja seleciona da uma pequena amostra que verdadeiramente reflita qualquer variação que exista entre eles.

Processamento de Produtos - Muitos produtos passam por várias fases de processamento que conduzem à criação de um produto diferente da quele originário do campo ou do porto. Ao mesmo tempo, a transformação do produto poderia produzir um sub-produto. Nestes casos os custos e margens de comercialização devem referir-se ao produto no estágio em que é comercializado. Por exemplo, para o arroz em casca os custos e margens devem ser levantados entre o produtor e o atacadista; a partir daí devem relacionar-se ao arroz beneficiado. A conversão para um produto referência será discutida mais adiante. O valor do sub-produto, que tem seu próprio valor, deve ser levado em conta no lucro no estágio apropriado de processamento. Sub-produtos oriundos do processamento mas não comercializáveis devem entrar como perdas de processamento, isto é, perdas de peso.

Fases de Processamento - Determinados produtos agrícolas podem pas sar por mais de um estágio de processamento antes de atingir o destino final, seja este o consumidor ou a fronteira. No entanto, para os propósitos deste estudo, sugere-se que somente um estágio de processamento seja considerado independentemente de o destino final ser o consumidor ou o atacadista. Como exemplos tem-se arroz em casca em arroz beneficiado, trigo em farinha e não em pão, cacau e café em grãos secos, algodão com caroço em sementes de algodão e fibras (através de descaroçamento) e não para óleo, animais em carca ças através de abate. A taxa (coeficiente) de extração ou conversão de um estágio, isto é, de trigo em farinha, de arroz em casca em arroz, etc. deve ser determinada. Isto permitirá. num estágio posterior, fazer corresponder todos os cus tos e margens à mesma forma do produto.

<u>Unidade de Peso e Moeda</u> - Custos e margens de comercialização e os níveis de preços devem ser expressos na mesma unidade de peso através de todos os es tágios de comercialização (um kg) mesmo se algum peso for perdido durante o processa mento. Os valores devem ser expressos em moeda local.

<u>Preços</u> - Preços a nível nacional são necessários para se es timar a margem líquida (lucro), dado que, às vezes, é difícil obter in formação sobre este item diretamente dos comerciantes por receio de propósitos fiscais ou por outras razões. Para estimar, por exemplo, o lucro do atacadista:

- . Custos brutos e margens = preço de venda preço de compra
- . Custos brutos e margens custos de comercialização identificados = lucro.

Uma lista de itens de custo de comercialização e suas definições encontra-se anexa. Em muitos países dados de preços ao produtor, preços no atacado e no varejo estão disponíveis por regiões. Na ausência de dados de preços no varejo nas regiões em estudo uma pequena amostra de pontos de venda deverá ser selecionada para se obter dados de preços no varejo. No processo de determinação das margens de lucro, deve-se estar atento aos vários sistemas de preços, tais como preços de mercado livre, preços controlados, etc.

Sazonalidade - Preços, custos e margens de produtos agrícolas são caracterizados pela sazonalidade. Os preços são baixos em geral no pico da colheita enquanto algumas margens podem ser altas em virtude da maior demanda por serviços prestados pelos distribuidores. Sugere-se, portanto, que o período de referência para custos e margens seja relacionado com o período da coleta de preços.

Subsídios e Impostos - Subsídio é fluxo de recursos de fundos go vernamentais para estabilizar ou reduzir preços. Deve ser tratado co mo renda que reduz os custos de comercialização. O imposto é um item de custo e deve ser levado em conta em qualquer estágio em que ocorra.

2.4 - Definições

Custos de Comercialização - Referem-se a custos diretamente relacionados com o processo de comercialização a cargo dos comercian tes, sejam atacadistas, varejistas, etc. por serviços prestados tais como movimentação, embalagem, classificação, armazenagem, taxas de transportes, etc.

Margens de Comercialização: referem-se ao valor adicional que um negociante cobra a seus clientes, para cobrir seu trabalho, retorno so bre seu capital e risco, bem como os custos diretos de comercialização incorridos.

Ensacamento: inclui o custo do material bem como o custo da operação de ensacamento. Geralmente refere-se a produtos não perec<u>í</u> veis, tais como cereais, leguminosas, etc.

Empacotamento: inclui o custo do material (recipiente) e o custo da operação de empacotamento. Este custo é geralmente incorrido no caso de produtos perecíveis tais como frutas e vegetais.

<u>Transporte</u>: refere-se ao custo de locomover o produto de um estágio de comercialização para outro. Cobre também a carga e descarga do produto.

Encargos ou Taxas de Comércio: em alguns países, os comerciantes são obrigados a pagar encargos ou taxas para se tornarem aptos a comercializar produtos em determinado local.

Seleção e Classificação: refere-se ao custo de classificar ou arrumar os produtos de acordo com tamanho, qualidade, variedade, etc.

Secagem: refere-se ao custo que pode incidir sobre alguns produtos como café, cacau e cereais que requerem secagem.

<u>Armazenagem</u>: refere-se ao custo de armazenar o produto em diferentes estágios; vários produtos podem requerer armazenamento por diferentes períodos dependendo da situação de suprimento e demanda. In clui também o custo de refrigeração, congelamento, proteção, etc.

Alimentação: se em algum dos estágios de comercialização, animais são retidos por algum tempo, o custo da sua alimentação deve ser considerado.

Perdas: perdas incluem deterioração, roubo ou furto, derra mamento, etc. Por exemplo, produtos perecíveis podem estragar no processo de transporte, manuseio, etc. Perdas físicas devem ser avalia das, preferivelmente, a preço de compra e não a preço de venda (percentuais de perdas devem ser sempre declarados).

Os itens de custos acima mencionados não são exaustivos. Os países podem incluir ou desconsiderar outros itens, de acordo com necessidades impostas por suas condições.

Comparação de Preços e Custos de Comercialização, e Custos de Comercialização e margens, em vários estágios de comercialização

Os países poderão julgar útil comparar preços e custos operacionais em diferentes níveis. Duas situações podem ocorrer:

- O produto não muda a forma desde quando sai do produtor rural até o consumidor, isto é, não sofre processamento, por exemplo: batatas, leguminosas.
- 2. O produto não pode ser consumido diretamente como sai do produtor devendo sofrer processamento, por exemplo, o arroz em casca tem que ser transformado em arroz beneficiado, trigo em farinha, etc. Como mencionado antes, somente o primeiro estágio do processamento é con siderado neste estudo.

No segundo caso onde os produtos passam pelo primeiro processamento, a comparação pode ser feita de duas maneiras:

a) O produto de referência pode ser o produto primário como vendido pelo produtor e, portanto, os preços e custos de comercialização e mar gens devem ser convertidos de forma a corresponder ao produto primário quando necessário.

b) O produto de referência pode ser o produto final na forma em que é vendido ao consumidor e, portanto, os preços, e custos de comercia lização e margens devem ser convertidos de forma a corresponder a este produto quando necessário.

Anexo encontra-se um exemplo numérico dos dois tipos de conversão.

cerso de areneperte, municato, etca Permas Flataça de ren ser avaita

Ou stemm de dustos colos mencionados não que al 1900. Os pelhes por dus incluir de desconsideras outros al tenas, de adordo com necessidades

communicary, late o, has actra whoreshorenter per exemple; betalus,

green Learning on arrow being totaled tring on facinities of a contract the

the Halmandan en aires market me anogan a nices illes come?

tandara lock primes has nevel asbure ob about

politica needs entrice.

- 66 -

reference and at all with the property of a community of

EXEMPLO NUMÉRICO

	NOVA PROTEIN	
	Estágios	Moeda local/kg
1.	Preço de venda do produtor ao intermediário	15
2.	Preço de venda do intermediário ao atacadista	20
3.	Preço de venda do atacadista ao moleiro	25
4.	a) Preço de venda do moleiro ao atacadista do produto principa	1 50
	b) Preço de venda do moleiro ao atacadista do sub-pro	2
	duto	5
5.	Preço de venda do atacadista ao varejista	60
6.	Preço de venda do varejista ao consumidor	80
	Total Strengt come (Managera of the org)	
00	CUSTOS DECLARADOS E PERDAS ESTIMADAS	
1.	Produtor: a) sacos de 40 kg a 24/cada	0,60
OS.	b) transporte para o mercado 500/250 kg	2,00
9)	TOTAL a + b	2,60
2.	Intermediário:	and the sale of
	a) secagem, limpeza, manuseio 1/kg	1,00
	b) armazenagem 0,40/kg	
	c) transporte 700/2 000 kg	0,35
	TOTAL a + b+ c	1,75
	PERDA: 4 por cento	
3.	Atacadista:	
	a) transporte 1 200/2000 kg	0,60
	b) manuseio	1,80
	TOTAL a + b	2,40
	PERDA: 2 por cento	
		1264

				Moeda local/kg
4.	Moleiro:	a) armazenamento ante	rior ao processamento	Estágios
	31			
		o) custos de processa	mento 6,40	6,40
		TOTAL a + b		7,40
		e) armazenamento do pi	roduto principal depoi	is
		do processamento 1	,20/kg	1,20
	Da .	PERDA: 3 por cent	on Maligeray ob shee	
5.	Atacadist	(produto principal/an	roz beneficiado)	
		a) transporte do mole	iro até a estocagem .	. 2,00
		o) custo de empacotam	ento	. 3,00
	, o	c) transporte até o v	arejista	1,20
		TOTAL a + b.+ c		. 6,20
Δá		PERDA: 4 por cento	areas de a dates	
6.	Varejista	Custos não especifi	cados	4,60
		PERDA: 2 por cent	a) secegem, l'impess o	
			b) aumanenagen og 40/k	
20				

FATORES DE CONVERSÃO PARA UM QUILO DE ARROZ EM CASCA COMO VENDIDO PELO PRODUTOR

Estágios Moeda local/kg 1. Venda do fazendeiro para o intermediário 1,00 2. Intermediário vendendo para atacadista com 4% de perda (ou seja 1,00 x 0,96) 0,96 3. Atacadista vendendo para moleiro com 2% de perda 0,96 x 0,98 0,94 4. Moleiro vendendo 70% em produto principal para ata cadista com 3% de perda: (0,94 x 0,97 x 0,7) 0,64 5. Atacadista vendendo produto principal para varejis ta com 4% de perda, isto é, 0,64 x 0,96 0,61 6. Varejista vendendo produto principal para o consumi dor com 2% de perda, isto é, 0,61 x 0,98 0,60

- 69 -

CÁLCULO DOS CUSTOS DE COMERCIALIZAÇÃO EM DIFERENTES ESTÁGIOS COM ARROZ EM CASCA COMO PRODUTO REFERÊNCIA

Estágio Peso (kg) x diver	sos custos de com	nercialização	Custo Total
	desirent a same		
1. Produtor rural	leade ster 1	x 2,60	2,60
		x 1,75	1,75
2. Intermediário	ing the street sent	X 1,75	7,73
3. Atacadista	0,96	x 2,40	2,30
4. Moleiro	. 0,94	x 7,40 = 6,9	96
	+ 0 91 x 0,7	x 120 = 0,	76
a Markey a stage. De	- 0,91 x 0,3	x 5 = 1,	36
		6,3	6,36
Trippings of 4 Met. 1			
5. Atacadista	0,64	x 6,20	3,97
6. Varejista	. 0,61	x 4,60	2,81
	4		19,79
Total do custo de comercia inicial) de arroz em casca	Control of the Contro	kg (peso	19,79
Preço recebido por 0,60 kg	de arroz benef	iciado (p <u>ro</u>	
veniente de 1,00 kg de arr	oz em casca)	Preço para	
o consumidor (80) x 0,60 d	e arroz benefi	ciado	48 .
Preço no portão da fazenda	: 15 - 2,60 =	12,40/kg	
Custo de comercialização ,	19,79		
Margem líquida	15,81		
	48,00		
1,4			

FATORES DE CONVERSÃO PARA 1 kg DE ARROZ BENEFICIADO COMO VENDIDO AO CONSUMIDOR

Estágio	: 10	Fator
 Varejista para o consumidor com 2% de perda, portanto, peso (1 kg) de arroz em casca dividido por 0,98 	0,98	= 1,02
2. Atacadista: perda de 4%, o fator deriva do torna-se	1,02	= 1,0625
3. Moleiro: 3% de perda depois do proces	enti ob e	Stee All Control
samento	0,97	= 1,095
Moleiro: Processado em produto principal 70%	1,095	= 1,565
0.0.5 = 0.00.1 × 0.1.1.1.1.1.1.1.1.1.1.1.1.1.1.1.1.1.1.1	0,7	ETANIE
4. Atacadista: perda de 2%	0,98	= 1,597
CHARDTREKE TENEN SO 28 1 30 OF PARTHADERS IN	1,597	
5. Intermediário: perda de 4%	0,96	= 1,663
seals - The later of the later		
6. Produtor rural: sem perda	1,663	= 1,663

CÁLCULO DOS CUSTOS DE COMERCIALIZAÇÃO EM DIFERENTES ESTÁGIOS COM ARROZ BENEFICIADO COMO PRODUTO REFERÊNCIA

				- 138 €					
	Fatágia							Total dos	
	Estágio						Custos	de Comercializa	ção
12								Time value	-
1.	Varejista	a		4,6	х	1,02	=	4,69	
2.	Atacadis	ta		6,2	х	1,0625	=	6,59	17
				3					
3.	Moleiro				15		Drain.		
	a) depois	s do process	a						
	mento			6,4	X	1,565	=	10,016	
	· ·			1,2	X	1,565	=	1,878	
	b) antes	do process	a						
	mento		7,	1	x	1,9625	=	1,0625	
	le				1740	1 0000		(1 504)	
	sub-pi	roduto		5 x 0,3	Х	1,0625	=	(-1,594)	
		6861,1		ORLUB		Die of		Molectron	2 .
4.	Atacadis	ta		2,4	X	1,597	=	3,833	
5.	Intermedi	iário		1,75	X	1,663	=	2,910	
6.	Produtor	rural		2,6	x	1,663	=	4,324	8
								middle and a	
		43.5					10.		
	TOTAL DOS	S CUSTOS DE	COMERCIA	. TZACÃO	DE	7 1 kg D	E ARE	OZ BENEFICIAD	10
	TOTAL DOL	S COBTOD DE	COMBROTA	uranyno	Di	J I KE D	E ZHU	OB BENEFICIAL	O
			(soma do	estági	0	1 - 6)		will derestal .	
								35,304	- 0.0
								- 1 504	
								1,594	
			1.19					22 71	
								33,71	
9								*	
Α.	Preço do	Produtor =	15 x 1,6	63			=	24,945	
-	B	~ .							
В.	Preço no	portão da f	azenda =	24,945 -	4,	324	=	20,621	
	_	Townson on the second							
С.	Preço ao	consumidor					=	80,00	
420			158	~	10.4000	an enem			
D.	Custos e	margens de	comercia	lizaçao	((:-B)	=	59,38	
***				1		* **			
. E.	Margem li	ĺquida (D –	Total do	s custos	3	de co			
	mercializ	zação)					=	25,67	
			de deservation de la	The state of the s	or mini	Control Control St.		55-3700 (S. V.)	

COLUNA I

PRODUTOR-CONSUMIDOR

- 1. Preço no portão da fazenda
 - + saco
 - + transporte
 - + taxa de comercialização
 - + outros (especifique)
- Preço de venda dos fazendeiros para os intermediários locais (mercado rural)
 - + saco
 - + embalagem
 - + seleção
 - + secagem
 - + armazenagem
 - + alimentação
 - + transporte
 - + perdas
 - + outros (especifique)
 - + margens de lucro
- Preço de venda dos intermediários locais para a fábrica de processamento
 - + alimentação
 - + custo de processamento
 - + armazenagem
 - + secagem
 - + transporte
 - + perdas
 - + outros (especifique)
 - renda de sub-produtos
 - + margem de lucro
- Preço de venda da fabrica de processamento para o atacadista
 - + armazenagem
 - + transporte
 - + perdas
 - + outros (especifique)
 - + margem de lucro
- 5. Preço do atacadista para varejistas
 - + armazenagem
 - + empacotamento
 - + transporte
 - + perdas
 - + outros (especifique)
 - + margem de lucro
- Preço de venda do varejista para consumidor

COLUNA II

PRODUTOR-EXPORTADOR

- 1. Preço no portão da fazenda
 - + saco
 - + transporte
 - + taxa de comercialização
 - + outros (especifique)
- Preço de venda dos fazendeiros para os intermediários locais (mercado rural)
 - + saco
 - + embalagem
 - + seleção
 - + secagem
 - + armazenagem
 - + alimentação
 - + transporte
 - + perdas
 - + outros (especifique)
 - + margens de lucro
- Preço de venda dos intermediários locais para a fábrica de processamento
 - + alimentação
 - + custo de processamento
 - + armazenagem
 - + secagem
 - + transporte
 - + perdas + outros (especifique)
 - renda de sub-produto
 - + margem de lucro
- Preço de venda da fábrica de processamento para o atacadista
 - + armazenagem
 - + transporte
 - + perdas
 - + outros (especifique)
 - + margem de lucro
- 5. Preço do atacadista para exportadores
 - + armazenagem
 - + empacotamento
 - + transporte
 - + perdas
 - + outros (especifique)
 - + margem de lucro
- 6. Preço do exportador no porto (FOB)

COLUNA III

IMPORTADOR-CONSUMIDOR

- 1. Preço de importação no porto (CIF)
 - + saco
 - + transporte
 - + impostos/taxas
 - + perdas
 - + margem de lucro
- Preço de venda do importador para atacadista
 - + saco
 - + embalagem
 - + seleção
 - + secagem
 - + armazenagem
 - + alimentação
 - + transporte
 - + perdas
 - + outros (especifique)
 - + margens de lucro
- Preço de venda do atacadista para a fábrica de processamento
 - + alimentação
 - + custo de processamento
 - + armazenagem
 - + secagem
 - + transporte
 - + perdas
 - + outros (especifique) - renda de sub-produtos
 - + margem de lucro
- Preço de venda da fábrica de processamento para o atacadista
 - + armazenagem
 - + transporte
 - + perdas
 - + outros (especifique)
 - + margem de lucro
- 5. Preço do atacadista para varejista
 - + armazenagem
 - + empacotamento
 - + transporte
 - + perdas + outros (especifique)
 - + margem de lucro
- Preço de venda do varejista para consumidor

NOTAS

- 1. Os estágios mencionados acima dependerão do sistema de comercialização e dos produtos comercializados. Exemplos:
 - a) se os produtores vendem um certo produto diretamente para os atacadistas, os estágios 2 e 3 são desnecessários;
 - b) para os produtos que não requerem processamento, o estágio 3 é desnecessário e "fábrica de processamento" no estágio 4 significa "intermediários locais";
 - c) se um produto importado não requer processamento, os estágios 3 e 4 são eliminados da coluna III.
- 2. Em caso de processamento: estágios 1, 2 e 3 referem-se ao produto primario enquanto 4, 5 e 6 ao produto processado, por exemplo, arroz em casca e arroz beneficiado, respectivamente.
- 3. Algumas das operações em cada estágio de comercialização podem relacionar-se a um determinado produto, por exemplo, "alimentação" para gado, "secagem" para cereais, etc.

BRASIL

- . CANA-DE-AÇÚCAR
- . SOJA
- . LEITE DE VACA
- . CAFÉ
- . CARNE DE FRANGO
- . ARROZ
- . CACAU
- . TRIGO
- . MILHO

3 - RELATÓRIO FINAL

Em cumprimento ao acordo entre a FAO, o IBGE fez uam s \acute{e} rie de estudos pilotos sobre custos e margens de comercialização, cobrindo os seguintes produtos:

arroz
milho
soja
carne de frango
cacau
café
cana-de-açúcar
trigo
leite

Neste relátório o IBGE apresenta o resultado dos estudos dos desenvolvidos entre julho e novembro de 1987, pela seguinte equipe de técnicos:

- . Charles C. Mueller (IBGE) Coordenador
- . Maria Beatriz Albuquerque David (INPES-IPEA) Consultora e partici pante do trabalho de campo.
- . Jairo Augusto Silva (IBGE) Coordenador do trabalho de campo
- . Sônia Rocha (IBGE)
- . Rosângela Carnevale (IBGE)
- . Kátia de Fátima Dias (IBGE)
- . Fidelis Marteleto (IBGE)
- . Marcus Vinicius de Almeida Martins (IPEA/INPES)

Os principais problemas encontrados pela equipe do IBGE foram: a falta de experiência neste tipo de estudo (este é um traba lho pioneiro na área de custos de comercialização), a reduzida quantidade de tempo e de literatura disponíveis, e um ano muito atípico, mar cado por intervenções governamentais em larga escala, tanto na fixação de preços, quanto na determinação de cotas de compra e venda de produtos agrícolas. Pode-se dizer que para nenhum dos produtos por nós cobertos os mercados funcionaram livremente; e para alguns o governo in terviu maciçamente.

Quando o governo determina regularmente as regras de comercialização e os preços nos diversos níveis do processo de comercialização de um produto, a informação sobre custos e margens pode, algumas vezes, ser obtida no órgão responsável por este controle. Isto foi feito nos casos da cana-de-açúcar, do trigo, do leite, do cacau e do café, embora para o último tenhamos suplementado as informações obtidas de fontes oficiais com aquelas dos questionários aplicados em cooperativas de produtores de café. No caso do cacau, a grande distância das principais regiões produtoras e o fato de que a comercialização deste produto é cuidadosamente monitorada, levou-nos a trabalhar somente com informações fornecidas pelo órgão público.

No que concerne as informações para a cana-de-açucar, mui to ricas, detalhadas e precisas - foram obtidas no órgão oficial que regula os mercados do açucar e álcool. Este órgão faz anualmente pes quisa por amostra que lhe fornece os dados necessários para a determi nação de preços nos vários níveis dos processos de produção e comercia lização.

Com o trigo ocorre algo semelhante, embora os procedimentos estatísticos não sejam aqui tão precisos quanto no caso da pes quisa do setor açucareiro e as informações existentes não estejam tão facilmente disponíveis. O Governo tem sofrido forte pressão para liberalizar o mercado de trigo e de farinha de trigo e encontrou-se alguma resistência, por parte do órgão responsável que regula estes mercados, em cooperar. Ao final, contudo, fomos bem sucedidos.

No caso do leite, o controle oficial direto nos processos de comercialização não foi tão intenso, embora o governo venha intervindo tabelando o preço do leite nos vários níveis. Este fato tem afetado bas tante o a evolução da produção leiteira. Para se ter uma idéia dos efeitos adversos do tabelamento do preço, de acordo com a Fundação Getúlio Vargas, de janeiro/1980 a fevereiro/1986, enquanto o Índice de Preços no Atacado cresceu 42,119%, o preço do leite fixado pelo gover no cresceu apenas 15,188%, ou 36% da média do crescimento dos preços. Na verdade, a desorganização que esta política tem produzido no setor leiteiro fez com que o governo, recentemente, estabelecesse o preço do leite a níveis mais realistas. Com receio de pressões inflacionárias o governou solicitou pesquisas que ajudassem a determinar reajustes gra

duais no preço do leite. Estas informações foram por nos utilizadas no estudo do produto.

Os demais produtos estudados não foram comercializa dos em mercados completamente livres. Preços máximos nos vários ná veis do processo de comercialização foram frequentemente fixados e práticas tais como, lançar no mercado estoques governamentais importar e vender produtos no mercado interno por preços baixos, restrições ou proibições para exportar. Contudo, comparados aos produtos do primeiro grupo, os mercados de arroz, milho, so ja e carne de frango funcionaram com alguma liberdade. Além disso, mais recentemente, a postura do governo tem sido a de reduzir as in tervenções; porém, o progresso tem sido pequeno em função das pressões inflacionárias que a economia brasileira vem experimentando-apesar de duas tentativas - "choques heterodoxos" - adotadas des de 1986, para conter a inflação.

Por conseguinte, foi feito um esforço para coletar, processar e analisar informações sobre os mercados desses produtos em suas respectivas áreas de comercialização mais importantes. A metodologia aplicada foi a seguinte:

- 1. Os censos e outras estatísticas do IBGE, suplementados por informações de outras fontes, foram usados para determinar as áreas ou pontos mais importantes onde os produtos selecionados são comercializados no Brasil. A dimensão continental do país, a exiguidade do tempo e dos recursos fez com que fossem escolhidas somente as áreas principais (deixando de lado algumas áreas de comercialização significativas).
- 2. A seguir, informações dos censos comercial, industrial e de ser viços foram utilizadas na construção da lista dos estabelecimen tos industriais e comerciais mais importantes envolvidos no processo de comercialização dos produtos selecionados, nas áreas es colhidas.
- 3. Três questionários foram feitos para auxiliar no processo de coleta de dados: um para carne de frango, outro para as ativida des comerciais dos outros produtos e um terceiro referente as

atividades de processamento (ver Anexo). Foram feitas perguntas a respeito da compra, da venda e do processamento dos produtos. A idéia foi determinar o mês de concentração das compras do produto pelo estabelecimento e, nesse mês, escolher o lote específico (ou um lote hipotético na impossibilidade de especificá-lo) tal como a car ga de um caminhão, uma fatura, ou alguma outra unidade, nhar os preços de compra, impostos, custos de transporte, de mentação, de secagem, de armazenagem, etc. do momento da compra até aquele em que o produto estivesse pronto para ser processado ou ven dido. O questionário relativo ao "processamento" visava acompanhar o mesmo lote do produto a ser processado, os custos do processamen to e as quantidades de produtos e subprodutos gerados. dos de venda, foi necessário retornar ao questionário comercial. Foi indagado o mês de concentração de vendas, e selecionado um lote do produto principal vendido para obter as informações corresponden tes de preços, fretes, impostos, etc. ... Para tornar os do mês da compra e o mês das vendas comparáveis (quando não coinci diam), os preços de venda e os custos foram deflacionados pela vari ação dos preços dos produtos agrícolas no período. Apesar dos pro blemas causados por este procedimento, o mesmo foi fundamental em virtude das altas taxas mensais de inflação então predominantes.

- 4. Os questionários foram testados apenas superficialmente, em virtude do reduzido tempo disponível. Porém mesmo este rápido teste nos ajudou a determinar problemas nos instrumentos de coleta, os quais tentamos corrigir da melhor forma durante os trabalhos de campo.
- 5. Uma pequena parte dos questionários foram remetidos para as agên cias do IBGE selecionadas, para ver se os dados poderiam ser coleta dos pelo pessoal de campo, sem treinamento prévio. Os resultados não foram muito animadores; poucos dos questionários que retorna ram estavam "aproveitáveis" e este fato deixou claro que os instrumentos de coleta de dados eram complicados para os nãoiniciados.

- 78 -

- 6. Foi decidido, em consequência, que os membros da equipe deveriam viajar para as principais áreas de comercialização para aplicar os questionários. Estas áreas estavam localizadas nos seguin tes Estados:
 - Rio Grande do Sul (arroz e soja)
 - Paraná (soja e milho)
 - São Paulo (soja e milho)
 - Santa Catarina (carne de frango)
 - Goiás (arroz)

Cerca de 35 questionários foram preenchidos, e informações suplementares foram obtidas em órgãos do governo estadual e federal, e junto ao setor privado.

- 7. Os questionários foram úteis em nossas entrevistas, porém foram inadequados e apresentaram alguns problemas. Podem se tornar mais objetivos e eficientes se começarem com quadros nos quais os estabelecimentos forneçam registros mensais (quantidade e va lor) da aquisição dos principais produtos agrícolas, do processa mento, e das vendas dos principais produtos e subprodutos. Estes seriam seguidos de perguntas sobre custos (em ambas as fases de comercializa ção e processamento), os quais deveriam referir-se a um lote do produto final (ou matéria-prima), determinado com a ajuda das informações contidas nas tabelas. O questionário, além disso, deveria ser enviado antecipadamente ao estabelecimento, um agente de coleta do IBGE deveria visitar a empresa posteriormente e conferir, com pletar e verificar as informações fornecidas.
- 8. As informações coletadas foram empregadas na elaboração de alguns estudos de casos. Evidentemente, estes estudos não são estatisticamente representativos (no sentido probabilístico) porém estamos confiantes em que, em geral, eles refletem a situação predominante nos mercados regionais em momentos específicos. A elaboração destes estudos foram úteis, além disso, para melhor compreender os problemas inerentes ao estudo sobre custos e mar gens de comercialização e o planejamento de futuras tentativas de melhorar e ampliar a pesquisa. Com base na experiência obtida estamos preparando um projeto de estudo para 1988, será submetido, em breve, à Diretoria do IBGE e, talvez, à FAO.

Os estudos piloto são apresentados a seguir. Para ca da produto começa-se com uma visão abrangente de sua situação de merca do, seguida das tabelas de custos e de notas explicativas.

Card a Caracatata Linux

- 80 -

compression of problems increasing an entree course a mile

and fair years. In such that were the protein their accuracy to be deposit and the

envisio antealpudaventa un estabelectaento, un tarente de coleta

Commence of the company of the second of the

O Brasil produz arroz quase que exclusivamente para con sumo interno. Muito raramente o país exporta o produto: ao contrário, nos anos de escassez tem que importá-lo.

A produção de arroz dispersa-se por todo o país. As principais áreas produtoras são o Estado do Rio Grande do Sul, no extremo Sul do país (com 28,7% da produção nacional - 10,4 milhões de toneladas na colheita de 1986); no Centro-Oeste o Estado de Goiás (com 13,1% da produção nacional na colheita de 1986), e no norte o Estado do Maranhão (com 12,49% do total na colheita de 1986). O arroz do Rio Grande do Sul é irrigado e de melhor qualidade enquanto que nas outras duas áreas é cultivado principalmente o arroz de sequeiro, frequentemente associado com áreas destinadas para agricultura ou formação ou recuperação de pastagens nas áreas de fronteiras.

Concentramos nossa atenção nas duas mais importantes áreas de comercialização de arroz: o eixo Pelotas - Porto Alegre no Estado do Rio Grande do Sul e a região do município de Anápolis no Estado de Goiás.

Por várias razões 1987 foi um ano completamente atípico em relação ao arroz. Primeiro, o preço do arroz - que, até recentemente, era tabelado pelo governo - permaneceu quase congelado por muitos meses, como resultado da política de estabilização econômica implementada em 1986. Esta política fracassou, porém os preços de alguns produtos, entre os quais o do arroz, permaneceram em níveis baixos. Além disso, a safra de arroz de 1987 foi muito boa e os esques de arroz foram mantidos altos, ao longo de todo ano. Em segundo lugar, o preço mínimo do arroz, estabelecido em 1986 para a safra daquele ano, resultou num preço de mercado maior do que o preço pago ao produtor. Em consequência, o governo foi obrigado a comprar grande parte da safra deste ano. Como o preço minimo é indexado, o tempo e a inflação não foram suficientes para corrigir a situação. Assim, hoje a Companhia de Financiamento da Produção (CFP) tem grande estoque de arroz, sendo o mesmo vendido em leilões semanais. Isto, foi devastador para o sistema privado de comercialização.

Inicialmente o governo vinha subsidiando o consumo de arroz, vendendo arroz em casca dos seus estoques por preços compatíveis com os preços congelados no varejo. Recentemente isto mudou: o preço do arroz foi liberado no varejo e a CFP está tentando forçar a alta do preço do arroz em casca, de forma que este preço al cance gradualmente um nível que permita à instituição eximirse da compra de grande proporção da safra de 1988, de acordo com a política de preço mínimo.

No que diz respeito ao nosso estudo, os acontecimentos acima mencionados introduziram distorções no sistema de comercia lização do arroz, sendo as mais importantes as seguintes: a CFP expulsou muitos comerciantes de arroz do mercado por ser capaz de oferecer preços mais altos; os baixos níveis do preço do arroz no varejo prejudicou o setor de processamento do produto, principalmente à medida que a CFP começou a impulsionar o preço dos seus estoques para cima antes que fossem feitos os reajustamentos dos níveis no varejo; o setor de processamento de arroz desistiu de manter estoques uma vez que era mais barato comprar arroz da CFP, quando fosse necessário, do que manter recursos alocados em estoques. Na verdade, diversas indústrias em Goiás paralizaram totalmente o processamento do arroz e sobreviveram alugando sua capacidade de armazenamento para a CFP. Somente agora algumas delas estão retomando a sua principal linha de atividade.

Isto, associado a taxas de inflação que flutuaram desor denadamente aproximando-se de 20% nos meses de Abril-Maio, caindo para 5% no mês de julho (após outro "choque heterodoxo") e tornando a ficar próxima de 15% ao mês mais recentemente, dificultou representar adequadamente a situação de custos e margens de comercialização para o arroz (e para outros produtos igualmente) num ponto do tempo. Feito o melhor dentro do possível os resultados estão nas tabelas 1.1 a 1.3, para o arroz do Rio Grande do Sul, e na tabela 1.4 para o arroz de Goiás.

Como pode ser observado nas tabelas, focalizamos, principalmente, o segmento do mercado que se estende da aquisição do ar roz em casca pelas firmas de processamento até a venda do produto final aos varejistas. Tentamos obter mais informações sobre a fase de comercialização que inclui a aquisição do arroz na porta da fazenda até sua venda às indústrias de processamento. Essa função

usualmente deveria ser executada por firmas privadas em Goiás e por cooperativas no Rio Grande do Sul. Todavia, como já observado, uma grande proporção do arroz foi vendida pelos fazendeiros ou por firmas de comercialização, para a CFP, que nem sempre fixa seus preços de venda baseando-se em alguma fórmula de custos. Pressões políticas frequentemente levaram a organização a vender seus produtos a preços que, em termos reais, nem sempre cobriram as despesas, embora a inflação ajudasse a mascarar este fato.

A nível de varejo o problema era que, com a predominân cia de supermercados, o arroz tornou-se apenas um item no meio de mi lhares de outros; além disso, às vezes o arroz pode ser vendido a pre ço próximo ao de custo (ou por preço abaixo do custo), para atrair fre gueses. Os preços tabelados também nos impediram de reunir dados sig nificativos sobre custos e margens de comercialização neste nível. Te remos que pensar melhor a fase do varejo nos estudos de comercialização: ela requer um enfoque específico.

. TABELA 1.1

that I a transpor be seen and defined that and and there are made attached and the second tenter in	
Produto: Arroz tipo 2, irrigado, no Rio Grande do Sul.	. 10
Local de processamento: Pelotas, Rio Grande do Sul	
Unidade: 1 kg de arroz processado (em 1,56 kg de arroz em casca)	
Data: Maio de 1987	
Data. Maio de 1907	
CZ\$/K	3
1 - Preço recebido pelo produtor (incluindo transporte) 3.429	L
. FUNRURAL (2,5% de 2) 0.0879	
0 Table 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1	
2 - Preço pago pela indústria (CIF) 3.5170)
. classificação e manejo 0.0123	
. armazenagem 0.6900	
. custos de processamento 0.6667 . embalagem 0.4189 1.7879	
A second a second secon	
. venda de arroz quebrado0.0309	
. venda de farinha de arroz0.17640.2073	
parastrones ab mattures not along on aler A contine meaning our remon.	
. impostos sobre a venda de subprodutos	
(PIS, FINSOCIAL) 0.0235	
(FIS, FINSOCIAL) 0.0255	
3 - Custo líquido do arroz processado 5.1211	2
. imposto sobre a venda do arroz 0.5694	
PIS e FINSOCIAL	
. contribuição ao órgão estadual para	
incentivo do arroz 0.0097 0.6529	
. margem da indústria 0.2142.	
4 - Preço do arroz processado, na fábrica 5.9882	
NOTA: O questionário não apresentou registro das vendas de outros subprodutos	
nota. O questionario nao apresentou registro das vendas de outros subprodutos	

mas elas provavelmente ocorreram.

TABELA 1.2

Produto: Arroz tipo 2, irrigado, no Rio Grande do Sul

Local de processamento: Camaquã, Rio Grande do Sul - processado pela Cooperativa

Unidade: 1 kg de arroz processado

Data: Março de 1987

Dava.	iai go do 100.				
					CZ\$/KG
1 - Pred	co recebido pelo produtor	c (inclusive t	ransporte)		2.9525
. FUNF	RURAL (2,5% de 2)		0.0832	0.3742	
9 11					
2 - Pred	o pago pela indústria (CIF	7)	- I therefore		3.3267
. cust	ejo e armazenamento to de processamento alagem		1.6871	2.5874	
. vend	da de arroz quebrado da de farinha de arroz da de outros subprodutos		-0.2518	-0.4672	
. impo	ostos sobre subprodutos		e salescen		05,4
	S, FINSOCIAL)			0.0059	
(114	s, FINDOCIAL)				4
	8110				
3 - Cust	to líquido do arroz proce				5.4528
. paga	e FINSOCIAL	al para in- rcio do ar-		is help some	
	gem da indústria		0.0134	0.0854 0.2238	
4 - Preg	o do arroz processado, r	na cooperativa			5.7620
		f 20			
NOTAS:	A) Desde que o processam bre a venda foi trans que arcar com toda a cionado). Este impo	sferido. Isto carga deste i	significa que mposto (um impo	o varejista de sto sobre valo	eve ter
	B) O questionário não ap sacarias usadas e do co a margem da indúst	arroz em casc			

TABELA 1.3

Produtos: Arroz parboilizado Localização da indústria Camaquã, Estado do Rio Grande do Sul Unidade: 1 kg de arroz processado Data base: Julho de 1987 CZ\$/KG 1 - Preço recebido pelo produtor 4.7155 . transporte 0.1266 . FUNRURAL (2,5% de 2) 0.1242 0.2508 2 - Preço pago ao produtor . classificação 0.0042 . armazenagem 0.1177 . processamento 0.7149 . embalagem 0.3805 1.2173 . menos a venda de subprodutos -0.2650 . imposto sobre as vendas de arroz parboilizado (12% sobre 4) 1.1456 PIS 0.0716 . FINSOCIAL 0.0477 . Contribuição - Instituto Riograndense do do arroz (IRGA) 0.0180 . impostos sobre a venda de subprodutos ... 0.0353 1.3182 . margem da indústria 2.3103 4 - Preço da indústria para varejistas (FOB) 9.5471 by a vends for comparender, love elimities que e varajusta deire que en varajusta deire que entre sur com a com a

may at accommissions and magazine orthogonal on ultimolinant O (8

TABELA 1.4

AND AN ADDRESS OF THE PARTY OF
Produto: Arroz tipo 3, cultivado no Centro-Oeste do Brasil
Local de processamento: Anápolis, Estado de Goiás
Local de venda: Salvador, Estado da Bahia (Nordeste do Brasil)
Data de referência: Novembro de 1987
Unidade: 1 kg de arroz processado Cz\$/kg ARROZ PROCESSADO
1 - Preço hipotético pago ao produtor pela CFP, incluído o transporte
. sacaria
2 - Preços de venda da CFP para a indústria de processamento (CZ\$ 372,50/60 + CZ\$ 13,50 de encargos administrativos)
transporte, da CFP até a indústria
 venda de arroz quebrado
The state of the second
3 - Custo líquido do arroz processado
. comissão das vendas (2% sobre 4) 0.3866 . imposto sobre as vendas (12% de 4) 2.3196 . PIS e FINSOCIAL (1,25% em 4) 0.2416 2.9478
. margem da fábrica + custos financiros 2.0683
4 - Preço recebido pela fábrica de processamento
. imposto sobre vendas (12% sobre 5-4) 0.6804 . PIS e FINSOCIAL (1,25% sobre 5) 0.3125 . transporte até o ponto de varejo 2.4000 3.3929
. margem bruta do varejista 1.7771
to colorest amos asserts in passery and so safe the colorest of the latest to the colorest of the latest terms.
5 - Preço dos varejistas em Salvador (Bahia) 24.5000

3.2 - Milho

O Brasil teve, em 1987, uma safra recorde de milho (26 milhões de toneladas) que, junto com as políticas de preço e comercialização do governo, criou uma situação muito similar àquela descrita para o arroz. O preço mínimo do milho permaneceu acima dos preços de mercado e a CFP tornou-se o principal comprador do produto. Hoje, es ta instituição ainda detém grandes estoques de milho que são vendidos em leilões semanais. Além disso, algumas das atividades que usam in tensivamente milho, tais como a produção de carne de aves e de suínos, tiveram seus preços comprimidos pelo governo, e a CFP acabou vendendo milho por preços subsidiados. Recentemente, os preços do frango e da carne de porco foram liberados e a CFP está tentanto impulsionar para cima o preço do milho em termos reais, para que na próxima safra não tenha que, novamente, comprar grande parte da colheita deste produto.

Como no caso do arroz, estes eventos causaram distorções em cadeia na comercialização do milho. Muitos comerciantes de milho foram alijados do comércio uma vez que não puderam competir com a CFP; o tabelamento dos preços dos setores de aves e de carne de porco no varejo impediu a necessária acomodação no preço do produto vendido pelo governo dos seus estoques; tanto processadores como negociantes julgaram mais conveniente comprar da CFP somente a quantidade que precisavam a cada momento.

No Brasil o milho é cultivado em quase toda a parte. Os estados que apresentam maior concentração da produção de milho são Paraná (com 21,1% da produção nacional e 20,5% milhões de toneladas em 1986), Minas Gerais (com 15,9% da produção nacional na safra de 1986), São Paulo (com 15,1% do total da safra de 1986) e Goiás (com 12;0% do total da safra de 1986). Esta cultura apresenta grandes contrastes; razoável proporção é ainda cultivada de uma forma muito tradicional, com baixa produtividade, mas cresce o número de produtores que estão adotando práticas modernas e de alta produtivida de.

O milho, na maior parte das vezes, é usado como insumo em outras atividades; não é muito consumido diretamente, dado que a política de subsídios para o uso do trigo, reduziu drasticamente o con-

sumo do milho nas suas formas mais tradicionais. Contudo, o milho é largamente empregado como um componente da ração para aves, porcos, e animais produtores de leite, e é transformado industrialmente em uma variedade de produtos.

Devido à importância do milho na composição da ração animal, as tabelas 2.1 e 2.2 apresentam os estudos de comercialização e de custos de processamento das empresas que utilizam milho, em conjunto com farelo de soja e de outros nutrientes, na fabricação de ração. Evidentemente, podem existir muitos tipos diferentes de ração, com variadas proporções dos principais componentes; nas duas empresas en trevistadas, entretanto, as composições predominantes foram as escolhidas para os estudos de caso. As empresas adquiriram milho diretamente da CFP, torta das processadoras de soja, e outros nutrientes em diversos lugares, misturaram, empacotaram e venderam as rações diretamente para os criadores de animais. Isto é que tentamos expor nos dois estudos que seguem.

TABELA 2.1

Produto: Milho incorporado em ração de aves (com torta de soja)

Localização da fábrica: Campinas, Estado de São Paulo

Unidade: Cz\$/kg de ração

Composição: 33% de milho; 28% de torta de soja; e outro elementos (resíduos)

Data base: Outubro de 1987

		The principle and principle to the respect to the All States, only a Figure 1 and 1
1	-	Preço recebido pelo produtor (incluindo transporte) 1.6103
		FUNRURAL (2,5% de 2) 0.0413
		the first transfer to the second of the seco
2	-	Preço do milho, pago ao produtor (incluindo transporte) 1.6516
		descarga, distribuição, classificação e
		manejo 0.4234 angul ecensvib na
	•	armazenagem 0.4865
		many se ave setuant also men
3	-	Custo do milho preparado para uso na produção de ração 2.1381
		custo da torta de soja 0.3470
		custo de processamento 6.7320 7.0790
*		
4	-	Custo da produção de ração 9.2171
		imposto sobre as vendas (12% de 5) 1.4400
		margem da fábrica 1.3429
5	-	Preço da ração na fábrica de processamento (FOB) 12.0000

NOTA: Uma proporção substancial da produção de ração das fábricas é usada pelo próprio produtor, uma vez que ele atua como criador de aves em vários locais. Para a empresa, a cifra relevante está no item 4, acrescido do cus to de transportar a ração até seus aviários.

TABELA 2.2

Produto: Milho incorporado em ração animal (com torta de soja)				
Localização da Fábrica: Campinas, Estado de São Paulo				
Unidade: Cz\$/kg de ração				
Composição: 25% milho; 12% de torta de soja; resíduos (outros)				
Data base: Setembro de 1987				
at an audition to the research format of the first operation of the contract of				
1 - Preço recebido pelo produtor de milho (incluindo transporte) 0.9015				
. FUNRURAL (2,5% de 2) 0.0231				
a e la competito não pará e amo minaterior em alabado del e poquelo da				
2 - Preço pago ao produtor (ou à CFP) 0.9246				
custos de transporte e armazenagem 0.2625 descarregamento, classificação, distri- buição e manejo				
preparação para processamento 0.0113 0.2931				
3 - Custo do milho preparado para uso				
custo da torta de soja 1.7249				
. custo de outros nutrientes 0.3150 . frete, impostos e manejo 0.2021 2.2420				
custo de processamento 3.4301				
perdas				
escentia, len autra al quint de la companiere e stat cult de la language de la companiere d				
4 - Custo de produção de ração 6.9050				
. imposto sobre as vendas (12% de 5) 1.008				
. margem da fábrica 0.587				
5 - Preço da ração na fábrica (FOB) 8.50				

A safra brasileira de soja em 1987 atingiu 17,1 milhões de toneladas, a segunda maior da história do país. O país é um importante fornecedor de soja e de produtos de soja (principalmente tor ta de soja e óleo) no mercado mundial. No período de Fe vereiro - Novembro de 1987 o Brasil exportou cerca de 3 milhões de to neladas de soja, 7,3 milhões de toneladas de torta e 0.9 milhão de tonelada de óleo. Internamente, o setor de processamento absorveu, no período, cerca de 12,8 milhões de toneladas de soja; o uso interno chegou a 1,5 milhão de toneladas para o óleo não refinado e 2,4 milhões de toneladas para a torta.

A produção de soja no Brasil concentra-se principalmente nas regiões Sul e Centro-Oeste. Os principais estados produtores são Rio Grande do Sul (com 24,5% das 13,7 milhões de toneladas colhidas em 1986), Paraná (com 19,5% da produção total de 1986) e Mato Grosso do Sul (com 14,7% do total obtido em 1986). As indústrias de processamento de soja estão localizadas principalmente nos estados de São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul.

Os mercados do complexo soja quase não sofreram os efeitos das intervenções governamentais, este ano. Devido a um aumento nos preços mundiais da soja e da torta o preço interno do produto agrícola ultrapassou bastante o preço mínimo. Os preços da torta também permaneceram altamente vantajosos na maior parte do ano. Somente o óleo sofreu os efeitos do tabelamento interno (no atacado e no varejo) o que, às vezes, reduziu substancialmente a lucratividade deste segmento do complexo soja. Entretanto, a situação no mercado da torta compensou os prejuízos criados por esta intervenção.

Uma considerável parte da safra de soja do Brasil é com prada pelas indústrias de processamento. Elas compram na maioria das vezes das cooperativas de produtores (algumas das quais também possuem condições de processamento) e usualmente possuem indústrias tanto para o processamento inicial da soja, como também, para refinação de óleo. Certa quantidade da safra é exportada diretamente pelas cooperativas, uma outra parcela - principalmente aquela proveniente das re

giões mais distantes da região Centro-Oeste - é vendida para a CPF que a envia gradualmente para os principais mercados, subsidiando o transporte.

Nosso estudo (tabelas 3.1 e 3.4) apresenta a estrutura de custos das indústrias de processamento, duas localizadas no Rio Grande do Sul, uma no Paraná e uma em São Paulo. Num dos casos fomos até a fase de refinação de óleo mas, nos outros, paramos na primeira fase. Supôs-se que as fábricas exportam toda a torta e que todo o óleo é vendido no mercado interno. A última suposição foi feita ape sar do fato de que, às vezes, o preço mundial do óleo é mais alto que o preço interno (estabelecido pelo governo); quando isto ocorre, a exportação de óleo é limitada. As exportações de soja são também frequentemente condicionadas à um adequado abastecimento pelo setor de processamento do país.

Produto: Soja incorporada em farelo e óleo (bruto).

boya incorporada em rarozo e ordo (ordoo).	- wante	
Local de processamento: São Paulo, Estado de São Paulo	*	
Grão comprado principalmente do Estado do Paraná		
Data base: Outubro de 1987		
Unidade: 1 kg de soja	of side shorester	
and the state of t	a suos a sign	CZ\$/KG
1 - Preço recebido pelo produtor (incluindo transporte)		10.0275
. FUNRURAL (2,5% de 2)	0.2571	
the total entire tribe and the stripe to the secretary of the		
2 - Preço pago pela indústria	The Indiana Indian	10.2846
descarregamento e manejo	0.0450	
3 - Custo da soja preparada por processamento		10.3296
custo de processamento		
4.a - Valor do óleo (bruto), na fábrica	3.8854	
4.b - Valor da torta, na fábrica	9.0636	12.9490
5.a - Imposto sobre a venda de óleo (17% sobre 6.a) 0.8296		
. PIS e FINSOCIAL		
. comissão 0.0195		
. transporte 0.0843	0.9944	
6.a - Preço de venda - óleo bruto (CIF para comprador)		. 4.8798
	3	
5.b - Imposto sobre a venda da torta (13.6% de 6.b) 1.4545		
PIS e FINSOCIAL 0.1337 comissão de vendas 0.0428	1.6310	
6 h Dropp do words touts (,	10 6046
6.b - Preço de venda - torta (transporte a cargo do comprado	r)	10.6946

Produto: Soja incorporada em óleo de soja (bruto) e torta para expo	ortação ·
Local de processamento: Cascavel, Estado do Paraná (área de produç	ão de soja)
Local de vendas: Óleo, cidade de São Paulo; torta, porto de Para ná, para exportação	inaguá, Para-
Unidade: 1 kg de soja (resultando em 0,18 kg de óleo e 0,72 kg de f	arelo)
Data base: Julho de 1987	
THE TAXABLE PROPERTY OF THE PR	CZ\$/KG
1 - Preço recebido pelo produtor (incluindo transporte)	5.9770
. FUNRURAL (2,5% de 2) 0.1533	
BSACLE	DEL CHARLE LAND
appearant of a contract of the	
2 - Preço pago ao produtor	6.1303
descarregamento, classificação, distri-	
buição 0.1851 . secagem e armazenagem (6 meses em média) 0.2331 0.4182	
ANCH. T	B SERV. A.B
3 - Custo da soja preparada por processamento	6.3952
. custo de processamento 0.5203 . margem da indústria 0.0876 0.6079	
margem da Industria 0.0079	
AND STREET AS A CONTRACT OF THE PROPERTY OF TH	Total F
4 - Valor da produção de óleo (em bruto), na fábrica 2.9972	
. valor da produção de torta, na indústria 4.0059	7.0031
. frete do óleo (em bruto), para São Paulo 0.1998 . PIS e FINSOCIAL 0.0405 0.2403	
1012 To a line of the second s	
. frete do farelo, para Paranaguá (porto) . 0.4650	
. imposto sobre a venda da torta 0.6184	
. PIS e FINSOCIAL 0.0644 1.1478	
Charles and the second of the	
5 - Preço do óleo no varejo (na fábrica de refinação) 3.2375	
. preço de exportação para a torta(FOB no porto) 5.1537	8.3912

NOTA: O imposto sobre as vendas de óleo não foi computado uma vez que não é ven dido e sim enviado para ser processado numa indústria pertencente à mesma empresa que possui a unidade de processamento de soja.

Produto: Soja incorporada em óleo e torta, e em óleo refinado	do ·	
Local da fábrica de extração: Esteio, Rio Grande do Sul		2
Local da fábrica de refinação: Guaíba, Estado do Rio Grande	e do Sul	duna =i =
Óleo refinado vendido no Rio de Janeiro		fendd t
Data base: Abril de 1987		Local
Unidade: 1 kg de soja	8)	
ALTERNATION IN THE CONTROL OF BUILDING AND ADMINISTRATION OF		CZ\$/KG
1 - Preço recebido pelo produtor (incluindo transporte)	ebendini erda	3.2982
. FUNRUAL (2,5% de 2)		
Other and the state of the state of the state of the state of the	g leftadaora, api	
With a consequence of some of the		
2 - Preço pago pelo grão		3.3828
Descarregamento, distribuição, manejo 0.0506 Processamento	0.4306	
. margem da torta de soja (para exportação)	0.3623	
· margem da dor da do soja (para exportação) · · · ·	DESCRIPTION OF PROPERTY	s. soc
3.a - Valor de produção de torta na fábrica		and -
3.b - valor do óleo (bruto) na indústria	1.2691	4.1757
" I was the contract of the co		
3.a - Valor da torta na indústria		2.9066
. imposto sobre as vendas do farelo (12%) . 0.3901		1
. PIS e FINSOCIAL (1,25%) 0.0406		
. frete para o porto (Rio Grande) 0.0784	0.5091	
4.a - Preço da torta no porto (anterior ao embarque)		2 4157
4.a - Freço da corta no porto (anterior ao embarque)		3.4137
3.b - Valor do óleo (bruto) na indústria de processamento o	de soja	1.2691
. transporte do óleo (em bruto) p/fábrica refinação 0.0711	. orden pres	
. imposto e taxas <u>0.0143</u>	0.0854	II.
4.b - Custo do óleo (em bruto) na indústria de refinação		1.3545
. custo de processamento 0.1608		
enlatamento e empacotamento 0.8454	1.0062	
	0.0010	
. margem sobre o óleo	0.0913	
5.b - Imposto sobre as vendas 0.3392		
. PIS e FINSOCIAL 0.0353	0.3745	*
antes ab pilkerangeroup ab phabits & livado		
6.b - Preço do óleo refinado na indústria (FOB)		2.8265
. transporte para o Rio de Janeiro	0.19/6	
7.b - Preço do óleo refinado no Rio de Janeiro		3.0241

Produto: Soja, incorporada em oleo e farelo	
Local da Fábrica: Porto Alegre, Estado do Rio Grande do Sul	
Óleo e torta, transportado para o porto do Rio Grande	
Data base: Maio de 1987	
CZ\$	KG
1 - Preço recebido pelo produtor (incluindo transporte) 6.4	184
. FUNRURAL (2,5% de 2) 0.1646	
· · · · · · · · · · · · · · · · · · ·	
-in the second of the second of the second s	
2 - Preço pago ao produtor	830
. descarregamento, distribuição, armazenagem 0.1907	
education again 120. F at comba an 102 these a first parally against an in-	
3 - Custo da soja preparada por processamento 6.7	737
custo de processamento 0.4499	
. margem da indústria 0.5619 1.0118	
the an electrical linear on exercit of omics of electronic at	
4 - Valor da produção do óleo (em bruto) na fábrica 2.1851	
valor de produção da torta, na indústria 5.6004 7.7	855
. transporte de óleo para Rio Grande 0.0570 . imposto sobre as vendas do óleo 0.1976	
PIS 0.2730	
. transporte da torta para Rio Grande 0.1557	
. imposto sobre as vendas da torta 0.7104 . PIS 0.0479 0.9140	
Asideroscos on atomodia o adester nega of allocar organi	
the street autoric to provinces and ab our management of an action and a sign	
5 - Preço do óleo, FOB, Rio Grande 2.4581	
Preço da torta, FOB, Rio Grande 6.5144 8.9	725
stating wie (presuperse persuant and persuant production of the	

to contain alimina of common their ferrogan play and their a common of

a same en la farient entenant plea constituent e and a la lacarette

secured, do estate indicate quies pares importadores. C

3.4 - Carne de Frango

A produção de carne de frango no Brasil teve um aumento marcante na última década. Novos métodos de produção foram introduzidos, e a produtividade aumentou substancialmente e o país, hoje, é um importante exportador de carne de frango. Para se ter uma ideia, em 1975 o setor de aves abateu 256,8 milhões de animais, produzindo 372.730 toneladas de carne; destas, somente 3.469 toneladas foram ex portadas. No período 1983/1985, entretanto, o abate médio anual aumento para 762.2 milhões de animais, e a produção de carne para 1.152.400 toneladas; no período exportou-se, em média, 282.400 tone ladas de carne de frango. O consumo interno aumentou de 369,3 lhões de toneladas em 1975 para 870,2 milhões de toneladas, em média, no periodo 1983-1985. O incremento da taxa anual de consumo da carne de frango, entre 1975 e 1984, foi em torno de 8,6%, inegavelmente um excelente desempenho. Além disso, o preço da carne de frango no mercado interno caiu em termos reais na última década, ao con trário do ocorrido com os preços da carne de boi.

A produção de carne de frango no Brasil geralmente se con centra ou nas proximidades dos grandes centros consumidores ou próximo às áreas onde os insumos para a produção de ração podem ser obtidos. Entre estas últimas está a parte oeste do Estado de Santa Catarina, no sul do Brasil. O setor de aves nesta região teve vigoroso crescimento e uma proporção considerável das exportações brasileiras origina-se dessa região.

Nosso estudo de caso retrata a situação de comercializa ção e de custos de processamento de uma empresa que produz carne de frango num "sistema integrado". Neste sistema, a empresa fornece tan to o pinto de 1 dia e rações, medicamentos e outros insumos para produtores individuais (geralmente pequenos agricultores), que participam com seu trabalho e com instalações fixas. A assistência técnica também é fornecida pela empresa. Esta compra os animais prontos para o abate, pagando ao produtor o preço de mercado descontando o valor dos insumos que lhe foram fornecidos antecipadamente. A empresa então abate, processa e/ou vende os animais no mercado interno ou os exporta. O abate é fiscalizado pelo Governo Federal e, às vezes é sujeito à inspeção de agentes indicados pelos países importadores. O controle de qualidade é rigoroso, originando um alto índice de rejeição.

Em nosso estudo detectamos uma situação complicada. As sumimos que a carne fosse vendida no mercado interno, contudo, em ou tubro passado o preço da carne de frango no mercado interno estava abaixo dos custos médios nos estabelecimentos varejistas. Mais uma vez, isto ocorreu por causa do controle de preços. Recentemente o preço da carnde de frango foi liberado a esta situação aparente mente deixou de existir.

are it is a second of the seco

Tages from a service a service of the service of th

Preco (ilquido) recebido pela producon processor (observantes de 2022

Otage Control of the Control of the

Obeside constitution of the constitution of th

Charles and the control of the contr

osep.za

DE CO CONTRACTOR ON THE PARTY OF THE CONTRACTOR OF THE PARTY OF THE PA

_ 00 _

TABELA 4.1

Pro	oduto: Carne de frango	
Dat	ta base: Outubro de 1987	
Loc	calização da empresa: Concordia, Estado de Santa Catarina	
Uni	idade: 1 kg de carne de frango, posto em São Paulo (para consum	no in-
	terno ou para exportação)	de la
1 -	- Compra de pintos de um dia	6.2755
		0.2733
	. ração inicial	1
	ração final 5.3177	
	medicamentos, alojamentos, abrigos 0.4326	
	aquecimento e energia 0.1339	
	manutenção 0.0687 seguro 0.0378	
	vitimados (nº) 0.0858 26.4821	
	margem bruta do produtor 1.5346	
	- Preço (líquido) recebido pelo produtor	34.2922
	FUNRURAL 0.0378	
3 -	- Preço do animal no abatedouro	34 3300
		34.3300
	processamento	
	publicidade 0.6950	
	rejeitos e perdas 5.2240	
	custos fixos e margens 10.8830 20.9240	
	Preço posto na indústria	55.2540
	frete para São Paulo e distribuição 1.9650	
	imposto sobre a venda 5.0040 PIS 0.5210	
	FINSOCIAL 0.3480 7.8380	
5 -	Custo no estabelecimento varejista	63.0920
6 -	Preço fixado pelo governo para 1 kg de came de frango no varejo	65.00

3.5 - Cana-de-açúcar

No início dos anos 30 a economia açucareira brasileira sofreu um grande abalo originado, de um lado, pela queda da demanda por açúcar resultante da Grande Depressão, e, por outro, pelo excesso de capacidade de produção provocado pelo aquecimento explosivo do mer cado mundial durante a década de 20. Em consequência, o Governo bra sileiro foi levado a intervir fortemente no setor açucareiro. Foi cria do o Instituto do Açúcar e do Álcool (IAA), que gradualmente recebeu poderes para regular a produção nacional de açúcar desde o controle do cultivo da cana-de-açúcar até a venda ou exportação do açúcar.

O IAA continua com um poder quase abasoluto sobre o setor, fixa preços para o produtor e para as usinas, estabelece quotas de produção de cana e de açúcar, determina a quem o produtor pode ou não vender, subisidia produtores ineficientes, subsidia exportações, coleta "contribuições" e regula muitos outros aspectos da economia açucareira. Além disso, na segunda metade da década de 70, o IAA, jun tamente com o Conselho Nacional de Petróleo (CNP), envolveu-se no programa de álcool combustível que objetivava a substituição de parte substancial do consumo da gasolina pelo álcool hidratado.

Um fator importante para o envolvimento do IAA na economia açucareira é a enorme diferença de eficiência existente entre os produtores de açucar de cana no Estado de São Paulo e no Nordeste do Brasil. Conforme pode ser observado nas tabelas 5.1 e 5.2, o custo unitário da produção de açucar em São Paulo é muito inferior em relação ao de Pernambuco (principal produtor de açucar do Nordeste), e o IAA paga pesados subsídios para que o açucar nordestino continue no mercado.

Isto é, certamente, uma solução ineficaz. Entretanto, ela tem persisitido em razão do poder político dos produtores de açú car do nordeste e dos argumentos de que se trata de uma região pobre a merecer uma ajuda especial; de que não existem outras alternativas mais vantajosas para as terras ocupadas com cana-de-açúcar da Região Nordeste, e de que o colapso da economia açucareira da região acarretaria desemprego em massa.

As diferenças de custos de produção entre São Paulo e o Nordeste são responsáveis pela política de fixação de quotas de produção pelo IAA. Atualmente a Instituição determina as quantidades de cana e de açúcar a serem produzidas anualmente em cada Estado e delimita as áreas do país onde São Paulo pode co

mercializar sua produção. O IAA também estabelece para as quantida des a serem exportadas e as condições contratuais da transação por região.

Todas estas atribuições necessitam de um sistema de in formações, principalmente sobre custos, mas também sobre outros aspectos da evolução da economia açucareira; e o IAA proveu-se eficiente mente destas informações. Tem um contrato com a Fundação Getúlio Vargas (FGV) pelo qual a FGV realiza anualmente uma pesquisa por amostra, tanto para a cana-de-açucar quanto para o setor de processamento (atualmente o setor que processa álcool também está incluído) visando obter informações atualizadas sobre custos de produção e determinar a evolução técnica do setor.

A FGV utiliza um modelo de amostragem estratificada por tamanho (do estabelecimento agropecuário ou da indústria) e por estado produtor. A pesquisa é conduzida com competência e proporciona ao IAA elementos importantes para tomar as decisões sobre preços, quotas, etc. Estas informações foram postas a nossa disposição e as tabelas 5.1 e 5.3 são quase inteiramente baseadas nelas.

A tabela 5.1 apresenta informações sobre comercializa ção e custos de processamentos da cana-de-açúcar e do açúcar em São Paulo. Mostra os custos desde a compra da cana dos produtores até a venda do açúcar cristal, FOB, no pátio de distribuição da indústria. A tabela 5.2 apresenta informações semelhantes para o Estado de Pernam buco (atentar para a magnitude do subsídio que é concedido). A tabela 5.3 apresenta informações sobre custos de processamento para comercia lização 1 000 litros de álcool combustível em São Paulo. Não fizemos estudo semelhante para o Nordeste tendo em vista que aproximadamente 70% da produção brasileira de álcool combustível é proveniente do Brasil Central onde se localiza o Estado de São Paulo. No Nordeste, a maior parte do álcool produzido é proveniente de usinas combinadas açúcarálcool mais difícil de ser acompanhada - enquanto no Brasil central o álcool é oriundo principalmente de unidades autônomas.

rente de dirección de del todo de acrosa de triba con de la Paulla

TABELA 5.1

Produto: Cana-de-açúcar incorporada em açúcar cristal

Área produtora: Estado de São Paulo (sul do Brasil)

Unidade: 1 saco de 50 kg de açúcar cristal, produzido a partir de 440 kg de cana-de-açúcar

Mês de referência: Julho de 1987

10		Cz\$/k	g de	açúcar
1	-	Custo de produção de 440 kg de cana, livre de impostos		180.16
		and the second of the second o		take to
	•	encargos sociais 2.05		
	*	FUNRURAL (2,5% de 2) 7.32	5993	
	•	transporte para a usina 34.53		
		imposto sobre a venda (17% de 2) 49.75		
	*	PIS e FINSOCIAL 3.66 97	.31	
		margem do produtor	.16	abil - B
2	_	Preço da cana-de-açúcar na usina		
		SOUTH TRANSPORTED TO THE TRANSPORT BEST COMMENT	20 20	
		custo de processamento 92.98		
EC.		empacotamento		
	0.50	transporte 5.78		
	•	custos financeiros		
	•		00	
	•	armazenagem	ORCHESES.	2
	•		.31	
	•		.70	
		margens de lucro da usina 33	.32	
		A4.65	THE C	
3	-	Preço do açúcar cristal na usina (FOB)		468.57
		imposto sobre a venda (17% de 4-2) 71.81		
		PIS e FINSOCIAL 8.05		
		contribuição para o IAA 166.60 246	.46	1643 - A
1		Preço de venda do açúcar cristal (FOB)		715.03
4	(Tel)	Preço de venda do açucar cristal (FOB)		/15.03

TABELA 5.2

Produto: Cana-de-açúcar incorporada em açúcar cristal
Área produtora: Estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil)
Unidade: 1 saco de 50 kg de açúcar cristal a partir de 505 kg de cana-de-açúcar
Mês de referência: Julho de 1987
Cz\$/60 kg de açúcar
1 - Custo de produção de 505 kg de açúcar, livre de impostos 347.14
. beneficios sociais
. imposto sobre a venda (17% de 2)
2 - Preço da cana-de-açúcar na usina 516.82
custo de processamento 132.72 empacotamento 24.80 transporte 1.89 custos financeiros 41.08 armazenagem 34.61 235.10 benefícios sociais 5.08 venda de subprodutos -45.31 margem de lucro 37.68 subsídios -225.97
3 - Preço do açucar cristal na fábrica (FOB) 523.40
. imposto sobre a venda (17% de 4-2) 20.14 . PIS e FINSOCIAL 8.08 . contribuição para o IAA 166.60 194.82
4 ~ Preço de venda do açúcar cristal - FOB

TABELA 5.3

Produto: álcool combustível

Área produtora: Estado de São Paulo (sul do Brasil)

. armazenagem

. PIS e FINSOCIAL

. margem de lucro da empresa

Unidade: 1 000 litros de álcool, a partir de 13,21t de cana-de-açúcar

Mês de referência: Julho de 1987

Cz\$/1 000 litros

	t-sill-in
1 - Custo de produção de 13,21 toneladas de cana-de-açúcar .	5,408,89
. benefícios sociais	non inn ni e eb
. imposto sobre a venda (17% sobre 2) 1.493,54 . PIS e FINSOCIAL 109,81 2.9	921,35 455,31
(delegati enturi da lor en toros est) o rese ordefina en e ser	in in
2 - Preço da cana-de-açúcar na destilaria	8.785,55
. custo de processamento	
. custos financeiros	

3 - Preço do álcool combustível na destilaria ou caminhão tanque 14.590.00

17,04

182.35

3.180,00

- NOTAS: a) O monopólio estatal da exploração e refino do petróleo pertence à PETROBRÁS, que também monopoliza a compra de álcool combustível das destilarias e a distribuição para os postos de gasolina;
 - b) Existe um imposto especial sobre combustível, mas nenhum imposto incide sobre a venda da gasolina, álcool combustível, diesel e outros subprodutos do petróleo. Entretanto, um imposto sobre venda incide sobre a cana vendida à destilaria.
 - c) Em julho de 1987, o preço do álcool nos postos de gasolina era de Cz\$ 16,80 o litro. Um subsídio era necessário para tornar o preço compatível com o pago às destilarias.

Apesar do fato do café ser uma cultura permanente, sua produção no Brasil flutua substancialmente de um ano para o outro, a maioria das vezes devido a fatores climáticos e biológicos. Por exem plo, a safra de 1983/84 foi de 30 milhões de sacas, a de 1984/85 de 21 milhões de sacas, e a de 1985/86, 32 milhões de sacas.

O Brasil produz predominantemente cafés da espécie arábica, mas eles são de diferentes tipos. A maior parte do café exportado é do tipo 6. As regiões produtoras do país estão mudando mais recentemente, dos estados do Paraná (uma região onde ocorrem geadas) e de São Paulo (um total de 55% da safra 1980/81) para os estados de Minas Gerais e do Espírito Santo (um total de 48% da safra 1985/86).

O mercado mundial é o principal destino do café brasilei ro. Das 35 milhões de sacas da safra 1986/87, cerca de 19 milhões fo ram exportadas, 6,5 milhões foram consumidas internamente e o restante foi retido (a maior parte pelo governo - estocado ou financiado). Cerca de 90% do café é exportado em grãos, verde (não torrado).

O mercado de café no Brasil é influenciado pela interven ção do Instituto Brasileiro do Café (IBC), o órgão do governo encarre gado da política cafeeira, e pelo International Coffee Agremente (ICA). Ambos atuam para evitar flutuações acentuadas de preços; o IBC também em penha-se para evitar quedas de longo prazo em épocas de excesso de produção. Para isto ele intervém no mercado do café, estabelecendo preços mínimos, comprando e retendo parte do excesso de produção do café do Brasil.

Atualmente, o preço interno do café é influenciado por dois parâmetros institucionais, estabelecidos pelo IBC. Um preço mínimo de aquisição, e um preço mínimo de registro para exportação. O primeiro é o preço pelo qual o IBC compra café dos produtores. Este estabelece, por assim dizer, um limite inferior para os preços internos do café. O preço de registro para exportação, também estabelecido pelo IBC, é baseado nas últimas cinco cotações das bolsas de café em Londres e em Nova York. Via de regra, não é permitido aos exportadores vender café no mercado mundial abaixo deste preço.

A economia cafeeira está passando por mais uma de suas fases de longo prazo de excesso de capacidade produtiva. A fim de evitar declínios acentuados dos preços do café no mercado mundial, o IBC tem sido forçado a comprar parte do excesso e estimulado os operadores privados a fazerem o mesmo. O custo desta política é coberto por uma acentuada "cota contribuição" (imposto de 36% sobre o preço mínimo de registro). Os preços domésticos do café tem estado, recentemente, nos mais baixos níveis dos últimos anos, devido a safra de café recorde este ano (35,2 milhões de sacas).

O estudo de custos e margens que segue refere-se à ven da no mercado mundial de uma saca de 60 kg do café tipo 6. A transação envolve um produtor de café, uma cooperativa e um exportador. As informações foram obtidas através do IBC e de uma cooperativa envolvida na comercialização do café no Estado de São Paulo.

Produto: Café em coco, tipo 6 exportado

Taxa de câmbio: Cz\$ 49,886/US\$

Preço mínimo de registro: US\$ 125,81/saco 60 kg	deciding on	
Unidade: Saco de 60 kg	men rota	
Mês de referência: setembro de 1987	Cz\$/saco	de 60 kg
1 - Preço líquido recebido pelo fazendeiro (incluindo transp	orte)	2.235,00
. classificação, secage, empacotamento 105,00 . sacaria 50,00 . FUNRURAL 62,50 . imposto sobre a comercialização (cooperativa) 25,00 . perdas de peso (0,6%) 15,00 . armazenagem (na cooperativa) 7,50	265,00	ent ent
2 - Preço de venda do fazendeiro (para cooperativa)		2.500,00
. transporte para o porto e seguro 258,10 . PIS 32,13	290,23	hly
3 - Preço da cooperativa para o exportador		2.790,23
imposto sobre a venda 522,15 armazenagem 13,00 manuseio 23,07 certificado de qualidade 3,31 taxa da associação comercial 2,30 taxa de corretagem 11,00 "cota de contribuição" 2.259,61 outros custos e margem do exportador 651,49		3.485,93
4 - Preço do exportador no porto (FOB)		6.276,16

NOTAS SOBRE PREÇOS E CUSTOS

- 1 Em setembro de 1987, o preço de venda do café tipo 6 pelos produtores de São Paulo estava em torno de Cz\$ 2 500,00, FOB, entregue na cooperativa. Deste valor, entretanto, diversos custos foram deduzidos e o lucro líquido obtido pelo produtor foi em torno de Cz\$ 2 235,00.
- 2 A cooperativa cobra 1% do preço de venda pelo produtor pelos seus ser viços. Ela também obtém rendimentos de serviços de armazenagem, da venda de insumos, e de vários outros serviços e transações nos quais ela está empenhada. Além do mais, ela pode não negociar somente com café; isto é especialmente verdadeiro num estado como São Paulo com uma agricultura diversificada.
- 3 O imposto sobre as vendas (um imposto estadual) é em média, de 13% de 4 menos a "taxa de contribuição". Existem diferenças de estado para estado, mas a taxa mais frequente foi a acima indicada.
- 4 Partimos da hipótese de que a saca de café foi exportada através do Porto de Santos, no Estado de São Paulo. Evidentemente, os custos de armazenagem e manejo no porto variam de caso para caso. Os valores indicados no estudo refletem a situação mais frequente. O IBC, que acompanha estes custos, forneceu-nos as práticas médias com seus respectivos valores.
- 5 Como mencionado, a "cota contribuição" é um imposto. Ela fornece ao IBC recursos para conduzir a política cafeeira nacional, que pode envolver compras e armazenagem da produção em excesso sobre o volume con siderado adequado para manter um determinado preço mundial. A "cota de contribuição" é também usada como um atenuador para conceder abatimentos especiais na venda de cotas extras de café. O ICA esta belece uma cota-café para o Brasil, mas o país pode exportar, acima da cota, para países não membros do ICA. Fazendo isso, o IBC pode fornecer abatimentos que se originam da "cota contribuição".

7. Cacau

No Brasil, o cacau é exportado em amêndoa e na forma de produtos processados (pasta, manteiga de cacau, licor, torta, pó, etc. As proporções médias são: cerca de 45% na forma de amêndoas e 55% em forma de vários produtos processados.

A principal região produtora de cacau no país é o sudeste do Estado da Bahia. Em 1986 a safra de cacau deste Estado atingiu 396.730 toneladas (representando 86,2% da produção nacional, das quais cerca de 83% foram exportadas, tanto na forma de amên doas como em produtos processados.

O cacau em amêndoas ou processado é exportado principalmen te pelos portos de Ilhéus e de Salvador, na Bahia. Em 1986, por estes portos passou 79% do volume e 77% do valor das exportações de cacau. A maior parte das indústrias de processamento de cacau também es tá localizada na Bahia.

O cacau brasileiro é classificado internamente pela Comissão Executiva para a Lavoura Cacaueira (CEPLAC), em quatro tipos: "superior"; bom-razoável"; abaixo da média" "refugado-rejeito". Na safra 1985/86, 75,8% do cacau submetido a classificação estava na clas se "superior".

Apresentamos aqui um estudo de custos de comercialização e margens do cacau em amêndoas baseado em informações da CEPLAC. Es ta organização acompanha com algum detalhe a produção, a colheita e o processo de comercialização, e nos forneceu o material que precisavamos. Não foi possível, contudo, examinar a comercialização do cacau pelas indústrias de processamento, porque elas relutaram muito em fornecer as informações necessárias. A maior parte das fábricas pertence a estrangeiros e em geral são frustrados os esforços como os nossos de obter dados sobre suas operações. A própria CEPLAC não tem tido muito sucesso em quebrar a relutância dessas empresa em cooperar.

Enfocamos a exportação de 1 tonelada de cacau em amêndoas do tipo "superior", a partir do porto de Ilhéus (Bahia). O produto per tencia inteiramente ao produtor e era livre de qualquer restrição. Atualmente, cerca de 70% do cacau vendido aos exportadores não se enquadra nes ta situação; é vendido sob um contrato para entrega futura e existem muitos acordos nos quais o exportador adianta para produtor somas de dinheiro para ajudar a cobrir as despesas de produção.

É muito difícil, porém, estabelecer os custos de comercia lização reais neste sistema, visto que, os custos financeiros são difíceis de serem seguidos. Além disso, existem várias modalidades diferentes de acordos no sistema e não dispusemos de tempo e de recursos para obter as informações necessárias.

Os preços do cacau no mercado mundial são determinados nas bolsas de Londres ou de Nova York; o cacau produzido em Ghana, na Nigéria e na Costa do Marfim alcançam as cotações mais altas, o cacau "superior" do Brasil, junto com os tipos similares da América Central e Venezuela estão numa classe intermediária de preço; o cacau do Haiti e da Malásia, entre outros, comandam as cotações mais baixas. Existe um Acordo Internacional do Cacau, mas os preços mundiais são determinados principalmente nas Bolsas de Londres e Nova York.

No estudo consideramos um preço mundial de US\$ 1.888,16 por tonelada, para o cacau tipo "superior" da Bahia; a taxa de câmbio empregada foi de Cz\$ 49.886/US\$. O período de referência é o mês de setembro de 1987.

CUSTO DE COMERCIALIZAÇÃO - CACAU EM (AMÊNDOAS), PARA EXPORTAÇÃO

the constant and the constant of the constant	CZ\$/Ton
1 - Preço líquido, recebido pelo produtor (incluindo transporte)	64.800,00
. classificação, secagem, embalagem e pre- paração para exportação	
The training of Liberty on the York York School and the training the exception of the contract of the training training the second of the contract of the cont	†:
2 - Preço de venda do produtor,	68.176,86
. frete até o porto e manejo	582
3 - Preço recebido pelo exportador	84.421,58
. taxa de corretagem do mercado externo 353,08 . "cota contribuição" (10% de 4 menos ta-	
xa de corretagem externa) 9.380,18 9.733,26	
4 - Preço de exportação no porto (FOB)	\$\frac{94.154,84}{1.888,16}

NOTAS SOBRE ITENS DE CUSTO

- 1 O preço recebido pelo produtor inclue custos e transporte da fazenda para os depósitos do exportador.
- 2 A margem dos exportadores pode variar. Quando existe excesso de produção a margem tende a aumentar; quando a produção é pequena pode ocorrer o inverso. Quando o cacau é vendido sob um contrato para entrega futura, o exportador terá retornos financeiros pelos montantes que ele antecipar ao produtor. Além disso, ele geralmente tem amplas oportunidades de ganhos especulativos, tanto no mercado futuro como em qualquer outro.
- 3 A "cota contribuição" hoje esta é uma taxa equivalente a 10% do preço FOB menos a "taxa de corretagem externa". Ela começou como uma taxa de 10% coletada pela CEPLAC para ajudar a financiar suas operações. A CEPLAC fornece vários serviços para os plantadores de cacau, incluindo pesquisa e extensão rural. Quando a taxa foi criada, a "contribuição" de 10% foi determinada e ia inteiramente para a CEPLAC. Recentemente esta taxa foi transformada em um imposto que vai para o Tesouro Federal. O governo transfere parte destes recursos para a CEPLAC.
- 4 Existem duas taxas de corretagem. Uma paga os serviços de intermediação entre o exportador e o importador (geralmente 0,375% do preço FOB); a outra cobre a conversão do câmbio exterior (0,2% do item 3).

the mineral and policy had been been been determined by

3.8 - Leite Tipo C, em saco plástico de 1 litro, vendido ao consumidor

No Brasil o leite líquido é vendido aos consumidores em três tipos: leite tipo A, leite tipo B e leite tipo C. Mais de 80% do consumo é de leite tipo C. É o mais barato, possui baixo teor de gordura, e usualmente provêm da exploração de rebanhos bovinos sem finalidade específica (carne e leite) ou de rebanhos mestiços de baixa produtividade.

O registro oficial da produção brasileira de leite, em 1985, foi de 12.078 milhões de litros, porém a produção real é mais elevada, tendo em vista que muitos produtores, especialmente nas regiões interioranas, vendem o leite sem pasteurização, não havendo registro sobre quantidades produzidas e vendidas. A produção está concentrada na vizinhança das áreas metropolitanas. Uma destas regiões representativa é a que se localiza entre as Cidades do Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte - leste e sudeste do Estado de Minas Gerais. O Estado de Minas Gerais lidera a produção de leite do país com cerca de 30% do total. O Rio de Janeiro consome cerca de 45% e São Paulo ao redor de 25% da produção mineira de leite.

Os preços do leite controlado (pasteurizado e "industrializado") são fixados pelo governo, a nível do produtor e do consumidor. Frequentemente, esta política ocasiona problemas no abastecimento decorrentes do desestímulo que significam para os produtores os preços artificialmente baixos, numa tentativa de controle da inflação. Recentemente foi adotada uma política mais realista, considerada mais adequada pelos agentes da cadeia de produção.

Para guiar-se na administração dos preços do leite o Ministério da Fazenda solicitou à Empresa de Pesquisas Agropecuárias de Minas Gerais (EPAMIG) um levantamento mensal de preços praticados no mercado e os custos de produção, utilizando como referência a área de produção e processamento do município de Juiz de Fora, localizado no leste do Estado de Minas Gerais e, como principal centro consumidor a Cidade do Rio de Janeiro. Estas duas cidades distam 180 km e estão ligadas por rodovia asfaltada por onde é transportado, em caminhão refrigerado, o leite pasteurizado.

Nosso estudo baseia-se em dados fornecidos pela EPAMIG, confirmados mediante visitas a algumas indústrias, localizadas no leste

de Minas Gerais. Levantamos os custos de comercialização de um litro de leite tipo C, pasteurizado e embalado em Juiz de Fora e transportado pa o Rio de Janeiro, onde é vendido no comércio varejista (o leite não é en tregue nas residências). Supomos uma usina de pasteurização que não produz outros derivados do leite. O mês de julho de 1987 é o nosso mês de referência.

PRODUTO: LEITE TIPO C

DATA: JULHO DE 1987	Czs	\$/litro
1 - Preço pago ao produtor na usina (incluindo o		10,50
. Custos de Processamento:		
mão-de-obra	0,08	
pasteurização	0,45	
embalagem	0,96	
imposto sobre a venda (8,5% do preço da usina)	1,35	
PIS e FINSOCIAL (impostos)	0,20	
margem da indústria e custos fixos	1,90 4,94	
opera 6 a utelleray on other so opera o attempt		
. Custos de Distribuição	0,40	
AND THE PERSON NAMED IN COLUMN TWO IS NOT THE PERSON NAMED IN COLUMN TWO IS NAMED IN COLUMN TWO I		2 2
Linking the same and the same a		
2 - Preço Venda da Usina ao Varejista		. 15,84
. margem bruta do varejista	0,76	
The desirence and noting of the control of the cont		
3 - Venda no Varejo ao Consumidor	or assessed about	. 16,60

OBSERVAÇÕES SOBRE PREÇOS E CUSTOS

- 1 O governo fixa o preço a ser pago aos produtores pelo leite produzido e entregue nas usinas de processamento. O produto é habitualmente coletado na porteira dos estabelecimentos agropecuários por caminhões, não raro de propriedade das usinas, e os custos de transporte variam diretamente com a distância a ser percorrida. Periodicamente o produtor recebe o pagamento decorrente da venda do leite às empresas de processamento, já deduzidas as despesas com transporte.
- 2 Os impostos variam conforme o Estado. Em Minas Gerais a percentagem é de 8,5% sobre o preço pago pelas indústrias. Em São Paulo o leite tipo C é isento de impostos.
- 3 Os custos de distribuição incluem o transporte aos varejistas e as comissões sobre as vendas.
- 4 O governo também determina o preço de vendo ao varejista e o preço que este pode cobrar. A margem de lucro bruto dos comerciantes é a diferença entre os dois preço.

Determinar os custos dos varejistas é uma tarefa difícil, uma vez que o leite é um item entre muitos outros que ele vende. Os comerciantes geralmente comercializam também o pão e outros itens relacionados com o café da manhã, guloseimas, cervejas, refrigerantes, sorvetes e artigos de mercearia. Frequentemente os comerciantes reclamam dos lucros auferidos na venda do leite, considerados demasiadamente baixos.

3.9 - Trigo

Desde o início dos anos 50 tem sido feitas tentativas para estimular a produção interna de trigo no Brasil. Apesar do incentivo proporcionado por vários diferentes projetos, elas não foram bem sucedidos. Mais recentemente a produção interna tem crescido apreciavelmente (esta alcançou 4,5 milhões de toneladas em 1986) mas, até agora, mais da metade do trigo consumido no país é importado. Além disso, o trigo importado é mais barato e os subsídios são vitais para possibilitar a sobrevivência do trigo brasileiro.

Esta diferença nos custos entre trigo nacional e importado é responsável pelo grande envolvimento do governo no comércio do trigo e da farinha de trigo. Com o objetivo de contornar os problemas criados por essa diferença, o governo monopoliza a compra do trigo - nos mercados interno e externo - e a venda. Além disso, o governo tem um poder regulador completo do processamento interno do trigo e da venda de seus derivados. O governo determina o preço para os produtores, e compra toda a produção interna. O governo importa trigo e vende, tanto o trigo nacional e o importado, para os moinhos, pagando aos produtores internos um subsídio sempre que o preço de venda do trigo para os moinhos é inferior ao preço ao produtor para o trigo nacional na porta da fazenda.

Além disso, os moinhos funcionam mediante autorização, e cotas de produção são alocadas para cada um deles. Um moinho novo pode ser construído somente com aprovação do governo; o mesmo ocorre para ampliação das instalações existentes. O governo também determina o preço da farinha e de outros produtos derivados do trigo.

O quase completo controle do governo em relação aos mer cados de trigo e de seus derivados tem produzido uma situação muito complicada. A necessidade dos programas de controle da inflação associados a pressões políticas tem ocasionado reajustes pouco frequentes no preço da farinha e dos derivados e a taxas são substancialmente inferiores ao aumento real dos preços. Consequentemente um subsídio ao consumo foi acrescentado ao subsídio à produção. Com o tempo, o subsídio ao consumo tornou-se imenso e a "conta trigo" transformou-se em um importante fator no deficit do setor público.

Esta situação foi revertida só recentemente. Os preços do trigo e da farinha foram substancialmente reajustados e o subsídio ao consumo foi drasticamente reduzido - embora não eliminado. O subsídio à produção permanece, baseado nos argumentos de que a indústria é nova e de que grandes subsídios são mantidos pelos principais países exportadores de trigo.

Outro problema decorrente do completo controle do gover no sobre o trigo e a farinha é a ineficiência que o sistema de cota de trigo impõe ao setor de processamento. Sendo protegidos pelo sistema, os moinhos não se sentem pressionados para melhorar a produtivida de e reduzir custos. Além disso, o sistema predominante tem produzi do casos de corrupção e da práticas desonestas.

Com o objetivo de ajudá-lo no estabelecimento dos preços e no controle dos mercados do trigo e da farinha, o governo tem feito pesquisas de custos; para tal ele estabelece, ocasionalmente, planilhas de custo. Usamos este material no nosso estudo. Supomos um moinho de tamanho médio, localizado em São Paulo (não muito longe das grandes regiões de consumo). O trigo é comprado pelo governo e transformado em farinha de qualidade média.

Existem ainda muitas situações possíveis. O tamanho das instalações dos moinhos variam (aparentemente os moinhos de farinha tem rendimento de escala crescente) e o produto principal pode ser de qualidades diferentes. Além do mais, devido aos subsídios, os produtos derivados do trigo tem, em proporções crescentes, entrado nas rações animais, junto com milho, torta de soja, e outros nutrientes. Consequentemente, existem muitas situações possíveis de serem analiza das nos estudos de custos e margens de comercialização.

A seguir, apresentamos o exemplo que foi selecionado para o trigo. Apesar da origem dos dados empregados, estamos confiantes que eles são razoavelmente realísticos.

continue nature on visitables on colair examples of an ex-un-

TABELA 9.1

Produto: Farinha de trigo (qualidade média)

Local do moinho: São Paulo

Unidade: Saco de 50 kg de farinha; coeficiente de conversão: 1,2913 kg de tri

go/kg de farin	nha	Total Carrier 110 In the	
Data: Novembro de 1987	and the second s	Contract Develor	
		Cz\$/50 kg fa	arinha
1 - Preço pago ao produt	tor interno no armazém (a)		672,44
	orodutor (b)		
2 - Preço cobrado pelo go	overno ao moinho (incluindo imposto o	de vendas)	504,90
. encargos administrat	tivos	1,27	
3 - Custo do trigo para	o moinho		506,17
. processamento do tri . embalagem venda de subprodutos	igo em farinha 45,11 16,79	61,90	
4 - Custo do moinho mais	s a margem		598,99
	(17% de 5 menos 12% de 2) 50,35 3,26	53,61	
E Proce cobrade nole m	moinha (FOR)		652 60
- tobbs - rejent or not	moinho (FOB)		032,00
aproximadamen armazém, em C	de 1987, o preço do trigo cobrado pelo este aquele obtido pela conversão do Cruzados. Em outubro de 1987 o precedia US\$ 93.54/ton.	preço mundial,	CIF no

b) Falamos sobre um "subsídio mínimo ao produtor" uma vez que o preço em (1) é para o trigo no armazém, perto das áreas produtoras, e aquele em (2) no moinho. Consequentemente, existe também o custo de trans

· FOB, foi em média US\$ 93,54/ton.

porte entre o armazém e o moinho a ser considerado.

QUESTIONÁRIO TESTE - MARGENS DE INTERMEDIAÇÃO

Informações Cadastrais:		atom see som
- Firma ou Razão Social	1 36 at builtenen tanin	20 00 03 02 05 06
- Endereço		Telefone
		11 11 11 11 11
- E Unico Estabelecimento?	3111)	Transport as a life of
	Não	legar as engle like
- Atividade Principal	Industrial Industrial	
do Estabelecimento	Serviços	productional start
	Atacado [Jo agen ogten.
The September 1	Comercial Varejo [SET OF ORES
		and an according to
Compra de Produtos Agricolas:		m is easy orman .
e li color se li color	ou transformação	1 2 and a second of the second
	- para revenda [
.1 Indique com a melhor espe	cificação possível, os dois	produtos agrícolas adqui
The second secon	e valor até a data de hoje,	AND THE PROPERTY OF THE PARTY O
to reasonable to a like	Valor (Cz\$)	
Produto(especificar)	Quantidade adqui Unidade de medid	ridaa
	Valor (Cz\$)	is seements to the
Produto(especificar)	Quantidade adqui Unidade de medid	ridaa
in a compared to	E E ANROESS DE ENTRACEDIA	yo li
Laterborous company services		

						*
2.2	Indique o m	nês do ano de 1	1987 em que se	concentrara	am as compras	s dos dois
	Produto	(especificar)	Mês		Valor pago (Quantidade	adquirida .
	TO STUDENT	.00 340 1 901 340/0	19 PE 10	1671 10	Unidade de r	
	Produto	(especificar)			Quantidade de l	
		em que se conce lote dos prod				The state of the s

	QUANTI	UNIDADE	DATA DA	ORIGEM DO PRODUTO	PRI	EÇO ARIO	TI	PO DE EM	BALAGEM
PRODUTOS	DADE ADQUIRIDA	DE MEDIDA	LADUTCTONO	(Municipio	C/Frete pago p/ Compra- dor	Sem Frete	Sacaria	Granel	Outros (especificar)
Maior lote do produto								TA TA	
Maior lote do produto	to the same		o boal or	un'o Tsupi as -vital	pearly as	ale 6 a			

qui-

da compra			MAIOR LOTE DO PRODUTO	MAIOR LOTE DO PRODUTO	
Indústria	nerthies should hood			Quebanq	
Produtor rural Cooperativa Governo Outro intermediário (especificar) 2.5 Ao chegar no estabelecimento foi feita a classificação dos produtos? Sim Não 2.6 Se foi feita a classificação qual o custo médio desta? Cz\$/t na data da compra Cz\$/t (especificar) 2.7 Em quantas horas é feita a classificação de um lote de produtos por apena um trabalhador? lote tempo gasto horas (especificar) -māquinas? lote (especificar) tempo gasto horas (especificar)	Intermediario atacadista .		1 septemadea		
Cooperativa Governo Outro intermediário (especificar) 2.5 Ao chegar no estabelecimento foi feita a classificação dos produtos? Sim Não Não Não Outra referência (especificar) Cz\$/t na data da compra (especificar) 2.7 Em quantas horas é feita a classificação de um lote de produtos por apenarum trabalhador? lote tempo gasto horas (especificar) -maquinas? lote (especificar)	Industria				
Cosperativa Governo Outro intermediário (especificar) 2.5 Ao chegar no estabelecimento foi feita a classificação dos produtos? Sim Não Não (aspecificação qual o custo médio desta? Cz\$/t (aspecificace) Cz\$/m³ (especificace) 2.7 Em quantas horas é feita a classificação de um lote de produtos por apena-um trabalhador? lote (especificace) -māquinas? lote (especificar)	Produtor rural		diaconus es sup	3 Mos Mozes 'v	
Outro intermediário (especificar) 2.5 Ao chegar no estabelecimento foi feita a classificação dos produtos? Sim Mão Mão Mão Cz\$/t na data da compra l'especificar l'espec	Cooperativa		stoperq son again	nother or and	
2.5 Ao chegar no estabelecimento foi feita a classificação dos produtos? Sim	Governo	• • • • • • • • • • • • • • • • • • • •			
2.5 Ao chegar no estabelecimento foi feita a classificação dos produtos? Sim	Outro intermediario		18		
2.6 Se foi feita a classificação qual o custo médio desta? Cz\$/t	(espec	ificar)			
2.6 Se foi feita a classificação qual o custo médio desta? Cz\$/t	A STATE OF THE STA		4	THE RESERVE THE	mo I .
2.6 Se foi feita a classificação qual o custo médio desta? Cz\$/t		The little of	Talmer DAGIZIO	36 30	
2.6 Se foi feita a classificação qual o custo médio desta? Cz\$/t	ta) [salas APA apas falas	All coast 1	TU ti trafficial	A STATE AND	
2.6 Se foi feita a classificação qual o custo médio desta? na data da compra lespecificacitativa	2.5 Ao chegar no estal	belecimento fo	oi feita a classii	ficação dos pro	dutos?
2.6 Se foi feita a classificação qual o custo médio desta? Cz\$/t	Sim .				
2.6 Se foi feita a classificação qual o custo médio desta? Cz\$/t					
Cz\$/t				E-14 V E-14 E-14 E-14 E-14 E-14 E-14 E-14 E-14	14.0
Cz\$/t	Não 🔲				1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1
Cz\$/t	Não 🔲				
Cz\$/t		assificação qu	ual o custo médio	desta?	
Cz\$/t Cz\$/m³ Outra referên- cia (èspècificar) Em quantas horas é feita a classificação de um lote de produtos por apena -um trabalhador? lote tempo gasto horas (especificar) -māquinas? lote (especificar)		assificação qu	ual o custo médio		-0
Outra referên- cia		assificação qu	ual o custo médio	ı na data	outra data
Outra referên- cia			ual o custo médio	ı na data	
cia(especificar) 2.7 Em quantas horas é feita a classificação de um lote de produtos por apena -um trabalhador? lote			ual o custo médio	ı na data	
cia(especificar) 2.7 Em quantas horas é feita a classificação de um lote de produtos por apena -um trabalhador? lote		Cz\$/t		ı na data	
(especificar) Em quantas horas é feita a classificação de um lote de produtos por apena -um trabalhador? lote		Cz\$/t Cz\$/m ³ .		ı na data	
-um trabalhador? lote		Cz\$/t Cz\$/m ³ .	eferên-	na data da compra	
-māquinas? lote tempo gasto horas (especificar)	2.6 Se foi feita a cla	Cz\$/t Cz\$/m ³ . Outra recia	eferên- (ėspėcificar)	na data da compra	(especifica
-māquinas? lote tempo gasto horas (especificar)	2.6 Se foi feita a cla	Cz\$/t Cz\$/m ³ . Outra re cia é feita a clas	fer ên- (ėspėcificar) ssificação de um l	na data da compra	(especifica
	2.6 Se foi feita a cla	Cz\$/t Cz\$/m ³ . Outra recia feita a clas	eferên- (especificar) ssificação de um l	na data da compra	(especifica
	2.6 Se foi feita a cla 2.7 Em quantas horas a -um trabalhador?	Cz\$/t Cz\$/m ³ . Outra recia E feita a class lote (esp	eferên- (ėspėcificar) ssificação de um l te	na data da compra	cespecifica s por apenas horas.
a demonstrate de l'ipos a dois lotes de procu as?	2.6 Se foi feita a cla 2.7 Em quantas horas a -um trabalhador?	Cz\$/t Cz\$/m ³ . Outra recia E feita a class lote (esp	eferên- (ėspėcificar) ssificação de um l te	na data da compra	cespecifica s por apenas horas.
1.4 he dien form identifias in nois lotes de procuis?	2.6 Se foi feita a cla 2.7 Em quantas horas a -um trabalhador?	Cz\$/t Cz\$/m ³ . Outra recia E feita a class lote (esp	eferên- (ėspėcificar) ssificação de um l te	na data da compra	cespecifica s por apenas horas.
	2.6 Se foi feita a cla 2.7 Em quantas horas a -um trabalhador?	Cz\$/t Cz\$/m ³ . Outra recia E feita a class lote (esp	eferên- (ėspėcificar) ssificação de um l te	na data da compra	cespecifica s por apenas horas.
	2.7 Em quantas horas é -um trabalhador? -maquinas? lote	Cz\$/t Cz\$/m³ . Outra recia E feita a clas lote (esp	eferên- (especificar) ssificação de um l cecificar) te	na data da compra	cespecifica s por apenas horas.
	2.6 Se foi feita a cla 2.7 Em quantas horas e -um trabalhador? -māquinas? lote	Cz\$/t Cz\$/m ³ . Outra recia E feita a class lote (esp	eferên- (especificar) ssificação de um l cecificar) te	na data da compra	s por apena horas

2.8 O transporte do maior lote dos dois produtos principais foi realizado com:

	MAIOR LOTE DO PRODUTO	MAIOR LOTE DO PRODUTO:
- Veiculo proprio	****************	Parties Ideletole
- Veiculo de terceiros (exclusivo do vendedor) - Veiculo do vendedor		er finar somioni

2.9 Se utilizou veículo próprio informar:

	MAIOR LOTE DO PRODUTO	
- Tipo de veículo		
- Ano de fabricação		
- Valor do veículo (Cz\$)	- (GI) of each	8399988
- Data do transporte (dia e mês)	(BUMA 94. 16	(History)
- Perdas no transporte	(kg)	kg
- Distância percorrida (ida e volta)	- (km)	(km

2.10 Gastos com o transporte proprio (Cz\$)

	MAIOR LOTE DO PRODUTO	MAIOR LOTE DO PRODUTO
Combustiveis		
Motorista	20120	roček přivořek s cř. ob lořitěřek (*) cř. ob lořitěřek (*)
Outros custos(especificar)	-year colonia and and and	ov elephostov –
Custo total		

2.11 Se o transporte foi realizado em diferentes meios de transporte informar a distância (km) percorrida e os custos.

	MAIOR LOTE DO PRODUTO	MAIOR LOTE DO PRODUTO
- Transporte por ferrovia (km) Custo		- And de falssidad Valor da vencul - Octo do Lranso
- Transporte por via fluvial (km). Custo (especificar unidade) - Transporte rodoviário (km) Custo (especificar unidade)	. (safex a ski) ski-	27 23 24 24 24 24 24 24 24
- Transporte maritimo (km) Custo		

C. Will Str. as good fire started models (\$25)

2.12 Se o transporte foi realizado com veículos de terceiros informar:

	MAIOR LOTE DO PRODUTO	MAIOR LOTE DO PRODUTO
/alor do frete pago	menors on aron space	aminggas - S
Quantidade transportada		
Tipo de veículo		
Origem do produto - Município UF		
Distância percorrida (ida e v <mark>olta).</mark>		
Data do transporte (dia e mês)		
Perdas no transporte		
	1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1	To a ROPAGICA HISTORY
2.13 Formas de pagamento.		(and though
	· · · · ā vista	
Maior lote do produto:		
	ā prazo	(condições)
Major late de sus late	ā vista	
Maior lote do produto	ā prazo	·(ċòndiçŏés)·
2.14 Na aquisição dos produtos	considerados como o pr	
- Emprestimo bancario	taxa de ju	ros
A Charles and the second	Total Control of the	
Actav	MATERIAL STATE OF STA	
- Recursos próprios		
- Emprestimo do Governo F	ederal (E.G.F.)	montante
		data da tomada
		data de termino
- Outros		
		* 4
(especificar)		
(especificar)	zador com vefculos en las	roent: transcr
(especificar)	zada com veľculos ez te	noemos errosantam

2.15 No valor do maior lote de produtos comprados a quanto (valor, alíquota e valor base) corresponderam os impostos efetivamente pagos pelo comprador.

PRODUTOS	MAIOR LOTE DO PRODUTO		MAIOR LOTE DO PRODUTO		PRODUTO		
	Valor	AlTquota	Valor base	Valor	Alíquota	Valor	base
I.C.M			olla).	o d 261) (d sim n olb)	erredred erredred erredred erredred	s consider state do trans-	
Outros impostos (especificar)				0.7000 10000		er s	

2.16 Recolhimento de impostos e encargos sociais pagos por terceiros

PRODUTOS	PRODUTO 1		PRODUTO 2			
	Valor Recolhido	Alīquota	Valor base	Valor Recolhido	Alíquota	Valor base
FUNRURAL		(a.a.a)	Tepleral	evod et on	James -	
OUTROS		•				

2.17 Preços pagos do lote adquirido.

	PRODUTO	PRODUTO
- Preço efetivamente pago, a vista, mercadoria en tregue no estabelecimento vendedor (Cz\$/unidade)		o eli odesă. A strodesă e
- Preço efetivamente pago, a vista, mercadoria en tregue no estabelecimento comprador (Cz\$/unida-de)		n al nagara
- Preço nas condições à prazo, mercadoria entre-	Sea Harriston	D SWEET OF
gue no estabelecimento vendedor (Cz\$/unidade) - Preço nas condições à prazo, mercadoria entre- gue no estabelecimento comprador (Cz\$/unidade).		

3. Recebimento da mercadoria e armazenagem.

3.1	Qual o tempo medio gasto por um trabalhador para a descarga e coloca lote do produto 1 no armazem?	içao do
	produto em sacarias horas.	
i	produto a granel horas.	
1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1	produto em outras embalagens	
3.2	Qual o tempo médio e o custo gasto com maquinarias para a descarga e cação do lote do produto 1 no armazém na data da compra?	colo-
	em sacarias horas, custo (por unidade)	
	ā granel horas, custo (por unidade)	
	em outras embalagens horas, custo (por unidade) (especificar)	
-		+

	o custo médio da	DATA	, EMBALADOS (A GRANEL (Cz\$/t)
Custo do a	doscanga			
Committee Commit				
	(°			
Custo de e	embalagem			tota open e
Custo de e	expurgo			ON BURGET F
Custo de d	conservantes			au piere i
1		I AS A THORNE THE ASS		
	A 1 (CE)	de alle de la constant de la constan		1000
	4			11-
		de armazenagem no e	estabelecimento	dos produtos co
prados		· · · · · · · · · · · · · · · · · · ·		
produ	ıto	período		meses.
produ	ıto III	período		moses
produ	101			
	or para a di con			1.1
3.5 Qual	a custa madia da	armazenagem dos pr	rodutos compando	
		sua saída do estal		
gada	do produco dec d		oc reconnected.	
produ	ito	custo med	dio (Cz\$/unidade)
i di sentori		control of the stage	lam service	adiliare :
produ	ıto	custo méd	dio (Cz\$/unidade)
		100 miles		
data	de referência		o a cultura caluca	- Taug - S.C.
	10-1			100000
		3 3 3	m v	
	1			
Ki- F	Strong Stell For St.	PERSONAL PROPERTY.		200.0
.11		Garage Control	22	10
14 (ab	number of the	THE PARTY OF	· musifatelies	ration to

re de producti.

3.6 Qual o custo médio de armazenagem segundo o tipo de embalagem?

Data de referência

	nation of Analysis	MAIOR LOTE DO PRODUTO	MAIOR LOTE DO PRODUTO
- Custo medio	- sacarias		
	- a granel		
	- outros(especificar)	TO THE PERSON OF	Carlotte and the second

3.7 No custo medio de armazenagem qual a participação percentual dos seguintes custos e na data.

A	MAIOR LOTE DO PRODUTO	MAIOR LOTE DO PRODUTO	
- Custo médio total	100%	100%	
- Combustiveis	(namitional)	Profess	
- Embalagem			
- Expurgo	us tilet en ous els else.	o ar ited 3-1 confere	
- Outros (especificar)		are kind	

n il o cusso da la te minuze adam'i egunto o titos de abilita est.

4.3 Nos meses em que se concentraram as vendas dos dois produtos do item 4.2, dar as seguintes informações sobre o destinatário do maior lote desses produtos vendidos (a um só comprador).

	MAIOR LOTE DO PRODUTO		MAIOR LOTE DO PRODUTO		
	Quantidade	Valor	Quantidade	Valor	
Destinação das vendas		radio 1	otuarby II		
Data					
Mercado interno (total)	Ed soils	not ab a	oftolley		
Supermercados					
Intermediārios atacadistas					
Indūstria	real garaging	autubi e	#.7 % com		
Consumidor final					
Cooperativas		5.2			
THE RESIDENCE OF THE PARTY OF T	take the				
Produtor rural					
Outros (especificar)			Li giviler s		
Mercado externo (total)			piono i suct	ORA -	
Unidade de medida					

Qual o	local de destino dessas ve	ndas?	
Produto		Municipio	U.F
Produto		Municipio	U.F

12

214274

1000	4.5 No pre	ço de venda estav	a incluído o transpor	rte dos produtos?	
	ites en als	Arenijast kiesto	Sim	e a si injurit.	
	Produte	0		estributed 1	
			Não L		
			Sim		l i
	Produte	0	Não [
		1	indo		
	4.6 Se est	ava incluído o tr	ansporte ele foi rea	lizado com:	
				Opening and other vehicle	
	veicul	os proprios			
	veicul	os de terceiros [190	
	Vercuit	os de cerceiros [- I de la constant de	Thecado intorny (total	
			The section of		
			adistes		
	4.7 Se com	veículos proprio	s informar:		1
3				Contraction of	
-			MAIOR LOTE DO	MAIOR LOTE DO	TT.
*		Partie !	PRODUTO	PRODUTO	1 1
			(vendido)	(vendido)	.10
Tine d	a watawila		Harris Toler	officers) I william.	11.7
		1 1 3 1 1	1 60	Merciato externo (to	
				Leadines du medidas.	
- Valor	do veículo (Cz\$)			
- Data d	o transporte				
- Destin	ação - munic	ipio			
	U.F.		e de la la capación de la capación d	0 (600 4.1	
- Perdas	no transpor	te			
- Distân	cia percorrio	da (ida e volta)	- 10- 11	- Produte	
		100			
				- Company	
					113
				No. of the Control of	
	4	0)0 V		The time of a supplier to the supplier of the	
	ill irre.		S Ha F S		
			- 132 - _{(7)(r)}		P
		(4)			

4.8 Para o transporte com veículos próprios informar os gastos com:

Section Land	MAIOR LOTE DO PRODUTO (vendido)	MAIOR LOTE DO PRODUTO (vendido)
- Combustíveis		
- Motoristas		Produto seems
- Ajudantes		
- Encargos sociais		
- Custo total		

4.9 Se o transporte foi realizado com veículos de terceiros informar:

es mos servel 100	MAIOR LOTE DO PRODUTO (vendido)	*	MAIOR LOTE DO PRODUTO (vendido)
- Valor do frete pago			Fernateir zendilt Lordbons mi
- Quantidade transportada		als	office agents as well as
- Tipo de veiculo			Inter Assessment
- Destinação - município			Noscee) and state recovery
- Distância percorrida (ida e volta)			
- Data do transporte (dia e mes)			
- Perdas no transporte			
			e e

	ā vista	
Produto		
	a prazo	- Condições (especificar).
Produto	ā vista	Company of gold suched
Producto	ā prazo	- Condições
		(especificar)
		Fazel ofza0
4.11 Qual a forma em que fora	am vendidos os produtos	
	MAIOR LOTE DO PRODUTO (vendido)	?

- 134 -

6 en la percation

Brown .

4.12	Na	venda	dos	dois	lotes	de	produtos	quanto	0	vendador	pagou	efetivame	n
	te	de im	post	os e	taxas?		6 3 14	5 Es					

	MAIOR LOTE DO PRODUTO (vendido)	MÁIOR LOTE DO PRODUTO (vendido)
-I.Ş.Ş	, children dans	gil deri a musika salungi
- Imposto de exportação		div. 4. minemise No.
-FINSOCIAL	above standing	espera on Luggiera
- Outros		Passing was a week
(especificar)	Sell and the	UZNO pliše pakti

4.13	Qual o	orazo med	lio para	a entrega	dos -	produt	tos	vendidos	s?	. *
	produto					prazo	dė	entrega		dias.
	produto					prazo	de	entrega		dias.

4.14	Qual o custo da embalagem dos produtos vendidos?	
	produto tipo de embalagem	custo
	produto tipo do ombalacom	custo

" [7, ye shaqa mas qo : Hes no betgins sar to e to the text whom that

4.15 Preços recebidos pelas vendas na data de referência.

Ten july gille Gill tam and the graph and th	MAIOR LOTE DO PRODUTO (vendido)	MAIOR LOTE DO PRODUTO (vendido)
- Preço medio efetivamente recebido, com pagamento à vista e mercadoria entregue no estabelecimento vende- dor		- 1.2.5
Preço medio efetivamente recebido, com pagamento à vista e mercadoria entregue no estabelecimento comprador		Prantes I
Preço medio nas condições à pra- zo, com mercadoria entregue no es tabelecimento vendedor		
Preço médio nas condições à prazo, com mercadoria entregue no estabe lecimento comprador	TO D HONG OF SHEET	natura a salah

4.16	Qual o	período mē	dio de ar	mazenagem (dos produ	utos ve	endidos?		
	produto	aller ste to		•••••	período	médio		meses	(dias)
	produto	offen ob op	13		período	medio		meses	(dias)

PRODUÇÃO DE FRANGOS - QUESTIONÁRIO PRELIMINAR

	Dados cadastrais
	Nome do estabelecimento
	Endereço
	Municipo
	Nome do produtor
	Data
	Finalidade predominante
	- Venda de pintos de um dia
	- Venda de frangos vivos
	- Venda de frangos abatidos
	- Venda de ovos
3.	A produção é integrada?
	Sim
	Não [
	Quantos galpões hā na granja?
	Qual a lotação média dos galpões?
	1º galpão nº de cabeças ārea(m²)
	2º galpão nº de cabeças

6.	Qual a idade media das aves até abate ou à venda para o abate?
7.	Em um ano quantos lotes de aves são criados em cada galpão?
8.	A ração é adquirida: pronta
	misturada na granja
9.	Qual a composição da ração?
	- Ração inicial - concentrado%
	- milho%
	- Ração final concentrado% - milho%
0.	Pessoal ocupado.
·	- Nº de pessoas
	- Salārio
	- F.G.T.S
	- 130 Salārio
	- Férias

11. Considerando	apenas o primeiro galpão informado n	o item 5, for	necer os d	ados na
data atual.				
	e cabecas existentes(lote)			
	tidade de ração inicial fornecida			
- Quan	tidade de ração final fornecida			
- Quan	tidade de vacinas aplicadas			
- Nº d	e pessoas ou tratores do galpão			
- No q	e horas/dia por galpão de trabalho			
- Quan	tidade de pintos de um dia			
12. Quantos pint	os de um dia morrem do lote inicial?		38	
T'			and a	
- lote	inicialno de	pintos vitami	inados	
- mēdi	a no ano % (sob	e nº de pinto	os de um di	a)
	1			
	ainda o primeiro galpão informado em	5.1, fornece	er as despe	sas (Cz\$)-
para o lote	de cabeças.			
		1	UNIDADE	
	Mark and the second second second second	QUANTIDADE	DE	DESPESAS
		-	MEDIDA	
- Pintos de um di	a colocados			
- Ração-inicial	concentrado			2
- Kaçao IIII Ciai	milho			
misturada		her to the		
misturada	adquirido pronta			
- Ração final	concentrado			
	milho	per tone	get sit b	
misturada	adquirido pronta			
- mão-de-obra emp	regada			
- Encargos sociai	s			
- Vacinas				
- Cama				
- Aquecimento(gas)	THE PROPERTY OF		
- Energia eletric	a			
	sinfecção	A MARK C		
		(#A) .9		
				- H
	(especificar)			
101				
- Outras despesas	(especificar)			
	(copecifical)			

14.	Valor	dos	bens	e	data	de	Construção	ou	aquisição.
-----	-------	-----	------	---	------	----	------------	----	------------

	Addition action to	DATA DE AQUISIÇÃO OU CONSTRUÇÃO	VALOR ATUAL
Galpão nº 1 (item 5.1 Veículos		9/25/11/2	
- Chocadeiras criadeiras	stations which serves during	or idul	
- Outros equipamentos	(especificar)		
1 (1) (1) (1) (1) (1) (1) (1) (1) (1) (1		ger departal (1845)	a ligg.
Outras instalações	(especificar)		
Talentino (
I MALI	og omresse en en tratación de la compania del compania del compania de la compania del la compania de la compania del la compania de la compa		
	The same are of the same of th		enin-

Destino da Produção

15.	O ūltimo lote de aves vivas foi vendido Quando?	dia, mês
e ÷	Para quem?	nome do comprador, município U.F.
	Qual o tamanho do lote?(nº de cab	peças)
	Qual o valor do lote?'	

16.	Na	venda do ultimo lote quanto gastou o produt	or com:	. Incested	
		engradados	Cz\$		
		no de engradados			
		transporte do lote	Cz\$		
		impostos (especificar)	Cz\$	and of the	
			Cz\$	1 0305cd	
		Marian auren la confer	Cz\$		
	- 14	perdas no transporte			
	- I	nº de aves vitaminados		distance of the	
		in ac aves vicumnados			
17.	Da	venda do ūltimo lote o produtor pagou o fre	te no tra	nsporte? Qu	uanto?
		- Valor do frete	Cz\$		
		abatatimae atmir		the store	RD-1
18.	No	ano corrente como o produtor se financia?		1	
		- Recursos proprios			
		- Empréstimos de bancos particulares [
		- Empréstimos de bancos do governo		41 24	
19.	Se	adquiriu emprestimos de custeio, investimen	to ou com	ercialização	informar as
		dições:	. market	liegues A	, morniar as
	1				
			CUSTEIO	INVESTIMEN- TO	COMERCIALIZAÇÃO
		- Valor de emprestimo			
	-	- Condições			
	_				

5.	Beneficiamento	de	Produtos	Agropecuarios:
----	----------------	----	----------	----------------

5.1	No ano de 1987 quais as quantidades d	los dois principais produtos agropecu
	rios que foram benefiados?	
	Produto	Valor da produçãoQuantidade beneficiada
	(especificar)	Unidade de medida
	Produto	Valor da produção
5.2	Qual a produção industrial em 1987?	al almost of an edition
		annestre remodern

Samuel Safresser or wint a week revise	MATERIA-PRIMA PRODUTO	MATERIA-PRIMA PRODUTO
- Quantidade do produto agricola beneficiada Unidade de medida		The one of the
- Produtos obtidos(especificar)		1358 -
Resíduos Perdas no beneficiamento	const sto land	

OBS.: A especificação dos produtos deve ser a mais exata possível.

				PROD	отто	PRODUTO	PRODUT	PR	RODUTO
	6.20 L		1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1						1 10
- Mê	s de con	centração	da produção						
- Qu	antidade	produzi							
- Un	idade de	medida		. st.ji čika					
- Va	lor da pi	roducão			LSAT -				
							dir mi	ent	
F 4	N			h 6: - :	,				
5.4	No mês mar o cu	1 10	se concentrou o o desse benefici			112		opecuar	rios i
-									
				1					
						MEDIO	UNIDADI		
		PRODUTO	BENEFICIADO	В	DE ENEFI	CIAMENTO	DE MEDIDA		
								i i	
				1				I DECE UT	
		- Produt	(especificar	·j·····					
		- Produt	(especificar						
The second secon		- Produt	(especificar						
		- Produt	(especificar						
		- Produt	(especificar		0.040				
5.4.		- Produt - Produt - Produt	(especificar						
5.4	. 1	- Produt - Produt - Produt duto P	(especificar	S		o peso pr	oduto pr	inci-	
5.4.		- Produt - Produt - Produt Dduto Particip	rincipal no mã	s tērias-pri	mas no			inci	
5.4.	m m	- Produt - Produt - Produt - Produt - pal. ateria-p	rincipal no méação das duas ma	s tērias-pri partic	mas no ipação ipação	o no peso o no peso	(%) (%)		
5.4.	m m	- Produt - Produt - Produt - Produt - Produt ateria-pal. ateria-pateria-pal.	rincipal no méação das duas marima.	žs tērias-pri partic partic ērias-prim	mas no ipação ipação as no	o no peso o no peso custo de	(%) (%) produçã		
5.4.	_ m _ m _ p	- Produt - Produt - Produt - Produt - Produt ateria-pal. ateria-pateri	rincipal no mé ação das duas ma rima	terias-pri partic partic erias-prim	ipação ipação as no ipação	o no peso o no peso custo de	(%) (%) produçã		
5.4	_ m _ m _ p	- Produt - Produt - Produt - Produt - Produt ateria-pal. ateria-pateri	rincipal no méação das duas marima.	terias-pri partic partic erias-prim	ipação ipação as no ipação	o no peso o no peso custo de	(%) (%) produçã		

OPERAÇÕES		4 1 1	UTILIZAÇÃO DO PESS (horas/h	SOAL
- Movimentação dos produtos e matéria - Classificação e controle de qualid				
- Secagem, expurgo e conservação - Beneficiamento				
Qual o mês do corrente ano em que se o			Torin a las	
beneficiados?	т.		uus uus	productos
beneficiados?	PRODUTO	PRODUTO	PRODUTO	PRODUTO
- Mês de concentração das vendas	Talan,			
- Mês de concentração das vendas	Talan,			
- Mês de concentração das vendas Quantidade vendida	PRODUTO	PRODUTO		

5.7 Quantidade de cada produto obtida segundo a matéria-prima utilizada.

	PRODUTOS BENEFICIADOS	PRO	DUTO	PROI	OTUC	PROI	OTUC 	PROI	OUTO
MATERIAS-PRIMAS	The Res	Quan- tida- de .	Uni dade de me dida	Quan tida de	Uni dade deme dida	Quan tida de	Uni dade de me dida	Quan tida de	Uni dade de me dida
- De origem agricola	(especificar)						edu.	21 8 0	
			T me t						

Obs.: Se o produto industrial possuir varias composições (e.q: rações) comsiderar apenas as duas composições predominantes na quantidade do produto.

5.8 Para os dois produtos agrícolas principais (item 5.1) fornecer os estoques existentes ao início e ao final do mês de concentração das vendas (item 5.3).

	ESTO DIA PRI (qua	QUE DO MEIRO D ntidade	O MĒS		TOQUE D DIA DO uantida	
- Produto agricola (especificar)						
- Unidade de medida	11.00		4			
- Produto agricola (especificar)						
- Unidade de medida		**		H.		

senduto escida semendo a metro

5.9 Quantidade e valor dos dois produtos agrícolas beneficiados no mês. rar apenas as quantidades e valores dos produtos beneficiados.

Conside

MATERIAS-PRIMAS		QUANTIDADE BENEFICIADA	UNIDADE DE MEDIDA	VALOR
- Produto agrícola	-adquirido no mês -do estoque exis- tente no estabe- lecimento			
Produto agricola	-adquirido no mes -do estoque esta- belecimento			

5.10 Houve alguma produção derivada de outras matérias-primas que não as informadas em 5.1 ?

PRODUTOS INDUSTRI	ALIZADOS	QUANTIDADE (unidade)	UNIDADE DE MEDIDA	VALOR (preço de	venda
- Lukaramika di	SHOWNING				Til
(especificar)			L. Tarrestar	e gauteni -	
		(nepriliae			1-4
			A MINERAL BE	a stability	
		1443166		e edittor !	

5.11 Despesas realizadas no mês considerado e diretamente ligadas à produção.

		VALOR DAS DESPESAS MENSAI
1.	Despesas com pessoal	en etnem
2.	Combustiveis e lubruficantes	a Bankin La a
3.	Energia eletrica	
4.	Matérias-primas origem agrícola	
5.	Outras materias-primas (especificar)	S of Confidence
6.	Encargos sociais	
7.	Impostos e taxas	
	(especificar)	DATE OF THE PARTY
8.	Seguros	
9.	Embalagens (especificar)	
0.	Despesas financeiras	
1.	Outras despesas(especificar)	
2.	TOTAL	

^{*} Exclusive juros e amortização de investimentos.

6.0 Valor dos bens.

	VALOR ATUAL (dia da pesquisa)	DATA DA AQUISIÇÃO
Maquinas e equipamentos usados direta- mente no beneficiamento		•
Outras maquinas e equipamentos auxilia res	redul of army paiding	
Veiculos		
Instalações Outros bens		

6.1 Depreciação dos bens.

% DO VALOR
Elasqui "III"
11. Outras day
Fartage 1
as Diffe as

6.2	Financiamento de produção. (Tómados ou não no mês).		
	Recursos proprios		
	Empréstimos bancários (bancos particulares) Condições		71
	Linhas especiais de crédito (especificação e condições)		
0.5	underg on the Phales is recorded to the control to	•••	
	Popus on of Utalities and Carlo College Telegraph of Editoria	erre.	
6.3	Receitas no mês.		-
957	Vendas dos produtos derivados do produto		
due o l'e	agrīcola (especificar)	(Cz	\$
-	Vendas dos produtos derivados do produto		
- alle	agrīcola (especificar)	(Czs	\$
	Vendas de outros produtos(especificar)		
	es as reak a richévéb ab minimum montron montron minimum mentre de la company de la co	(Czs	\$ }
		(Czs	\$ }
	Outras receitas (especificar)		1
	ADDITION OF BUILDINGS BE A RELEVINE	(Czs	1
	delining of the state of the st	(Czs	0 /
one	Observações:		1
			-
		1 22	-
1.2	in a gmoute to produces. (Tousdos ou mas no res).	THE PERSON NAMED IN	144
	- 149 -		The state of the s

* 1

SISTEMA DE PREVISÃO DE SAFRAS AGRÍCOLAS Análise das Estimativas Paraná-Santa Catarina e Distrito Federal

1. INTRODUÇÃO

O Projeto Sistema de Previsão de Safras agrícolas (PREVS), implantado mediante um convênio entre o IBGE e o INPE, objetiva es sencialmente capacitar o IBGE a melhorar a eficiência na produção de informações sobre safras agrícolas, que conta com prognósticos e acom panhamentos de caráter subjetivo, não permitindo que se associe às informações geradas um intervalo de confiança.

A metodologia utilizada é basicamente a mesma empregada pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos nas suas pesquisas agrícolas (June Enumerative Survey e December Enumerative Survey). A construção e implementação do PREVS compreende as seguintes etapas:

- 1. Um desenho probabilístico estratificado e interpenetrante de uma amostra de áreas, para servir de base aos procedimentos de estimação.
- 2. A construção do correspondente painel de amostragem de áreas formado por:
 - a) Estratos de uso do solo trata-se de dividir a área de um determinado Estado em estratos relativamente homogêneos em relação ao uso do solo;
 - b) Subestratos geográficos construídos de modo a aumentar a eficiência da estratificação, utilizando técnicas de análise de conglomerados e de contigüidade geográfica;
 - c) Unidades de contagem é uma fase intermediária de subdivisão dos es tratos, com a finalidade de evitar particionar todo o Estado em segmentos, que é a unidade amostral, o que seria uma tarefa ár dua e dispendiosa;

- d) Segmentos são as unidades da amostra, nas quais serão inves tigadas as variáveis de interesse, com o auxílio de uma foto grafia aérea, onde serão aferidos todos os talhões existentes.
- Obs.: Todas estas etapas são realizadas, utilizando dados do Censo Agropecuário, técnicas de interpretação de imagens de satélite (imagens do sensor TM/LANDSAT) e de aerofotografias sendo todas delimitadas em limites físicos permanentes.
- 3. Seleção da amostra probabilística de segmentos o segmento é a unidade de amostra e nele são coletados dados do seguinte tipo: características de suas áreas de exploração (estabelecimentos ou parte de estabelecimentos agropecuários), área plantada, a ser plantada e colhida, rendimento médio e datas de plantio e colhei ta das culturas (ou seja dados necessários para a avaliação e pre visão de safras), informações sobre a composição do rebanho bovi no e suíno, dados de armazenagem, além de outros uso do solo tais como: matas e florestas, terras em descanso, pastagens, terras inaproveitáveis, etc.
- 4. Aplicação de estimadores diretos (estimadores fechados e pondera dos) para obter estimativas de todas as variáveis da pesquisa, ba seados unicamente nos dados da amostra de áreas. Para o estima dor fechado a unidade de informação é uma parte ou subdivisão do segmento, correspondente a um produtor ou outro tipo de detentor dos direitos de exploração do solo, cujas informações são restritas à área contida no segmento. O estimador ponderado, por sua vez requer dados sobre a área total do estabelecimento (Unidade Econômica), que posteriormente são ponderados pela parcela de área contida no segmento, dividida pela área total do estabelecimento, ou por algum fator de ponderação equivalente.
- 5. Construção do sistema de painéis múltiplos, que quando aplicado em combinação com o modelo de amostragem de áreas, melhora bastan te a precisão dos estimadores para variáveis que apresentam uma distribuição particularmente concentrada em um pequeno número de estabelecimentos agropecuários (estabelecimentos especiais), como é o caso por exemplo, da pecuária bovina e suína, ou para cultu

ras concentradas em pequenas áreas do Estado, já que a estratificação é feita baseada no uso do solo, não levando em consideração a ocupação do solo com uma determinada cultura. O uso de painéis múltiplos implica na necessidade do cadastro das variáveis com estas características, para posterior seleção, o que só será possível, após a divulgação total do Censo Agropecuário-1985. Atual mente só se dispõe de cadastro para bovinos e suínos.

O Projeto já se encontra implantado nos Estados do Paraná (1987 e 1988), Santa Catarina (1988) e Distrito Federal (1988), com a finalidade principal de produzir estimativas anuais das safras de produtos prioritários para a economia de cada Estado.

Maiores detalhes quanto a metodologia consultar: Texto para Discussão, Volume 1, número 2, Fev/1988.

2. PARANÁ

A definição dos estratos e a alocação da amostra que compõem o painel de amostragem de áreas para o Estado do Paraná, consta da Tabela 1. O trabalho de coleta de dados no campo para a safra 1986/1987, foi realizado através da investigação de 450 segmentos, que representavam menos de 0,5% da área territorial do Estado, que foram alocados aos estratos com probabilidade proporcional ao tama nho do estrato (número de segmentos), sendo escolhidos por não serem to talmente conhecidos parâmetros tais como: homogeneidade interna dos estratos e o tamanho do segmento ideal.

As estimativas das variáveis investigadas e seus respectivos coeficientes de variação constam do Anexo I, utilizando o estimador fechado para as culturas e armazenagem e o estimador ponderado para a variável bovinos.

Para uma pesquisa de múltiplos propósitos com a que se levou a efeito, os resultados foram bastante satisfatórios para as variáveis: algodão, arroz, feijão-1ª safra, milho-1ª safra e soja,

contudo para outros produtos os resultados apresentaram problemas.

A estimativa da batata-inglesa(de ambas as safras)foi prejudicada em virtude do pequeno número de segmentos que apresenta ram o produto na amostra (Tabela 2).

Somente 9 dos 450 segmentos informaram batata-inglesa da 1ª e da 2ª safra. Caracterizou-se assim, a não representativida de da amostra para este produto.

O feijão e o milho da 2ª safra, são produtos cujos cultivos no Estado são regionalizados, apresentando também, poucos segmentos com informação na amostra.

Para as estimativas de bovinos, foi utilizado a técnica de inclusão com certeza na amostra de estabelecimentos especiais. Os dados referentes a 259 estabelecimentos maiores produtores de gado bovino (mais de 2 000 cabeças) foram agregados a estimativa, apresentando coeficientes de variação adequados, principalmente para o total de bovinos no Estado: 5,02%.

A pesquisa permitiu, também, que se estimasse a média da produtividade (do rendimento médio) esperado pelos produtores à época do trabalho de campo. Essas médias são importantes para se avaliar os resultados no que diz respeito à produtividade da terra (Tabela 3).

Os resultados da produção armazenada nos estabelecimentos agropecuários, da capacidade útil e total, não foram muito sa tisfatórios, em termos de coeficientes de variação, cabendo ressal tar que pela primeira vez, investigou-se a produção armazenada por cultura.

A área total dos estabelecimentos apresentou um CV = 1,88%, devendo este resultado ao alto grau de representativida de na amostra, já que todos os 2 721 questionários coletados, contém esta informação.

De uma maneira geral, pode-se dizer que a amostra utilizada para o ano de 1987, foi bastante adequada para funcionar como

uma amostra piloto. Modificações no tamanho da maostra e na estrati ficação foram efetuadas para a pesquisa realizada em 1988, visando obter melhores estimativas e coeficientes de variação mais baixo.

Uma das modificações foi a criação de um estrato especial para a batata-inglesa. Este produto é cultivado no Paraná numa área muito restrita localizando-se principalmente num conjunto de municípios próximos a Curitiba. Além disto, o cultivo deste produto não é característico de grandes produtores, o que torna praticamente inviável utilizar o recurso de selecionar, com certeza para a amostra, estabelecimentos especiais. A solução encontrada foi desmembrar o estrato 3 em dois. Um, que ficou sendo o estrato 3 atual, contendo municípios produtores de batata, e o outro que convencionou-se chamar de estrato 7. Aumentou-se, ainda, o número de segmentos no estrato 4, definido para a pesquisa anterior e no estrato 7, recém-criado.

Deste modo, o tamanho da maostra usado para as estimativas da safra 1987/1988, foi de 645 segmentos (tabela 4), que além de investigar as mesmas variáveis da pesquisa anterior, incluiu-se também, variáveis da pecuária suína. Foi estabelecido um corte para estabelecimentos especiais que tinham na época do Censo Agropecuário - 1985, mais de 700 cabeças de suínos e/ou mais de 3 000 cabeças de bovinos. Convém ressaltar ainda que, neste ano foi elaborada uma lista contendo estabelcimentos especiais de algodão, arroz e batata, a qual foi extraída, dos municípios mais importantes destas culturas.

O Anexo II contém as estimativas e o coeficiente de variação para as variáveis investigadas, que se comparadas com as estimativas do levantamento anterior, ainda apresentam resultados não muito satisfatórios.

A tentativa de regionalização da área produtora de bata ta-inglesa em um estrato especial, não foi bem sucedida de todo. No estrato 7 que teoricamente não deveria conter áreas produtoras de bata ta, por motivos operacionais relacionados com o processo de seleção da amostra não foi possível atender rigorosamente a este requisito.

Deste modo, a amostra acabou contemplando 11 segmentos com o produto de um total de 230 segmentos selecionados deste estra to. Este fato contribuiu fundamentalmente para a grande magnitu

de dos coeficientes de variação das estimativas.

Qaunto ao feijão-2º safra, que ainda apresentou um alto coeficiente de variação, somente 73 segmentos da amostra apresentaram o produto (Tabela 5).

As estatísticas sobre o Rendimento Médio, constam da Tabela 6.

3. SANTA CATARINA

Cumprindo mais uma etapa no programa de implantação do projeto, uma pesquisa-piloto foi realizada em Santa Catarina, usando o mesmo modelo adotado para o Estado do Paraná, visando estima tivas para as dez principais culturas na safra 1987/1988, pecuária bo vina e suína e armazenagem, através da investigação de 440 segmentos, alocados aos estratos em função da área a ser investigada em ca da estrato. Assim nos estratos com maior peso em agricultura, foram alocadas mais unidades da amostra, já que o objetivo principal é estimar a safra agrícola.

Com este tamanho de amostra, investigou-se 1,39% da área total do Estado, sendo coletados 4 451 questionários. O uso de estabelecimentos especiais só foi possível para as variáveis da pecuária bovina e suína, sendo de 500 cabeças e mais para bovinos e 700 cabeças e mais para suínos, totalizando 282 estabelecimentos agropecuários

O quadro resumo do painel da amostra de áreas consta da Tabela 7.

A ocorrência de problemas referentes ao atraso no período de coleta, devido principalmente a fatores climáticos, acarretaram problemas para as estimativas, bem como a omissão na investigação de situações tais como: a área que já tinha sido colhida de uma determinada cultura (principalmente as de 1ª safra), conceituação quanto a safra 1987/1988 (cebola e fumo), áreas ocupadas com produtos em geral cultivados em pequenas áreas e que não são aferidas (arroz se

queiro), fatos estes constatados na reunião de Avaliação da Pesquisa, realizada em Florianópolis com os próprios entrevistadores.

Os resultados preliminares das estimativas e seus respectivos CV's, encontram-se no Anexo III, assim como as estatísticas sobre o rendimento médio (Tabela 8).

Com a obtenção de um menor ou maior valor para o coe ficiente de variação, está diretamente relacionada com a proporção de segmentos que apresentaram a variável na amostra, e como algumas são contempladas em todos, ou quase todos os segmentos, consequente mente apresentam baixos CV's, como é o caso da área total dos estabe lecimentos, bovinos, suínos, e milho.

Para as demais variáveis, a análise mostra que a representatividade na amostra é baixa (Tabela 9) como, também, a interferência de erros alheios à amostragem como os já citados, produziram CV's mais altos.

Ajustes na estratificação e no desenho da amostra, es tão sendo realizados, para a pesquisa a ser realizada no ano de 1989.

4. DISTRITO FEDERAL

A aplicação da metodologia utilizada, sofreu algumas modificações na sua implantação no Distrito Federal, que com uma área de 5 814 Km², é dividida geograficamente em 8 Regiões Adminis trativas (RAs), as quais foram subdivididas para a realização do Censo Agropecuário-1985, em 67 setores censitários (SCs) e 258 subsetores (SSs), que são áreas contínuas com limites físicos permanentes.

Foi considerada uma amostra probabilística estratificada de áreas, investigando 150 segmentos.

A área territorial do Distrito Federal, foi dividida em seis estratos do universo da amostra e cinco estratos fora do universo da amostra que foram investigados integralmente, contando para isto com tabulações do Censo Agropecuário-1985, sobre a área colhida

das culturas, para às menores subdivisões geográficas consideradas (subsetores censitários), além de informações obtidas referentes ao acompanhamento da agricultura e da pecuária realizada pela EMATER.

A descrição da área dos estratos e a classificação da área segundo o método de obtenção das informações, encontram-se na Tabela 10.

A alocação dos 150 segmentos da amostra, foi propor cional ao número de segmentos em cada estrato, sendo sempre considerado um número par de segmentos em cada estrato, como mostra a Tabela 11, assim como as principais características do desenho de amostragem utilizado.

Com a coleta de 486 questionários, estimativas preliminares foram computadas, mas uma análise detalhada e o fácil acesso a informações sobre estabelecimentos que detém grande parte da produção de certos produtos ou dos rebanhos bovino e suíno, levou a utilizar estimadores de painéis de estabelecimentos especiais para melhorar a precisão dos estimadores diretos, obtida a partir da amostra de áreas. Para a primeira pesquisa do Distrito Federal foram considerados seis painéis de estabelecimentos especiais, obtidos a partir de tabulações do Censo Agropecuário-1985 e dados da EMATER 1987:

- . 23 estabelecimentos com mais de 300 ha de soja
- . 12 estabelecimentos com mais de 200 ha de milho
- . 6 estabelecimentos com mais de 100 ha de arroz
- . Todos os estabelecimentos com mais de 10 ha de manga
 - . 12 estabelecimentos com mais de 500 bovinos
 - . 14 estabelecimentos com mais de 200 suínos

Este grupo de painéis inclui, em particular, os esta belecimentos com mais de 500 ha de área de lavoura, e foi utilizado provisoriamente para o café, o painel de estabelecimentos especiais de bovinos que inclui 11% da área estimada de café, no Distrito Federal.

Os resultados comparativos, entre as estimativas e respectivos CV's, considerando somente o painel de amostra de áreas,

com as estimativas usando os estabelecimentos especiais, constam do Anexo IV.

Estatísticas correspondentes e parâmetros concernentes ao procedimento de estimação das lavouras, nas quais foram usa dos painéis de estabelecimentos especiais, constam da Tabela 12, onde se constata que o número de segmentos com informação para certos produtos ainda é baixa, como é o caso do arroz e do café, sendo a percentagem de área de arroz incluida no painel de estabelecimentos especiais ainda baixa, em relação as outras culturas, e o procedimento atual usado para o painel de estabelecimentos especiais de café, não é apropriado para estimar a área desta cultura.

Nas estimativas das demais variáveis, foi utilizado o estimador fechado, e os resultados encontram-se no Anexo V.

Para o feijão-1ª e 2ª safras, na época da coleta de campo (dezembro/1987), aproximadamente 50% da 1ª safra e 100% da 2ª safra, não tinham sido plantadas, e podem ter ocorrido falhas na indagação para discriminar as safras desta cultura.

Qualquer análise sobre batata-inglesa deve ser efetua da com bastante cautela, já que somente 2 segmentos da amostra apre sentaram o produto, além da área cultivada com o produto ser extrema mente pequena, como é o caso também da mandioca que está pouco con centrada e distribuída em pequenas áreas de cultivo.

Na Tabela 13, encontram-se estatísticas e parâmetros sobre o procedimento de estimação das outras culturas levantadas no Distrito Federal.

Foram também efetuadas estimativas da produção das culturas de soja, milho e arroz (Tabela 14), que são resultados dos dados obtidos sobre a área plantada, ou a ser plantada e sobre o rendimento médio esperado, coletados diretamente dos responsáveis pelos estabelecimentos incluídos na amostra de áreas, e também dos estabelecimentos especiais.

Outras estatísticas sobre o rendimento médio, obtido através dos dados da amostra, constam da Tabela 15.

5. CONCLUSÃO

A construção e atualização anual dos painéis de esta belecimentos agropecuários especiais, ou seja aqueles estabelecimentos que incluem uma elevada percentagem do total das variáveis da pesquisa é atualmente a principal meta do projeto Sistema de Previsão de Safras Agrícolas, contando para isso com a colaboração dos Coordenadores Estaduais, junto à rede de coleta e órgãos envolvidos com estatísticas agropecuárias.

Com este procedimento pretende-se melhorar a precisão das estimativas, fato já constatado pelo estudo, realizado com as estimativas do Distrito Federal, conforme foi apresentado.

A forma objetiva pela qual são obtidas as informações diretamente dos produtores, com delimitação e medição em fotos aéreas, dos campos das culturas ou outra ocupação do solo nos segmentos in cluidos na amostra, requer também um controle de qualidade dos entre vistadores responsáveis pela coleta dos dados, o que será efetuado a partir do próximo ano, como também ajustes na estratificação, no tamanho dos segmentos e no tamanho das amostras nos Estados em que o projeto já se encontra implantado.

TABELA 1

RESUMO DE ALOCAÇÃO DA AMOSTRA DO PARANÁ - 1987

	ESTRATOS		STRATOS		ESTRATOS		NÚMERO	CONTRACTOR CANADA	PERCEN- TUAL DO NÚMERO DE		INVERS. DA FRAÇÃO DE AMOS-			RA CONSTRU - TAMANHO	ção -	NÚMERO	
TIPO	ÁDI	- ^	DO SEGMENTO	DE SEGMENTOS	AMOSTRA	SEGMENTOS	$f_{h=\frac{h}{h}}$	TRAGEM	MÁXIMO		MÉDIO		DE SUBESTRATOS	DEFINIÇÃO DOS ESTRATOS			
	ÁREA (km²)		Section 00	2000 C	T _h	(N _h)	n _h	h N	(%)	f _h	SEGMENTO	ÁREA (km²)	SEGMENTO	ÁREA (km²)	(n ₊ +5)		
	1	29	814	1	29 808	135	29,9	0,5	220,8	110	110	15	15	27	Agricultura intensiva. 80% e mais de área cultivada.		
	2	1,9	062	1 .	19 120	. 85	19,2	0,4	225,0	110	110	15	15	17	Agricultura intensiva. Entre 50 e 79% de área cultivada.		
	3	52	501	2	26 246	120	26,37	0,5	218,8	110	220	15	15	24	Agricultura extensiva. Entre 15 49% de área cultivada.		
	4	23	915	2	11 916	55	11,97	0,5	216,6	110	220	15	15	11	Pastagens. Entre 15 e 45% de árecultivada.		
	5	29	963	4	7 513	35	7,5	0,5	214,6	110	440	15	60	7	Agricultura extensiva. Com menos de 15% de área cultivada.		
	6	39	512	8	4 937	20	4,9	0,4	246,8	130	1 040	16	128	4	Áreas não agrícolas.		
	Σ	194	767	-	99 540	450	_	0,5	221,2	Dr - 2	3 %	0 9 -		5-8			

^(*) Unidades de Contagem.

ANEXO I

PESQUISA DE PREVISÃO E ACOMPANHAMENTO DE SAFRAS AGRÍCOLAS

ESTADO DO PARANÁ - 1987

ESTIMATIVAS DAS ÁREAS DOS PRINCIPAIS PRODUTOS E COEFICIENTES DE VARIAÇÃO (CV)

		ÁREA (HA)											
CULTURA	тот	T FLORES	PLANTA	ADA	A SER PLA	ANTADA	COLHIDA						
	ESTIMATIVA	CV (%)	ESTIMATIVA	CV (%)	ESTIMATIVA	CV (%)	ESTIMATIVA	CV (%)					
ALGODÃO	563 008	13,19	563 008	13,97	ESIIN %	ARE -	[[-3],	-					
ARRÒZ	148 724	9,48	139 425	9,78	-	-	9 301	46,09					
BATATA-INGLESA (1ª safra)	17 069	47,34	7 875	46,75	CE 2000-1	West Elimber	9 192	77,98					
BATATA-INGLESA (2ª safra)	18 916	48,57	2 275	54,93	16 641	52,88	MALL WILLIAM	-					
FEIJÃO (1º safra)	675 411	8,99	80 014	25,64	Marian Jak	. :=	595 390	9,80					
FEIJÃO (2ª safra)	54 717	29,62	19 957	38,01	34 760	39,70							
MILHO (12 safra)	2 809 364	5,18	2 770 290	5,21	ATCOT VAL	-	39 072	77,00					
MILHO (2ª safra)	165 764	17,87	148 146	19,44	17 620	31,16		١,					
SOJA	1 998 576	6,15	1 988 268	6,20	=	-	.10 306	83,85					
CANA-DE-AÇÚCAR	160 846	29,46	160 846	29,46	-	-							
MANDIOCA	79 056	18,00	78 922	17,98	je i t	-	131	111,54					

PESQUISA DE PREVISÃO E ACOMPANHAMENTO DE SAFRAS AGRÍCOLAS

ESTADO DO PARANÁ - 1987

ESTIMATIVA DO TOTAL DE ÁREA E COEFICIENTE DE VARIAÇÃO, SEGUNDO OUTRAS FORMAS DE USO DA TERRA

USO DA TERRA	ES.	TIMA (HA	TIVAS j	C V (%)		
			0.0			
MATAS E FLORESTAS	3	433	233	7,43		
PASTAGENS	6	760	562	4,16		
TERRAS EM DESCANSO	1	050	975	10,98		
TERRAS INAPROVEITÁVEIS		469	782	10,14		
			29			

PESQUISA DE PREVISÃO DE SAFRAS AGRÍCOLAS

ESTADO DO PARANÁ - 1987

ESTIMATIVA DA PRODUÇÃO ARMAZENADA NOS ESTABELECIMENTOS AGROPECUÁRIOS,
DAS SAFRAS ANTERIORES E DA SAFRA 86/87 E COEFICIENTES DE
VARIAÇÃO, SEGUNDO OS PRODUTOS INVESTIGADOS

	SAF	FRAS	ANTE	RIORES	(KG)	SAFRA 86/87 (KG)				
PRODUTO NE É VIOR	ESTIMATIVA		cv	CV (%)		ESTIMATIVA			CV (%)	
				100				17		
ALGODÃO (em pluma)			-		-				19.0	
ALGODÃO (em caroço)			-		<u>18.</u>			-		-
ARROZ (em casca)	1,6	227	474		20,66	2	390	556		42,95
ARROZ (beneficiado)		154	360		56,93			-		-
CAFÉ (em coco)	63	526	720		38,84	4	720	152		84,29
CAFÉ (em grão)		808	884		67,63		67	500		111,55
FEIJÃO (em grão/preto)	3	396	004		44,12	4	975	412		27,66
FEIJÃO (em grão/cores)	3	982	873		28,12	22	763	028		30,89
MILHO (em grão)	168	968	764		14,99	3	949	671		39,25
SOJA (em grão)		331	200		111,55		91	224		111,54
TRIGO (em grão)		236	304		105,53			-1		_

ESTIMATIVAS E COEFICIENTES DE VARIAÇÃO DO REBANHO BOVINO EM 31/12/1986

90.9X	TOTAL DE CABEÇAS						
BOVINOS	ESTIMATIVA	CV · (%)					
TOTAL	9 653 676	5,02					
MENORES DE 2 ANOS	3 421 779	5,30					
MAIORES DE 2 ANOS							
VACAS	3 775 394	5,90					
NOVILHAS	845 829	9,01					
TOUROS	215 114	4,80					
BOIS E GARROTES	1 395 560	11,72					

- 164

ANEXO I

PEQUISA DE PREVISÃO DE SAFRAS AGRÍCOLAS

ESTADO DO PARANÁ - 1987

ESTIMATIVAS E COEFICIENTES DE VARIAÇÃO DE OUTRAS VARIÁVEIS

VARIÁVEIS	ESTIMATI	VAS	CV (%)
ÁREA DOS ESTABELECIMENTOS (ha)	17 680	796	1,88
CAPACIDADE TOTAL DE ARMAZENAMENTO (m³)	22 601	355	20,80
CAPACIDADE ÚTIL DE ARMAZENAMENTO (m³)	18 153	455	20,75
ÁREA PLANTADA COM PÉS EM IDADE PRODUTIVA DE CAFÉ (ha)	545	725	12,39
ÁREA PLANTADA COM PÉS NOVOS DE CAFÉ (ha)	18	828	32,27
ÁREA COLHIDA (maio/dez/86) DE CANA-DE-AÇÚCAR (ha)	61	740	39,67
ÁREA A SER COLHIDA (em 1988) DE CANA-DE-AÇÚCAR (ha)	5	660	100,48
ÁREA A SER COLHIDA (em 1988) DE MANDIOCA (ha)	13	430	30,40

TABELA 2

PESQUISA DE PREVISÃO DE SAFRAS AGRÍCOLAS

ESTADO DO PARANÁ - 1987

DISTRIBUIÇÃO DOS SEGMENTOS DA AMOSTRA POR ESTRATO, SEGUNDO OS PRODUTOS PESQUISADOS

				6.00	gly	Og Go					NÚME	RO DE S	SEGME	NTOS PO	R PR	ODUTO I	PESQU	ISADO	7.7		8	18	19.9			33, 21
ESTR	A	NÚMERO DE SEG	ALG	SODÃO	AF	RROZ	1000000	TATA safra)		TATA safra)		IJÃO safra)	110120	IJÃO safra)		ILHO safra)	1	[LHO safra)	SC	ALC		A-DE- :ÚCAR	(ida	AFÉ de pr <u>o</u> iva)	MAN	DIOCA
TOS		MENTOS	TO TAL	%	TO TAL	%	TO TAL	%	TO TAL	%'	TO TAL	%	TO TAL	%	TO TAL	%	TO TAL	%	TO TAL	%	TO TAL	%	TO TAL	%	TO TAL	%
1		135	44	32,59	55	40,74	FOI	MENT	. B.	W.W.A.	21	15,56	1	0,0	13	9,63	116	85,93	107	79,26	25	18,52	29	21,48	36.	26,67
2	-	85	22	25,88	48	56,47	_	-	-	-	52	61,18	15	17,65	17	20,00	72	84,71	29	34,18	14	16,47	32	37,65	24	28,24
3		120	15	12,50	70	58,33	. 9	7,50	8	6,67	71	59,17	7	5,83	32	26,67	101	84,17	37	30,83	7	5,83	17	14,17	42	35,00
4		55	16	29,09	13	23,64	-		-	_	15	27,27	2	3,64	10	18,18	35	63,64	7	12,73	6	10,91	16	29,09	12	21,82
5		35	7	20,00	19	54,29	-	-	1	2,86	20	57,14	. 1	2,86	7	20,00	29	82,86	2	5,71	4	11,43	4	11,43	5	14,29
6	٠	20		-	6	30,00	-	181-	7 =	Arg-	7	35,00	2	10,00	2	10,00	_ 10	50,00	2	10,00	-	1114	-	-	1	5,00
TOTAL		450	104	23,11	211	46,89	9	20,00	9	20,00	186	41,33	28	6,22	81	18,00	363	80,67	184	40,89	56	12,44	98	21,78	120	26,67

TABELA 3

PESQUISA DE PREVISÃO DE SAFRAS

ESTADO DO PARANÁ - 1987

ESTATÍSTICAS SOBRE O RENDIMENTO MÉDIO (KG/HA) DOS PRODUTOS DA PESQUISA

PRODUTO	NÚMERO DE TALHÕES INFORMADOS	LIMITE	LIMITE SUPERIOR	MÉDIA	MEDIANA	MODA
	1	2	3	4	5	6
ALGODÃO	410	930	2 851	1 816	1 860	1 860
ARROZ	556	496	2 789	.1 441	1 364	1 488
BATATA-INGLESA (1ª safra)	29	8 678	30 992	17 653	19 835	19 835
BATATA-INGLESA (2ª safra)	29	. 2 182	35 950	16 006	17 355	24 793
FEIJÃO (1ª safra)	866	174	1 165	531	496	496
FEIJÃO (2ª safra)	70	96	1 614	646	. 620	992
MANDIOCA	300	10 703	29 298	18 607	20 000	20 661
MILHO	2 342	717	4 242	2 355	2 479	2 479
MILHO (safrinha)	212	496	3 471	1 973	1 984	2 479
SOJA	545	1 364	2 851	2 156	2 107	1 983

TABELA 4 RESUMO DA ALOCAÇÃO DA AMOSTRA DO PARANÁ - 1988

ES	TRATOS	TAMANHO MÉDIO DO	NÚMERO	PERCEN- TUAL DO NÚMERO DE	(21000000000000000000000000000000000000	TRAGEM	INVERSO DA FRAÇÃO DE AVOS-			ARA CONSTR - TAMANHO	RUÇÃO	NÚMERO	10. 5 di 5 di
3(4	ÁREA	SEGMENTO	DE	SEGMENTOS		$f_h = \frac{n}{N}$	TRAGEM	MÁXI	МО	MÉDI	0	DE SUBESTRATOS	DEFINIÇÃO DOS ESTRATOS
TIPO	(Km²)	Th	SEGMENTOS (N_)	N N (%)	n h	(%)	f _h	SEGMENTO	ÁREA (Km²)	SEGMENTO	ÁREA (Km²)	(n ÷5) h i	750
1	28 814	92 1 9 - I	29 808	29,9	135	0,5	220,8	110	110	15	. 15	27	Agricultura intensiva. 80% e mais de área cultivada.
2	19 062	EGDOVO	19 120	19,02	85	0,4	224,9	110	110	15	15	17	Agricultura intensiva. Entre 50 e 79% de área cultivada.
3	2 194	2	1 095	1,1	30	2,7	36,5	20	40	6	12	6	Estrato referente à batata-ingle
4	23 915	2	.11 916	11,9	110	0,9	108,3	60	120	11	22	22	Pastagens. Entre 15 e 45% de área cultivada.
5	29 963	4	7 513	7,5	35	0,5	214,6	110	440	15	60	7	Agricultura extensiva. Com menos de 15% de área cultivada.
6	39 512	8	4 937	4,9	20	0,4	246,8	130	1 040	16	128	4 3 6600, 110	Áreas não agrícolas (instalações militares, parques, reservas, etc.).
7	50 307	2	25 151	25,2	230	0,9	109,3	. 60	120	11 11	22	46	Agricultura extensiva. Entre 15 e 49% de área cultivada.
Σ	194 767	*	99 540		645	0,6	154,3	usay -	HEE4	tako se	27114	a . "=	

^(*) Unidades de Contagem.

ANEXO II

PESQUISA DE PREVISÃO DE SAFRAS AGRÍCOLAS

ESTADO DO PARANÁ - 1988

ESTIMATIVAS DAS ÁREAS DOS PRINCIPAIS PRODUTOS E COEFICIENTES DE VARIAÇÃO

						ÁREA	(HA)	**				
		TOTA	L		PLANT	ADA .	A SEF	R PLAN	TADA	co	DLHIDA	
PRODUTOS	ESTIM	ATIVA 1	CV (%)	ESTI	MATIVA	CV (%)	ESTIMA	TIVA	CV (%)	ESTIMAT	IVA 7	CV (%)
ALGODÃO	579	497	11,0	57	7 921	11,1	F 534	72.7	-	1 5	574	79,8
ARROZ	11	520	9,3	10	5 049	9,3		-	₩	. 5	469	34,1
BATATA-INGLESA (Total)	6	7 712	23,0	3	9 695	29,3	8	641	28,1	19	372	30,7
BATATA-INGLESA (1ª safra)	3	785	29,4		6.411	50,8		-		19	372	30,
BATATA-INGLESA (2ª safra)	3	926	26,1	. 2	283	34,3	8	641	28,1		27	
FEIJÃO (Total)	59	4 764	8,5	(4 239	35,5	7	044	30,2	523	492	. 7,
FEIJÃO (1ª safra)	52	7 847	. 7,6		5 228	63,7		-	-	522	619	7,
FEIJÃO (2ª safra)	6	5 916	38,2		9 002	38,2	7	044	30,2		872	101,
MILHO (Total)	2 38	3 833	4,9	2 3	27 970	5,0	13	276	66,0	42	579	26,
MILHO (1ª safra)	2 22	9 114	5,0	2 1	36 530	5,1		-	-	42 5	579	26,
MILHO (2ª safra)	- 15	4 718	14,7	14	1 439	14,9	13	276	66,0		-	
SOJA	2 43	6 116	5,8	2 3	58 500	6,0		-		77 (515	33,

PESQUISA DE PREVISÃO DE SAFRAS AGRÍCOLAS

ESTADO DO PARANÁ - 1988

ESTIMATIVAS DAS ÁREAS COM CANA-DE-AÇÚCAR, CAFÉ (PÉS EM IDADE PRODUTIVA), CAFÉ (PÉS NOVOS) E MANDIOCA E COEFICIENTES DE VARIAÇÃO

L TITLE TO THE TOTAL PROPERTY OF THE PARTY O									
(Lucus)	119			Á	REA (H	A)			
PRODUTOS		TOTA	L	- PI	LANTAD	A		COLHIDA	A
PROFESSION CONTRACTOR	ESTIMA	TIVA 1	CV (%) 2	ESTIM	ATIVA 3	CV (%)	ESTIM.	ATIVA 5	CV (%)
CANA-DE-AÇÚCAR	145	037	33,4	145	037	33,4		2 - 2	1 723
CAFÉ (pés em idade produtiva)	511	309	12,3	511	309	12,3		-	<u>.</u>
CAFÉ (pés novos)	52	275	22,1	52	275	22,1		Uda.in	Variation T
MANDIOCA	58	686	17,9	58	597	17,9	Diswie -	88	112,6

ESTIMATIVAS DAS AREAS DOS PRINCIPAS PROGREDOS E MOERICIENTES DE WARTAND

ANEXO II

PESQUISA DE PREVISÃO DE SAFRAS AGRÍCOLAS.

ESTADO DO PARANÁ - 1988

ESTIMATIVAS DAS ÁREAS TOTAL DOS ESTABELECIMENTOS, DE MATAS E FLORESTAS, DE PASTAGENS,

DE TERRAS EM DESCANSO E DAS TERRAS INAPROVEITÁVEIS

ÁREAS	ESTIMATIVAS (HA)	(%)
TOTAL DOS ESTABELECIMENTOS	17 376 597	2,4
MATAS E FLORESTAS	3 120 560	11,2
PASTAGENS	.7 066 081	4,7
TERRAS EM DESCANSO	1 081 246	9,4
TERRAS INAPROVEITÁVEIS	395 892	20,8

ANEXO II

PESQUISA DE PREVISÃO DE SAFRAS AGRÍCOLAS

ESTADO DO PARANÁ - 1988

ESTIMATIVAS DO REBANHO BOVINO EM 31/12/1987 E COEFICIENTES DE VARIAÇÃO

CATEGORIA DE BOVINOS	ESTIMATIVA DO NÚMERO DE CABEÇAS	CV (%)
TOTAL	10 194 317	4,6
MENORES DE 2 ANOS	3 495 982	5,0
MAIORES DE 2 ANOS	6 698 335	4,2
VACAS	3 720 347	5,9
TOUROS	217 884	5,1
NOVILHAS , BOIS E GARROTES	2 760 104	6,5

ANEXO II

PESQUISA DE PREVISÃO DE SAFRAS AGRÍCOLAS

ESTADO DO PARANÁ - 1988

ESTIMATIVAS DO REBANHO SUÍNO EM 31/12/1987 E COEFICIENTES DE VARIAÇÃO

CATEGORIA DE SUÍNOS	DO NÚMERO DE CABEÇAS	CV (%)
TOTAL	4 166 192	13,2
MENORES DE 6 MESES	2 640 255	. 12,0
LEITÕES	1 552 752 1 087 503	19,4 9,7
DE 6 MESES E MAIS	1 525 937	7,0
PORCAS CRIADEIRAS	565 724 125 725 834 488	9,7 6,3 11,2

TABELA 5.

PESQUISA DE PREVISÃO DE SAFRAS AGRÍCOLAS.

ESTADO DO PARANÁ - 1988

DISTRIBUIÇÃO DOS SEGMENTOS DA AMOSTRA POR ESTRATO, SEGUNDO OS PRODUTOS PESQUISADOS

			- 3						NÚME	RO DE	SEGMEN	TOS PO	R PROD	UTO PE	SQUISA	00					
ESTRATOS		NÚMERO DE SEGMENTOS		ALGODÃO		ARROZ		BATATA (1ª safra)		BATATA (2ª safra)		FEIJÃO (1ª safra)		. FEIJÃO (2ª safra)		MILHO (1ª safra)		MILHO (2ª safra)		SOJA	
				TOTAL	%	TOTAL	%	TOTAL	%	TOTAL	%	TOTAL	%	TOTAL	% .	TOTAL	%	TOTAL	%	TOTAL	%
			-				h		10	rwr-1	110		1411	1.5			\ \ \ \	•	D.S.		
1	65.		135	47	34,8	48	35,5	_	-	-	-	25	18,5	2	1,4	90	66,6	21	15,5	112	82,9
2	**	27	85	26	30,5	36	42,3	1	1,1	1	1,1	36	42,3	17	20,0	66	77,6	15	17,6	31	36,4
3			30	-	-	14	46,6	19	63,3	18	60,0	23	76,6	10	33,3	27	90,0	5	16,6	1	3,3
4			110	40	36,3	26	23,6	1	0,9	2	1,8	32	29,0	5	4,5	68	61,8	11	10,0	15	13,6
5			35	6	17,1	18	51,4	_		-	* -	18	51,4	7	20,0	29	82,8	4	11,4	2	5,7
6			20	-	-	7	35,0	2	10,0	1	5,0	9	45,0	3	15,0	11	55,0	• 1	5,0	2	10,0
7			230	230	14,7	127	55,2	11	4,7	10	4,3	140	60,8	29	12,6	184	80,0	60	26,0	78	33,9
TOTAL		B. B. C.	645	.153	23,7	276	42,7	34	.5,2	32	4,3	283	43,8	73	11,3	475	73,6	117	18,1	241	37,3

7/4

DISTRIBUIÇÃO DOS SEGMENTOS DA AMOSTRA POR ESTRATO, SEGUNDO OS PRODUTOS PESQUISADOS

ESTRATOS	NÚMERO DE SEGMENTOS	CANA-DE-A	ÇÚCAR	CAFÉ (pés de produti	- Marie	CAFÉ (pés	novos)	MANDIOCA		
sosko		TOTAL	%	TOTAL	%	TOTAL	%	TOTAL	%	
1	135	15	11,1	26	19,2		5,1	38	28,1	
2	85	11	12,9	34	40,2	15	17,6	24	28,2	
3	30	1.1	12 50 818	-	Marie -			.9	30,0	
4	110	7.	6,3	35	31,8	17	15,4	28	25,4	
5	35	3	8,5	3	8,5	DOS, ERODAL	2,8	12	34,2	
6	20			31A00 D0 74A	CHINA -	1,699 =	-	2	10,0	
7	230	15	6,5	28	12,1	14	6,0	75	32,6	
TOTAL	645	51	7,9	126	19,5	. 54	8,3	188	29,1	

TOTAL

TABELA 6

PESQUISA DE PREVISÃO DE SAFRAS AGRÍCOLAS

ESTADO DO PARANÁ - 1988

ESTATÍSTICAS SOBRE O RENDIMENTO MÉDIO (KG/HA) DOS PRODUTOS DA PESQUISA

PRODUTO	NÚMERO DE TALHÕES INFORMADOS	LIMITE	LIMITE SUPERIOR	MÉDIA	MEDIANA	MODA
	1	. 2	3	4	. 5	6
ALGODÃO	696	372	3 100	1 496	1 550	1 860
ARROZ	827	79	5 556	1 437	1 240	992
BATATA (1ª safra)	169	3 719	29 752	16 766	17 355	14 876
BATATA (2ª safra)	141	1 984	21 074	12 866	13 636	14 876
CANA-DE-AÇÚCAR	75	8 264	123 967	58 836	49 586	82 644
EIJÃO (1ª safra)	1 309	50000 74	2 479	750	669	744
EIJÃO (2ª safra)	187	124	2 957	771	744	744
MANDIOCA	540	2 975	60 000	18 823	16 529	16 529
MILHO (1ª safra)	3 521	480	7 800	2 415	2 400	2 479
MILHO (2ª safra)	298	744	6 198	3 005	2 479	2 479
ALOS	806	600	4 800	2 254	2 231	2 479

TABELA 7 - ALOCAÇÃO DA AMOSTRA DE SANTA CATARINA - 1988

EST	RATOS	TAMANHO MÉDIO	NÚMERO	PERCEN- TUAL DO NÚMERO DE	TAMANHO DA	DE AMOS-	INVERS. DA FRAÇÃO			ARA CONSTR - TAMANHO	UÇÃO	NÚMERO	300 010 1370
	ÁREA	DO SEGMENTO	DE SEGMENTOS	SEGMENTOS	AMOSTRA	TRAGEM n	DE AMOS- TRAGEM	MÁX	MO	MÉDI	o .	DE SUBESTRATOS	DEFINIÇÃO DOS ESTRATOS
TIPO	(km²)	Th (km²)	(N _h)	N N (%)	n h	f = {N}h (%)	f _n	SEGMENTO	ÁREA (km²)	SEGMENTO	ÁREA (km²)	(n ÷ 5)	No. 200 Aug to
1	2 010,00	1	2 010	8,1	60	2,9	33,5	20	20	6	6	12	Agricultura intensiva. 80% e mais de área cultivada.
2	4 981,33	2	2 491	10,1	30	1,2	83,0	50	100	9	18	6	Agricultura intensiva. Entre 50 e 79% de área cultivada.
3	22 685,87	4	5 671	22,9	70	1,2	81,0	50	200	9	36	14	Agricultura extensiva. Entre 30 e 49% de área cultivada
4	24 601,59	4	6 150	24,9	75	1,2	82,0	50	200	9	36	. 15	Agricultura extensiva. Entre 15 e .29% de área cultivada.
5	9 393,61	4 10016	2 348	9,5	30	1,3	78,3	50	200	,9	36	6	Agricultura extensiva. Com meno de 15% de área cultivada.
6	17 862,38	8	2 233	9,0	30	1,3	74,4	40,	320	9	72	6	Campos naturais. Com menos de 109 de área cultivada.
7	9 917,90	8	1 240	5,0	15	A- 1,2	82,7	40	320	9	72	3	Áreas não agrícolas. Florestas er geral.
8	80,38	1	80	0,3	10	12,5	8,0	5	5	3	3	PLANTALM 5	Estrato referente à maçã.
9	2 483,13	1	2 483	10,1	120	4,8	20,7	10	10	5	5	24	Especial de produtos.
Σ	94 016,19		24 706		440	1,8	56,1		activity.	police.	Mortine	88	

^(*) Unidades de Contagem.

ANEXO III

SISTEMA DE PREVISÃO DE SAFRAS AGRÍCOLAS

ESTADO DE SANTA CATARINA - 1988

ESTIMATIVA DE ÁREAS E COEFICIENTE DE VARIAÇÃO DOS PRINCIPAIS PRODUTOS

en 30 6 0°	ÁREA TO	JATC	ÁREA PLAI	NTADA	ÁREA A SER F	PLANTADA	ÁREA COL	HIDA
PRODUTO	ESTIMATIVA (HA)	CV (%)	ESTIMATIVA (HA)	CV (%)	ESTIMATIVA (HA)	CV (%)	ESTIMATIVA (HA)	CV (%)
ARROZ (Total)	124 795	18,2	19 999	37,1	Land Appar	_	104 795	20,3
ARROZ SEQUEIRO	21 824	23,6	1 578	32,7	New York and		20 246	24,0
ARROZ IRRIGADO	102 971	21,6	18 421	40,3	-	-	84 549	24,9
BATATA (Total)	9 077	37,5	3 030	50,6		400	6.047	43,2
· BATATA (1ª safra)	4 242	52,7	279	60,8	-	-	3 964	56,2
BATATA (2ª safra)	4 835	42,1	2 752	55;4	_ =	144	2 083	66,5
CANA-DE-AÇÚCAR	9 194	54,8	9 194	54,8		-	yelvilingi s	-
CEBOLA	11 703	27,5					11 703	27,5
EIJÃO (Total)	230 222	10,7	60 947	18,7	10 10	_	169 275	11,8
FEIJÃO (1ª safra)	108 983	12,1	italija -	- T	-	_	108 983	12,1
• FEIJÃO (2ª safra)	121 239	16,9	60 947	18,7			60 292	24,1
FUMO	60 807	14,3	431	80,6	(mi. T.	-	60 376	14,2
MAÇÃ (produtiva)	10 880	33,7	10 880	33,7	SHEVILO WILLY-	1.5-1		_
AÇÃ (pés novos)	2 056	49,3	2 056	49,3	-	aniemieni	-1	-
MANDIOCA	45 334	14,0	42 185	14,3		-	3 149	31,9
MILHO	1 046 357	4,2	787 360	5,3	TVMS-02	-	258 993	12,6
SOJA	436 303	10,6	156 190	21,9	-	R	280 113	13,4

178

(a) hurgings to counties

ESTIMATIVA DO REBANHO BOVINO EM 31/12/87, E COEFICIENTE DE VARIAÇÃO DAS ESTIMATIVAS

CATEGORIAS DE BOVINOS	ESTIMATIVA DO NÚMERO DE CABEÇAS	CV (%)
TOTAL	3 366 412	3,35
MENORES DE 2 ANOS	1 039 478	4,10
MAIORES DE 2 ANOS	2 326 934	4,41
VACAS		3,71
TOUROS	95 681	4,79
NOVILHAS, BOIS E GARROTES	1 035 572	4,75

ESTIMATIVA DO REBANHO SUÍNO EM 31/12/87, E COEFICIENTE DE VARIAÇÃO DAS ESTIMATIVAS

CATEGORIAS DE SUÍNOS	DO	IMAT NÚMI CABE	ERO		CV (%)
TOTAL	3	118	365		6,8
MENORES DE 6 MESES	2	109	565		8,3
LEITÕES	1	110	327		8,4
LEITOAS		999	238		8,2
DE 6 MESES E MAIS	1	008	800		7,6
PORCAS CRIADEIRAS		342	914		9,2
VARRÕES		59	244	- 6	6,2
PORCOS PARA ENGORDA		606	642		7,4

SISTEMA DE PREVISÃO DE SAFRAS AGRÍCOLAS

ESTADO DE SANTA CATARINA - 1988

ESTIMATIVA DA ÁREA TOTAL DOS ESTABELECIMENTOS, DAS ÁREAS DE MATAS E FLORESTAS,
PASTAGENS, TERRAS EM DESCANSO E DAS TERRAS INAPROVEITÁVEIS

sev conviewed.	ÁREAS VIIVADE VOICOU	ESTIMATIVAS (HA)	CV (%)
er-trambs	TOTAL DOS ESTABELECIMENTOS	8 178 193	2,1
	MATAS E FLORESTAS	2 395 348	6,8
	PASTAGENS	3 980 370	3,4
	TERRAS EM DESCANSO	806 418	7,8
ESTINA	TERRAS INAPROVEITÁVEIS	201 846	8,0

ANEXO III

SISTEMA DE PREVISÃO DE SAFRAS AGRÍCOLAS

ESTADO DE SANTA CATARINA - 1988

ESTIMATIVA E COEFICIENTE DE VARIAÇÃO DE OUTRAS VARIÁVEIS INVESTIGADAS

VARIÁVEL WYLVE E EDGBEZIONE	EST	IMA	C V (%)	
TOTAL DOE ENTABELECIMENTOS 6 ATR 193		I S !	Ŋ	4
CAPACIDADE TOTAL DE ARMAZENAGEM (m³)	14 2	293	107	6,15
CAPACIDADE ÚTIL DE ARMAZENAGEM (m³)	11 4	447	739	6,18
ÁREA COLHIDA (maio/dez/87) DE CANA-DE-AÇÚCAR (ha)		1	459	42,93
ÁREA A SER COLHIDA (em 1989) DE CANA-DE-AÇÚCAR (ha)		3	213	78,64
ÁREA A SER COLHIDA (em 1989) DE MANDIOCA (ha)	one.	10	364	23,09

ESTADO DE SANTA GATASTNA - 1988 . .

STRIEBY DE SMENLING DE SAFRAS ARRÍCOLAS

ESTATÍSTICAS SOBRE O RENDIMENTO MÉDIO (KG/HA) DOS PRODUTOS DA PESQUISA

PRODUTO	NÚMER TALH INFOR	ÕES	LIM: INFE	ITE	1	LIMI	TTE RIOR	MÉD	IA		MEDI	ANA		мС	ODA
		1		2			3			4			5		6
ARROZ SEQUEIRO		323		400		5	000	- 1	091		1	000		1	500
ARROZ IRRIGADO		288		400		5	650		779			000		76	000
BATATA (1ª safra)		29	2	850		15	000	6	002		. 5	100		3	000
BATATA (2ª safra)		49	2	100		16	000	6	854		. 7	000		7	500
CANA-DE-AÇÚCAR		118	12	000		70	000	40	820		50	000		50	000
CEBOLA		115	2	800		20	000	.9	217		9	000		9	000
EIJÃO (1ª safra)	8.	645		400		1	500		700			720	I		600
EIJÃO (2ª safra)		939		180		1	500		570			540			600
тимо		848		225		3	300	1	705		1	680	- 12	1	500
4AÇÃ		28	1	000		25	000	17	317		16	000		25	000
MANDIOCA		950	8	000		25	000	14	950		15	000		20	000
AILHO	4	370		600		4	200	2	518		2	400		2	400
ALOS		877		600		4	800	1	427	7/4	1	080			600

TABELA 9

PESQUISA DE PREVISÃO DE SAFRAS AGRÍCOLAS ESTADO DE SANTA CATARINA - 1988

DISTRIBUIÇÃO DOS SEGMENTOS DA AMOSTRA POR ESTRATO, SEGUNDO OS PRODUTOS PESQUISADOS

										NÚM	MERO DE	E SEG	MENTO	S POF	PROD	JTO F	PESQUI	SADO									
STRATOS	NÚMERO DE SEG		RROZ RI GADO		RROZ UEIRO		TATA safra)	Land of the second	TATA safra)		ANA DE ÚCAR	CEE	BOLA	1200 070 0	IJÃO safra)		IJÃO afra)	F	UMO		-	1 5500	IDIOCA	 M3	[LHO	o,	ALO6
	MENTOS	TO TAL	%	TO TAL	%	TO TAL	%	TO TAL	%	TO TAL	%	TO TAL	%	TO TAL	%	TO TAL	%	TO TAL	%	TO TAL	%	TO TAL	%	TO TAL	%	TO TAL	%
1	60	-	- 200-	13	21,67	- <u>-</u>	-	_	-	1	1,67	+3	000	19	31,67	11	18,33	7	11,67	-	00 -	7	11,67	39	65,00	49	81,6
2	30	. 9	30,00	6	20,00		1757.14	2	6,67	. 4	13,33	-)O+	8	26,67	9	30,00	6	20,00	-	-	13	43,33	25	8,33	. 5	16,6
3 .	70	. 8	11,43	32	45,71	6	8,57	. 10	14,29	12	17,14	6	8,57	42	60,00	34	48,57	26	37,14	2	2,86	34	48,57	1) I) <u>-</u> ,		26	37,
4 .	75	5	6,67	35	46,67	6	8,00	5	6,67	5	6,67	3	4,00	43	57,33	29	38,67	23	30,67	1	1,33	30	40,00	69	92,00	24	32,
5	30	1	3,33	2	6,67	- 5	16,67	-	_	-	92 -	_	-	14	46,67	100-	a -	-	, a -	2	6,67	-	-	17	56.67	-	
6	30	4	13,33	6	20,00	1	3,33	-	-	1	3,33	-	_	9	30,00	4	13,33	7	23,33	1	3,33	. 10	33,33	21	70,00	1	3,
7	15	-	-	1	6,67	1	6,67	1	6,67	1	6,67	-	-	5	33,33	. 3	20,00	4	26,67	-	-	6	40,00	8	53,33	-	
8 *	10	-	_	1	10,00	-	-	1	10,0	111	-	-	-	3	30,00	-	2	DIV	-	6	60,00	-	Auril T	4	40,00	-	
9	120	9	7,50	36	30,00	3,	2,50	5	4,17	7	5,83	15	12,5	44	36,67	73	60,83	46	38,33	-	-	54	45,00	116	96,67	49	40,
		-			di Vi	811	1	Others	G 84	HOL	HEVILL	THE ST		1	V 10	10 0	BOUNT	GE T	- I	VOIT S	-	<u> </u>	-		-		

184

TABELA 10 ESTRATOS DE USO DA TERRA DISTRITO FEDERAL

código	DESCRIÇÃO DAS ÁREAS DOS ESTRATOS	CLASSIFICAÇÃO DA ÁREA DO DF OBTENÇÃO DE INFORMAÇÕES					
· A	Com 60% ou mais de área de lavouras, exceto aquelas com predominância de manga						
В	Entre 40% e 59% de área de lavouras						
С	Entre 20% e 39% de área de lavouras						
D	Até 20% de área de lavouras	Estratos do univ	1 18/6/				
. Е	Áreas de reflorestamento	Estratos do univ	erso da amostra				
G	Áreas predominantemente não agrícolas fora da Região Administrativa-I, exceto as do estrato F	. 30 e e h h h h h	50'4 5'884 '889				
М	Áreas com predominância de manga, e mais de 60% de área de lavouras ²	Informações obtidas da coleta em	38413 11083 1011940				
•н	Outras áreas agrícolas, fora da RA-I, onde resulta conveniente obter as informações a gropecuárias nos estabelecimentos, sem delimitar os talhões nas fotografias aéreas ³	campo nos estabelecimentos agro pecuários, sem delimitar talhões das culturas, e sem utilizar fo tografias aéreas.	Informações correspondentes a totalidade dos es tabelecimentos agropecuarios				
J	Áreas agropecuárias da RA-I.As informações são obtidas nos escritórios da EMATER; sem realizar trabalho de campo ⁵	Informações obtidas nos escrit <u>ó</u> rios da EMATER, sem efetuar Trab <u>a</u> lho de campo					
	Reservas florestais, áreas militares e ou tras áreas especiais não agrícolas fora da Região Administrativa-I ⁶	Áreas não agrícolas, sem pesquisa	de informações agropecu <u>á</u>				
U	Áreas urbanas das RAs II e VII, e a Região Administrativa I, exceto o estrato J	THE PARTY OF THE P	DOS STENSION SECURITOR				

- (1) A Região Administrativa-I está fora do universo da amostra
- (2) O estrato M está constituído por quatro áreas separadas
- (3) O estrato H está constituído por duas áreas: Núcleo de Custódia e Penitenciária
- (4) EMATER Empresa de Assistência Técnica de Extensão Rural
- (5) O estrato J está constituído por quatro áreas
- (6).O estrato F está constituído por três áreas

TABELA 11

SUMÁRIO: ALOCAÇÃO DA AMOSTRA DO DISTRITO FEDERAL - 1988

			TAMANHO MÉDIO	NÚMERO DE	PERCEN DO	TAMANHO DA	AMOSTRAGEM	The state of the s	ROS PARA ÃO UCS(*)	TOTAL	PER	MÉDIA UCS	ÁREA DAS UCS	ÁREA MÉ DIA DOS	ÁREA DOS
ESTRATO		Km²)	ESPERADO DOS SEGMENTOS Th (km²)	SEGMENTOS (N)	NÚMERO DE SEGMEN. N /N h	AMOSTRA n h (< 2)	f _n = (n _n /N _n) (%)	TAMANHO MÁXIMO fn-1.Th (km²)	TAMANHO MÉDIO (4fh) ⁻¹ .Th (km²)	DE UPAS	SEGM.	(km²)	SELECIO- NADAS	DA AMOSTRA (km²)	DA AMOSTRA (km²)
Α	Y-1	463	A. Abbenie	463	18,7	28	6,0	16	4	92	5	5,0	178,4	1,003	28,080
В.	91.6	619	1 1	619	25,0	38	6,1	16	4	146	4	4,2	183,4	0,996	37,866
С	1	488	2	744	30,0	44	5,9	25	8	207	4	7,2	382,0	1,997	87,871
D	1	663	3	555	22,4	34	6,1	36	12	180	3	9,2	391,2	2,987	101,543
E.		218	3	73	2,9	4	5,5	36	12	19	4	11,5	48,8	3,006	12,023
G		79	3.	26	1,0	2	7,7	36	9	8	3	9,9	20,1	2,994	5,888
TOTAL	4	530	s and s trum	2 480	100,0	150	6,0	1	3 30,00	652	nucu-	10.20	1 204,7	is enough	273,271 (6,0%)

. (*) Unidades de Contagem.

precurodo pas Amena bos Esthatos

DISTRITO MEDERAL

ANEXO IV PESQUISA DE PREVISÃO DE SAFRAS AGRÍCOLAS DISTRITO FEDERAL - 1988

	ESTIMATIV	AS US	ANDO SOMENTE	O PA	INEL DE ÁREA	ESTIMATIVAS USANDO PAINEL DE ESTABELECIMENTOS ESPECIAIS								
PRODUTO	HVWGV		ÁREA (ha)			ÁREA (ha)							
	TOTAL		PLANTADA		A SER PLANTADA		TOTAL		PLANTAG	PΑ	A SER PLANTA			
	ESTIMATIVA	CV%	ESTIMATIVA	CV%	ESTIMATIVA	CV%	ESTIMATIVA	CV%	ESTIMATIVA	CV%	ESTIMATIVA	CV%		
ARROZ SEQUEIRO	12 880	35,7	7 392	48,9	5 488	54,6	6 376	21,8	3 359	18,5	3 017	42,		
MILHO	21 260	15,1	17 608	14,8	3 609	45,4	18 188	13,8	14 963	13,3	3- 225	49,		
soja	50 325	13,1	35 411	14,7	14 913	24,7	45 991	11,2	36 439	11,4	9 552	24,		
				4.5				200						

ANEXO IV

PESQUISA DE PREVISÃO DE SAFRAS AGRÍCOLAS

DISTRITO FEDERAL - 1988

	**************************************		ANDO SOMENTE DE ÁREAS	0	ESTIMATIVAS USANDO O PAINEL DE ESTABELECIMENTOS ESPECIAIS ÁREA (ha)							
PRODUTO	59 822 31 53 808 34	ÁREA	(ha)	46.9								
12 800 55.7	IDADE PRODU	JTIVA	PÉS NOV	os	IDADE PRODU		PÉS NOVOS					
STIMPLINE OVE	ESTIMATIVA	CV%	ESTIMATIVA	CV%	ESTIMATIVA	CV%	ESTIMATIVA	CV%				
CAFÉ	434	54,6	1 329	88,3	557	42,1	1 331	86,9				
MANGA	1 606	11,7	150	43,4	1 440	8,0	151	43,3				

ANEXO V

PESQUISA DE PREVISÃO DE SAFRAS AGRÍCOLAS DISTRITO FEDERAL - 1988

ESTIMATIVA DOS REBANHOS BOVINO E SUÍNO EM 31/12/1987, USANDO PAINEL DE ESTABELECIMENTOS ESPECIAIS

	CATEGORIA DE BOVINOS E SUÍNOS	D	ERO E EÇAS	CV%
	TOTAL	91	860	. 8,6
a actions)	MENORES DE 2 ANOS	. 29	465	10,3
BOVINOS	MAIORES DE 2 ANOS			
e .	VACAS	. 38	011	8,4
1.3-10	TOUROS	2	905	10,0
PRODU.	NOVILHAS, BOIS E GARROTES	21	477	12,5
	TOTAL	52	880	9,4
	MENORES DE 6 MESES			
	LEITÕES DE	16	913	11,0
	LEITOAŞ	15	591	9,9
suínos	MAIORES DE 6 MESES			82
	PORCAS PARA REPRODUÇÃO	9	399	10,5
	VARRÕES REPRODUTORES	2	475	10,7
	PORCOS PARA ENGORDA	.8	500	14,5

ANEXO V

PESQUISA DE PREVISÃO DE SAFRAS AGRÍCOLAS DISTRITO FEDERAL - 1988

ESTIMATIVAS DE ÁREAS DOS PRODUTOS EM QUE SOMENTE FORAM UTILIZADOS O PAINEL DE ÁREAS

	, Lafanor eg		ÁREA (h	a)		
PRODUTO	TOTAL	ies :	PLANTAD	A	A SER PLAN	TADA
Touros	ESTIMATIVA	CV%	ESTIMATIVA	CV%	ESTIMATIVA	CV%
BATATA-INGLESA (1ª safra)	1 155	79,5	142	53,0	1 013	90,3
FEIJÃO (1ª safra)	916	21,4	818	24,1	98	74,1
FEIJÃO (2ª safra)	659	37,1	-	- 840	659	37,1
MANDIOCA	557	42,1	557	42,1	H	-
					2	

BINATIVA DOS REDANAÇÃ HOMENO E SULVO CO 11/12/

DISTRITO FEDERAL - 1988

ESTIMATIVA DE ÁREA TOTAL DOS ESTABELECIMENTOS AGROPECUÁRIOS, DE ÁREAS
DE MATAS E FLORESTAS, DE PASTAGENS, DE TERRAS EM DESCANSO, DE TERRAS
INAPROVEITÁVEIS E DE SOLO EM PREPARO

	1 201	1008	34	47		ÁREA 7	TOTAL
		ESPECIFIC	AÇÃO	10	ESTIMA	ATIVAS	COEFICIENTE
191	, 0 s02			11	(I	na)	VARIAÇÃO (%)
	ESTABELE	CIMENTOS .			359	966	2,11
	MATAS E	FLORESTAS			45	492	6,82
	PASTAGEN	s			188	576	5,85
	TERRAS E	M DESCANSO			. 17	264	17,80
4	TERRAS I	NAPROVEITÁ	VEIS		16	090	31,99
	SOLO EM	PREPARO			29	751	18,84

197

VILLE BOLTS

TABELA 12
ESTATÍSTICAS CORRESPONDENTES ÀS PRINCIPAIS LAVOURAS, E PARÂMETROS
CONCERNENTES AO PROCEDIMENTO DE ESTIMAÇÃO

DISTRITO FEDERAL - 1988

1		REAR 1	PERCENTAGEM	NÚMERO DE SEGMENTOS			NOS EST		ÁREA NOS ESTABELE
PRODUTO	VARIÁVEL	ÁREA (ha)	AREA TOTAL	COM INFOR MAÇÃO	cv	ESTRATO H	ESTRATO M	ESTRATO	CIMENTOS ESPECIAIS (ha)
SOJA .	Área total Área plantada	45 991 36 439	100%	28	11,2% 11,4%	na Jen		780	19 501 18 651
·	Área a ser plantada Área total	9 552	21%	14	24,0%			780	850
MILHO .	Área plantada Área a ser plantada	14 963 3 225	100% 82% 18%	70 64 16	13,8% 13,3% 49,6%	28		216 216 -	4 711 4 316 395
ARROZ SEQUEIRO	Área total Área plantada Área a ser plantada	6 376 3 359 3 017	100% 53% 47%	38 27 17	21,8% 18,5% 42,3%	RESTRUCTO	-08	141	1 036 763 273
	Área total Área correspondente	1 591	100%	34	8,8%	-	960		11
MANGA	a pés em idade produtiva Área correspondente	1 440	91%	26	8,0%		960	720 Tu	11
	a pés novos	151	9%	- 11	43,3%	u.o. - /0i	robeleny	glaza Di	VILKE
CAFÉ (pés novos)	Área total	1 331	100%	6 440	86,9%	Inse	-	-	1,2
CAFÉ (pés em ida de produti va)	Área total	557	100%	7	42,1%	-			122,0

() ()

6) × × ×

TABELA 13

ESTATÍSTICAS CORRESPONDENTES A OUTRAS LAVOURAS, E PARÂMETROS

CONCERNENTES AO PROCEDIMENTO DE ESTIMAÇÃO

DISTRITO FEDERAL - 1988

HWW9	inento medio espinal		NÚMERO DE		ÁREA	(ha)
	VARIÁVEL	ÁREA	SEGMENTOS COM PRO	CV	ESTRATOS	ESTABELECIMEN-
nencus	ов зедментов сом о	(ha)	DUTO	10.0	H, M e J	TOS ESPECIAIS
FEIJÃO	Total ma mayayay	1 575	29	21,4%	156,0	0
EM GRÃO	Plantada	818	19	24,1%	19 U.S. 19	0
(1ª e 2ª safras)	A ser plantada	757	14	34,5%	12,0	0
FEIJÃO	Total	916	21	23,9%	144,0	0
EM GRÃO	Plantada	818	19	24,1%	144,0	0
(1ª safra)	A ser plantada	98	. 3	74,4%	0,0	0
			680	enzo ·		3
FEIJÃO EM GRÃO	Total					*
(2ª safra)	(A ser plantada)	659	42		12,0	0
MANDIOCA	PSOCIACIO INSCRICTO	FA 18 1147 1111	S CORSICIO	Will De		
(A ser colhida em 1988)	Total	745	37	26,1%	40,0	0 .

TABELA 14

DISTRITO FEDERAL - 1988

PRODUÇÃO DAS PRINCIPAIS LAVOURAS, COEFICIENTES DE VARIAÇÃO E OUTROS RESULTADOS CORRESPONDENTES AO PROCEDIMENTO DE ESTIMAÇÃO

		PRODUTO	
ESPECIFICAÇÃO	SOJA	MILHO	ARROZ
Produção (ton.)	103 916	60 895	9 728
CV_Haj was L by surequ	11,4%	13,5%	25,2%
Rendimento médio (kg/ha)	2.260	3 348	1 526
Número de segmentos com o produto	28	70	38
ESTRATOS ESPECIAIS - Produção (ton.)	1 404	375	169
- Rendimento médio (kg/ha)	1 800	1 540	1 200
ESTABELECIMENTOS ESPECIAIS	WE - 1404		
- Produção (ton.) - Rendimento médio (kg/ha)	43 457 2 228	23 041	2 176 1 778

() ()

() W (

19 3 1108

TABELA 15

DISTRITO FEDERAL - 1988

ESTATÍSTICAS SOBRE O RENDIMENTO MÉDIO (KG/HA)

DOS PRODUTOS DA PESQUISA

PRODUTOS	NÚMERO DE TALHÕES			ORES /ha)			MED:		DE POS /ha)	IÇÃO		
	INFORMAÇÃO	MÁX	IMA	MÍN	IMA	MÉ	DIA	MED:	IANA	МС	DDA	_
ARROZ SEQUEIRO	52	4	500		600	1	414	1	200	1	200	
BATATA-INGLESA (1ª safra)	3	24	000	18	000	20	000	18	000	18	000	
FEIJÃO (1ª safra)	20	2	160		120		957	1	900		900	
FEIJÃO (2ª safra)	11	1	800	- 8	480		861		600	2	480	
MANDIOCA	12	25	000	2	500	11	145	8	750	5	000	
MILHO	136	7	800		600	2	600	2	100	1	200	
SOJA	64	4	800	. 1	500	2	424	. 2	400	2	400	

SECRETARIA DE PLANEJAMENTO E COMPRENAÇÃO DA PRESIDÊNCIA DA REPUBLICA DINETUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA — IBGE DINETORIA DE PESOUISAS E INQUERITOS DEPOSITIONADO DE ASPONCIA A			NÚMERO DA PASTA	NÚMERO NA PASTA	NÚMERO DO QUESTIONARI		SUBESTRATO
PESQUISA AGROPECUÁRIA DE 1988 — PR/SC/DF	37	-	NÚMERO DO ESTRATO	NÚMERO DA UVA		SEGMENTO "	
CONVÊNIO IBGE INPE			ESTRATO	O.	Número	Número da Fotografia	Identili- cação da
	100		100			Aérea	Area
PA. 1 — QUESTIONARIO GERAL	MUNICÍPIO	,	A STATE OF THE STA		10 m m	-	1
02 DAD	OS DE IDENT	TIFICAÇÃO	- 10 - 20	Timent	1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1	y Gy jejtí i	43 po 1-10
EST	TABELECIMEN	то			m3-14	Lane a	
01 NOHE	8 3		- 15 to 100				
02 FUNEBECA							
ENDEREÇO	PRODUTOR		***************************************				
03	2512					7	
MOME OU RAZAO SOCIAL							
04 ENDEREÇO							
05 DIREÇÃO DOS TRABALHOS DO 68 A RESIDENCIA DO PRODUTOR E DENTRO DOS LIMITES DO SEGME	STA ENTO? 07	QUAL A	AREA DENTRO DOS DO SEGMENTO?		8 QUA	L A AREA TOT	10?
[Individual 1		Area 1	Nome . codig equivalencia		Area 1	Nome co	Superficie 2
PRODUTOR Sociedade de Pessoas 3 2 Sim 4 Não			edarasteuera			eda, se i gili	Com M
ADMINISTRADOR						1	
O3 ARMAZENAGEM NA AI	REA DO SETA	BELECIME	NTO EM 31/12/87				
ARMAZENA ALGUM DOS SEGUINTES PRODUTOS:	12	POSSUI C	UTRA(s) AREA(s), N	O CONFINAN	TE(s). DE EXPL	ORAÇÃO AGRÍ	COLA E/OU
ARROZ, CAFE, FEIJAO, MILHO, SOJA OU TRIGO? 2 Sim 4 Não (vá para o QUESITO 11)	12		2 Sim	SUINA DENTR	O DOS LIMITES	Não	07
QUAL A QUANTIDADE ARMAZENADA EM INSTALAÇÕES	13	OUAL	QUANTIDADE ARM	AZENADA NA			IMENTO?
DENTRO DOS LIMITES DO SEGMENTO? SAFRAS ANTERIORES SAFRA ATUAL	1.01	GONE /	T GOATTIONDE ATTI	SAFRAS AN		SAFRA	-
em casca	kg	[em c	asca	1	kg	2	kg
ARROZ beneficiado 3 . kg 4	kg ARRO		ficiado	3	kg	4	kg
CAFE em coco	kg	∫ em c	юсо	5	kg	6	kg
em grāo	Kg	l em g		7	kg	8	kg
FEIJÃO - em grão preto9 kg 10	kg FEIJI	40 - em gr	an pretu	9	kg	10	kg
cores 11 kg 12	kg kg		1	11	kg	14 .	kg kg
TE Lo Se	ka	em gra	G	5	kg kg	16	kg
SOJA - em grão	ka 300A	- em grad		7	kg	18	kg
TOTAL 19 kg 20	kg	o - em gra		9	kg	20	kg
11 QUAL A CAPACIDADE DE ARMAZENAGEM EM INSTALAÇÕES DENTRO DOS LIMITES DO SEGMENTO?	14		CAPACIDADE DE ARM	AZENAGEM I	NA ÁREA TOTAL	DO ESTABEL	ECIMENTO?
Total 1 m ³ Otil 2 m ³	T	Total [1	m³	0t11 2		m ³
04 BOVINOS NA AREA TOTAL DO ESTABELECIMENTO EM 31/12/87	05		NOS NA AREA DENT	RO DOS LIMIT	TES DO SEGME	NTO EM 31/12/	187
15 POSSUI EFETIVO DE BOVINOS?	19		Pr	OSSUI EFETIV	DE SUINOS?		
2 Sim 4 Não (và para o QUADRO 05)		2	Sim	4 🗆	Não (vá para	o QUADRO 06)	
16 QUAL A COMPOSIÇÃO DO REBANHO EM 31/12/87?	20			POSIÇÃO DO	REBANHO EM		
NÚMERO DE CABEÇAS							
MENORES DE 2 ANOS						NOMERO DE CAI	BECAS
Vacas (inclusive novilhas prenhes)	м	ENOS DE 6	MESES		1		
MOVI I I I I I I I I I I I I I I I I I I					2		
Togras (reproductives)		Leitoas			ـــا		
Bois e garrotes TOTAL 6	. 0	E 6 MESES Porcas c	E MAIS riadeiras (para re	produção) .	3		
17 QUAL A AREA DE PASTAGEM DESTA CRIAÇÃO? 18 BOVINOS DENTRO DO SEGMENTO	RA 27				G		
Unidade de Superfície 2 Unidade de Superfíci	e 2	Varroes	(reprodutores)	********			
Area Nome, código e equivalencia em m² Nome, código e equivalencia em m² Nome, código e equivalencia em m²		Porcos e	porcas para engor	da	5		
			тотя	L	6		

-					SO DA TERR		IGOS CORRE		-	_	E CULTIVO	-	PLANTIO/CO	LHEITA		797
			1	ar (colhi-		(pés novos	-	Soja		TIPO D	LOULING		(mês)	1	100000	-
30 - A 03 - B 04 - B 05 - C 06 - C	da oua sercolhida jan./ mar./88) 9 - Cana-de-açücar (aser condital jan./dez./8) 10 - Cana-de-açücar (aser condital jan./dez./8) 10 - Cana-de-açücar (aser condital jan./dez./8) 11 - Batata-inglesa (águas) 26 - Cebola 11 - Feljão (águas) 27 - Fumo 16 - Hilho (safrinha) 27 - Fumo 17 - Cana-de-açücar (colhida jan./dez./8) 29 - Handoloca (aser colhida jan./dez./8) 20 - Hatas e flocation de sercolhida jan./dez./8) 20 - Hatas e flocation de sercolhida jan./dez./8) 21 - Handoloca (aser colhida jan./dez./8) 21 - Handoloca (aser colhida jan./dez./8) 22 - Handoloca (aser colhida jan./dez./8) 23 - Handoloca (aser colhida jan./dez./8) 24 - Mandoloca (aser colhida jan./dez./8) 25 - Handoloca (aser colhida jan./dez./8) 26 - Cebola 27 - Fumo 28 - Mação (aser colhida jan./dez./8) 29 - Handoloca (colhidaou aser colhida jan./dez./8) 20 - Matas e flocation de sercolhida jan./dez./8) 21 - Pastagens 22 - Terras em de sercolhida jan./dez./8) 21 - Manga (em idade produr tiva) 22 - Terras em de sercolhida jan./dez./8) 23 - Manga (em idade produr tiva) 24 - Milho (safrinha) 25 - Solo em predur tiva) 26 - Cebola 27 - Fumo 28 - Manga (em idade produr tiva) 28 - Mação (em idade produtiva) 29 - Handoloca (colhidaou aser colhida jan./dez./8) 20 - Matas e flocation de mes sercolhida jan./dez./8) 21 - Pastagens 22 - Terras em de de mes sercolhida jan./dez./8) 21 - Manga (em idade produr tiva) 22 - Terras em de de mes sercolhida jan./dez./8) 21 - Manga (em idade produr tiva) 22 - Terras em de de mes sercolhida jan./dez./8) 22 - Manga (em idade produr tiva) 23 - Manga (em idade produr tiva) 24 - Milho (em curva de nível)						descanso	2 - Simples 4 - Associado descanso proveitá- 6 - intercalado			04 - Abril 9			ro o ro		
6	INFORMADAS	ı				USO DA	TERRA - S	AFRA 1987/	1988							
							AREA					DIHENTO M le de área	Informada)		м	ES
N9 D0			CODI					Unidade	e de Superi	ficie		Uni dade	de Medida	TIPO	100	
PO 1	USO DA TERRA	2	G0 3	Total do Campo	Plantada 5	A Ser Plantada 6	Colhida 7	Nome	Códi equiva em	lencia	Obtido/ Esperado	Noné	Equivalên cia em kg ou frutos 10	LING	Plan tio	Ihe ta
		and.			Line	1, 12		•					12.0.4	0		
1	W							-				E satisfies	de súmero			
1												1		1000	u v	
-	T. Mercel								1	Sec 118	OF SE		ER TE			
1																-
7					- West											
1						1				and the						
+														100	-	
1	A	100		444							- Nacy	101	201			
-									1	-		-		55A TO		
-	-					7 5 F					-		-	-		-
-													-			-
+	-			111	-								-		-	-
+		-		165							-		-			-
+	(8)					9-2/-				-	-		-		100	-
+				-												-
+										-			-	_		
-		-	-											0.3		-
+	her resonation												-	-		-
+					1001 10								e le lie			-
+		10-811-10		Landon.			i ot					18.8		7000		-
-				JE							distant.		1813 T	1		_
1	The second section is	-			100	700	10			D. N			1			
-						- 50				-			-	13		_
-	A STATE OF THE STA		_													_
99	TOTAL		-							12						
							OBSERVAÇÕI	:8								
	***************************************						AUTENTICAÇI	•		******	********	*********				
_		-	FORMA	wire.			- I	-			VEL PELA CO				-	_
		IN														